



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
Câmpus Universitário de Três Lagoas  
Programa de Pós-Graduação em Letras



**CARMEN LUCIA MILITO DOURAN**

# **INTRODUÇÃO E RETOMADA DE TÓPICOS EM ENTREVISTA TELEVISIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanessa Hagemeyer Burgo

**TRÊS LAGOAS – MS  
ABRIL/2014**

## **DEDICATÓRIA**

À memória de meu pai, Orlando Douran, que nos deixou um pouco antes deste trabalho ser finalizado.

Pela presença constante, pela imensa generosidade e por tudo que me ensinou a ser. Saudades!

## AGRADECIMENTOS

Acredito que agradecer deva ser, antes de tudo, uma atitude singela e deva partir das raízes mais puras do ser (aqui tomado em duplo sentido) e, acima de tudo, um reconhecimento humilde, pois só conseguimos conquistar nossos objetivos com a ajuda de pessoas que se tornam amigos leais e devotos do nosso sucesso.

Meus sinceros agradecimentos:

A Deus, que nos guia, iluminando nossos pensamentos e clareando nossos caminhos.

Aos meus pais, por sempre me incentivarem e apoiarem em tudo. Pela honestidade e retidão herdadas.

Ao meu marido, Saul Borges da Silva, por ter me apoiado nesse intento e ter provido suporte financeiro, sem o qual, não teria sido possível a realização desse sonho.

À minha querida Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Hagemeyer Burgo, por ter acreditado em mim desde o início e por ter dividido seu conhecimento. Pela sua receptividade e bom humor constantes com que sempre esclareceu minhas dúvidas e orientou minha pesquisa, além da amizade sincera que ficou para sempre.

Aos professores Edson Rosa Francisco de Souza, Eduardo Penhavel de Souza, Vitória Regina Spanghero, Diana Luz Pessoa de Barros, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos e Rogério Vicente Ferreira por terem ampliado meu universo linguístico, pelas orientações, pela palavra eloquente e, sem dúvida, pela maravilhosa convivência durante as aulas.

Aos professores da Banca de Qualificação, Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Vitória Regina Spanghero pela atenção dedicada à leitura do meu trabalho, pelas observações, correções e valiosas contribuições.

Ao professor Paulo de Tarso Galembeck por ter aceitado nosso convite para a Banca de Defesa, por sua fala grandiloquente e suas observações imprescindíveis para a finalização desse trabalho.

À professora Letícia Jovelina Storto, pela adorável parceria, acrescentando imprescindíveis contribuições.

À CAPES, por ter financiado parcialmente este trabalho, por meio da concessão da bolsa de estudos.

Aos secretários Claudionor Messias da Silva e Camila Tonani Melo, pela simpatia e receptividade com que sempre me atenderam. Pelo incentivo e palavras confortantes.

Aos colegas de turma que agradavelmente me fizeram companhia durante os anos do mestrado, ora me entusiasmando com palavras positivas, ora me surpreendendo com a leveza e a energia própria da juventude. Pelas ajudas e dicas, e também pelos comentários divertidos.

*Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro.*

**João Guimarães Rosa:** Grande Sertão Veredas.

DOURAN, Carmen Lucia Milito. Introdução e retomada de tópicos em entrevista televisiva. 2014. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2014.

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar os procedimentos linguístico-discursivos empregados pelos interlocutores para introduzir e retomar os tópicos discursivos numa entrevista televisiva. No intento de esclarecer fatos ou trazer informações reveladoras, vários procedimentos foram utilizados pela entrevistadora para que o entrevistado desenvolvesse de forma colaborativa os tópicos propostos. Por sua vez, o entrevistado interagiu, ora aceitando e desenvolvendo os tópicos propostos, ora declinando sobre alguns que eventualmente poderiam colocar sua autoimagem positiva em vulnerabilidade. Considerado, o tópico, o elemento condutor do evento (já que o diálogo constitui-se nos e pelos tópicos que são eleitos), objetivou-se, pois, evidenciar a contribuição colaborativa entre os participantes na formação do quadro tópico tendo em vista os elementos que se configuram para delinear o papel social que incorporam os interactantes na construção e consolidação de sua autoimagem pública. Para o *corpus* foi selecionada uma entrevista com o Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, veiculada no programa “De frente com Gabi”, transmitida em 30/11/2011, pela emissora de televisão SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Nesse programa em que parte do planejamento conversacional é local (concomitante com sua execução), estratégias de interação e argumentação são empregadas visando à monitoração do tópico discursivo. Os dados, de caráter empírico, foram analisados baseando-se nos fundamentos da Análise da Conversação amparados pelos “Princípios de Cooperação” propostos por Grice (1982) e pelos procedimentos de preservação da face estudados por Goffman (2011), procedendo-se a uma descrição e interpretação qualitativa dos mesmos.

**Palavras-chave:** Análise da Conversação, Tópico, Entrevista.

DOURAN, Carmen Lucia Milito. Introdução e retomada de tópicos em entrevista televisiva. 2014. Dissertation (Master's Degree) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2014.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the linguistic-discursive procedures used by interlocutors in order to introduce and to take back the discursive topics in a television interview. In the attempt to clarify facts or bring insightful information, several procedures were used by the interviewer in order to get a better development of the proposed topics by the interviewee. In turn, the interviewee interacted with the interviewer, sometimes accepting and developing the proposed topics, sometimes refusing some that could possibly put a positive self-image in vulnerability. Considered the topic, the conductive element of the event (since the dialogue means the topics and it is about the topics that are also chosen by the dialogue), the main objective was therefore to get evidence the collaborative contribution among the participants in shaping the topic board in view of the elements that are configured to delineate the social role that incorporate the interactants in the construction and consolidation of their public self-image. For the Corpus was selected an interview with the Governor of the State of São Paulo, Geraldo Alckmin showed by the program “De frente com Gabi”, transmitted on 11/30/2011 by the television station SBT (Brazilian Television System). In this program, which one, part of the planning conversational is local (concomitant with its execution), interaction strategies and arguments are used in order to monitor the discursive topic. The data, of empirical nature, were analyzed based on the fundamentals of Conversation Analysis supported by the "Principles of Cooperation" proposed by Grice (1982) and the procedures for the preservation of the face studied by Goffman (2011), proceeding to a description and qualitative interpretation.

**Keywords:** Conversation Analysis, Topic, Interview.

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1 – Convenções adotadas para a transcrição dos dados.....</b>	<b>16</b>
<b>Quadro 2 – Traços definidores dos MDs.....</b>	<b>23</b>

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES .....</b>	<b>11</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 CARACTERÍSTICAS DA CONVERSAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 O TURNO CONVERSACIONAL.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 MARCADORES DISCURSIVOS .....</b>	<b>21</b>
1.3.1 <i>Agora</i> : articulador prospectivo .....	23
1.3.2 <i>Então</i> : articulador de adição e retroação.....	25
1.3.3 <i>Bom, bem, olha, ah</i> : prefaciadores na introdução de tópicos.....	26
<b>1.4 OS PRINCÍPIOS DE COOPERAÇÃO POSTULADOS POR GRICE.....</b>	<b>28</b>
<b>1.5 O CONCEITO DE FACE E A POLIDEZ.....</b>	<b>30</b>
1.5.1 Procedimentos de polidez.....	34
<b>2 O TÓPICO DISCURSIVO .....</b>	<b>37</b>
<b>2.1 QUADRO TÓPICO .....</b>	<b>39</b>
<b>2.2 CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE TÓPICA .....</b>	<b>39</b>
2.2.1 Digressões baseadas na interação .....	40
2.2.2 Digressões baseadas em sequências inseridas .....	42
<b>2.3 RUPTURA TÓPICA E FECHAMENTO TÓPICO .....</b>	<b>43</b>
<b>2.4 PROCEDIMENTOS QUE SINALIZAM A MOVIMENTAÇÃO TÓPICA.....</b>	<b>43</b>
2.4.1 Tematização.....	43
2.4.2 Paráfrases.....	44
2.4.3 Repetições .....	45
<b>2.5 OS PARES ADJACENTES E O DESENVOLVIMENTO DO TÓPICO.....</b>	<b>46</b>
<b>2.6 FUNÇÃO DAS PERGUNTAS E A PROGRESSÃO TEMÁTICA.....</b>	<b>47</b>
2.6.1 Estrutura das perguntas: perguntas fechadas e perguntas abertas.....	47
2.6.2 Monitoramento do tópico por meio de perguntas .....	48
<b>3 A ENTREVISTA .....</b>	<b>50</b>
<b>3.1 A ENTREVISTA: O EVENTO CONVERSACIONAL .....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 A ENTREVISTA TELEVISIVA .....</b>	<b>52</b>
<b>3.3 A ENTREVISTA TELEVISIVA: O EVENTO MIDIÁTICO .....</b>	<b>54</b>
<b>3.4 A RELAÇÃO INTERPESSOAL E OS PAPÉIS REPRESENTADOS.....</b>	<b>54</b>
<b>3.5 A ASSIMETRIA NAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>57</b>
<b>3.6 O FORMATO DO PROGRAMA: EFEITOS DE PROXIMIDADE .....</b>	<b>58</b>

<b>3.7 A ENTREVISTADORA E O ENTREVISTADO: OS PAPEIS SOCIAIS .....</b>	<b>59</b>
<b>3.8 OS PAPÉIS INTERACIONAIS: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS QUE PROMOVEM MAIOR OU MENOR ASSIMETRIA .....</b>	<b>62</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS: INTRODUÇÃO E RETOMADA DE TÓPICOS .....</b>	<b>67</b>
<b>4.1 INTRODUÇÃO E RETOMADA DE TÓPICOS PELO RECURSO DA TEMATIZAÇÃO .....</b>	<b>67</b>
4.1.1 Construções com tema marcado introduzidas por expressões .....	68
4.1.2 Construções com tema marcado com elementos de retomada .....	71
4.1.3 Construções com tema marcado sem retomadas pronominais .....	72
<b>4.2 A PARÁFRASE NA MANUTENÇÃO E DELIMITAÇÃO TÓPICA.....</b>	<b>73</b>
<b>4.2.1 Fechamento de tópico com o recurso da paráfrase.....</b>	<b>73</b>
4.2.2 A manutenção do tópico com o recurso da paráfrase .....	74
<b>4.3 A REPETIÇÃO NA INTRODUÇÃO, RETOMADA E MANUTENÇÃO DE TÓPICOS.....</b>	<b>75</b>
<b>4.4 AS PERGUNTAS E MONITORAMENTO TÓPICO.....</b>	<b>78</b>
4.4.1 Perguntas com pedido de informação, de confirmação e de esclarecimento .....	78
4.4.2 Perguntas retóricas.....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>90</b>
<b>SINÓPSE DA ENTREVISTA .....</b>	<b>92</b>
<b>PRIMEIRO BLOCO.....</b>	<b>92</b>
<b>SEGUNDO BLOCO.....</b>	<b>98</b>
<b>TERCEIRO BLOCO .....</b>	<b>106</b>
<b>QUARTO BLOCO.....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO II.....</b>	<b>112</b>
<b>MEMORIAL DESCRITIVO .....</b>	<b>113</b>

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Os contatos sociais e a interação são condições indispensáveis à associação humana. As redes de relações sociais são estabelecidas continuamente, e o indivíduo representa os diversos papéis que lhes são impostos socialmente, de forma a espelhar sua melhor “silhueta”, procurando ocultar os ângulos que possivelmente não lhes sejam favoráveis. Em outras palavras, deseja causar no outro, a melhor impressão da realidade criada por uma representação. Em conformidade com Goffman (2011, p. 25): “assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo”.

Partindo-se do pressuposto de que as interações verbais e não-verbais são ações intrínsecas na sociabilização, é por meio do contexto em que elas se originam e pelas relações interpessoais que se estabelecem que o indivíduo se representa e se faz representar, estabelecendo sua identidade.

Por estarem os indivíduos em presença imediata nas interações verbais face a face<sup>1</sup>, estas se constituem em espaços privilegiados para a construção de identidades, pois se tornam o lugar genuíno para a expressão de sentimentos, convicções, resistências, preconceitos, aversões, etc.

Nos eventos comunicativos que emergem nas e pelas interações, o indivíduo projeta sua imagem pública e estrategicamente elege estratégias para proteger a imagem que quer sustentar. No dizer de Kerbrat-Orecchioni (2010, p.21): “a vida em sociedade aparece então como uma ‘realização contínua’, como um trabalho permanente para construir sua identidade social, para tornar inteligível o conjunto de seus comportamentos e para ser aceito como membro habilitado dessa sociedade”.

Segundo Goffman (2011), estamos representando o tempo todo para plateias que se alternam e se distinguem por suas características que são intrínsecas ao contexto social, situacional e às relações sociais. Dessa forma, representamos múltiplos papéis que solicitam desempenhos diferentes por parte do ator, que terá que adaptar sua encenação de acordo com o

---

<sup>1</sup>.Em seu livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Erving Goffman faz a seguinte definição que adotaremos dentro da apresentação deste trabalho: “... a interação face a face pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. (2011, p. 24)

contexto e as relações interpessoais que se formam. Dentro da família, o indivíduo representará um papel que será diferente do papel representado no trabalho ou num evento social, para um grupo de amigos e assim por diante. Ao desempenhar um papel, o sujeito intenciona obter a credibilidade do seu interlocutor e, ao mesmo tempo, tenta persuadi-lo para que valide suas proposições. Para isso, utiliza procedimentos verbais e não-verbais que corroborem a impressão que deseja causar e contribuam para que o outro forme sua autoimagem pública positiva.

Interessam-nos, nesta pesquisa, a análise de um evento conversacional, neste caso, a entrevista televisiva, por trazer evidências e elementos que se configuram para delinear o papel social que incorporam os interactantes na construção e consolidação de sua autoimagem pública. Os dados, de caráter empírico, serão amparados pelos conceitos teóricos da Análise da Conversação e sua interface com a Sociolinguística Interacional, procedendo-se a uma descrição e interpretação qualitativa dos mesmos.

Considerado o tópico, o elemento condutor do evento (já que o diálogo constitui-se nos e pelos tópicos que são eleitos), objetivamos, pois, analisar as estratégias interacionais e discursivas empregadas pela apresentadora e entrevistado a fim de estudar os procedimentos de introdução e retomada dos tópicos discursivos

Todo evento comunicativo depende da situação de comunicação contextualizada e do acordo tácito entre os interlocutores. Na situação de comunicação, situam-se o espaço físico, a intenção comunicativa, as restrições (o que pode ou não ser dito), o gênero do evento (no presente caso, a entrevista televisiva), a identidade dos interlocutores, seus papéis sociais e o lugar de poder que ocupam no contrato comunicativo. No acordo entre os interlocutores, estão presentes os conhecimentos partilhados, os interesses negociados de acordo com o objetivo da interação e a atitude colaborativa dos participantes, a qual deve ser favorável ao desenvolvimento e à sustentação do evento.

Embora possa haver um planejamento prévio da temática da entrevista, a entrevista televisiva configura-se como um texto falado, em que planejamento de fala e sua execução são simultâneos no tempo. Dessa forma, os participantes de uma entrevista em que o acontecimento é provocado conservam, na produção dos enunciados, várias características da língua falada, próprias de uma conversação espontânea, como repetições, hesitações, correções, paráfrases e outras marcas do texto oral.

Como os tópicos são negociados em tempo real, os participantes assumem atitudes de cooperação. A teoria do Princípio de Cooperação (ou Princípio Cooperativo), elaborada por Grice (1982), afirma que, no diálogo, as pessoas fazem esforços cooperativos no intuito de

tornarem a comunicação efetiva, reconhecendo nela um ou mais propósitos comuns, ou seja, os interlocutores investem em uma conversação, agem de acordo com suas intenções buscando construir um evento comunicativo em que a cooperação está implícita, pois ela é necessária para que o evento se constitua de fato.

Segundo Bueno (2002, p. 21), nas entrevistas, a interlocução é dialogicamente assimétrica: “Analisar os vários aspectos que compõem uma situação de entrevista, seja ela qual for, exige que se observe a assimetria<sup>2</sup> como uma condição estrutural, uma vez que aparece regularmente em maior ou menor intensidade”. Dessa forma, o papel do entrevistador encontra-se num patamar superior - em relação de poder - ao do entrevistado, pois é ele quem convida o entrevistado e monitora os tópicos que deseja desenvolver. Ao entrevistado cabe o papel de cooperar na progressão temática dos tópicos sugeridos respondendo às perguntas formuladas.

Marcuschi (2007, p. 16) também afirma que, ao contrário do diálogo simétrico encontrado nas conversas diárias e naturais, a entrevista constitui um exemplo de diálogo assimétrico, “em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, redigir, concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outros(s) participantes(s)”.

Nas entrevistas televisivas existe uma interação tripartida em que as ações do entrevistador e entrevistado focalizam uma autoimagem positiva entre si e também para os telespectadores que implicitamente regulam o sucesso da interação por meio da audiência. Como ambos se expõem publicamente perante o telespectador, tanto entrevistador como entrevistado, empregam procedimentos de preservação da face<sup>3</sup> para atenuar possíveis desconfortos diante de tópicos polêmicos ou de caráter mais invasivo.

O conhecimento do contexto de produção do discurso do entrevistado e as relações estabelecidas entre os participantes da entrevista permitem discutir de forma correlativa os procedimentos e estratégias discursivas utilizadas pela entrevistadora procurando conduzir o par pergunta-resposta na sequência tópica. Como a interação ocorre face a face e parte do planejamento é local (concomitante com sua execução), estratégias de interação e argumentação são empregadas visando à introdução e retomada de tópicos.

Neste trabalho, serão discutidas as estratégias de interação por estarem diretamente relacionadas à construção do evento comunicativo, assim como os marcadores discursivos<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> A utilização desse termo aplicado aos processos interacionais refere-se à impossibilidade, reciprocidade ou complementaridade, de forma absoluta, completa, entre os participantes de uma conversação, pois os mesmos situam-se em planos diferentes de acordo com o lugar que ocupam no quadro situacional da interação.

<sup>3</sup> A pormenorização desse conceito será abordada posteriormente.

<sup>4</sup> Os MDs serão discutidos no item 1.3.

(MDs), pois promovem a condução e manutenção do tópico conversacional, instaurando a solidariedade conversacional entre os interlocutores na medida em que propiciam dinamismo e continuidade à interação.

Pretendemos analisar as estratégias interacionais e discursivas empregadas para a introdução e a retomada dos tópicos, baseando-se nos fundamentos da Análise da Conversação amparados pelos Princípios de Cooperação de Grice (1982) e pelos procedimentos de preservação da face estudados por Goffman (2011).

Os procedimentos de preservação da face estudados por Goffman assumem função pragmática, pois permitem a sustentação do evento comunicativo e propiciam a cooperação mútua entre entrevistador e entrevistado viabilizando a continuidade da interação, além de se constituírem em estratégias para manter o equilíbrio que se instaura no processo interacional. Como o simples fato de se expor na interação pode ameaçar a autoimagem dos participantes, há uma preocupação constante em evidenciarem-se os pontos positivos e ao mesmo tempo ocultarem-se os negativos. Como no gênero entrevista há o propósito de se obter respostas que preencham as expectativas tanto do entrevistador como do público, cabe ao entrevistador uma responsabilidade maior na condução do processo interativo buscando procedimentos e estratégias para a obtenção do sucesso na interação e a satisfação do público.

O *corpus* desta pesquisa é composto de uma entrevista com o então governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin, no programa de televisão “De frente com Gabi”, transmitido em 30 de novembro de 2011, na emissora de televisão SBT, tendo como apresentadora e entrevistadora a jornalista Marília Gabriela. A entrevista foi transcrita de acordo com as normas sugeridas por Preti (2010), reproduzidas pelo quadro 1 ao final desta seção.

A partir do que se apresenta, esta dissertação estrutura-se em quatro capítulos, além das considerações iniciais, conclusão, bibliografia e anexos:

Capítulo 1 – *Referencial Teórico* - fazemos considerações a respeito da Análise da Conversação e a Sociolinguística Interacional e citamos alguns autores que foram utilizados para embasar a pesquisa. Abordamos o Turno conversacional distinguindo suas modalidades e sua distribuição de acordo com o contrato comunicativo. Exploramos a importância dos marcadores discursivos na progressão temática, evidenciando os que assumiram a função de encaminhar, fechar e retomar os tópicos

Capítulo 2 – *O tópico discursivo* – trazemos conceitos sobre o *tópico discursivo* segundo alguns autores como Marcuschi, Galembeck, Koch, Jubran e outros. Também abordamos questões relacionadas à construção do quadro tópico e a formação das sequências tópicas de acordo com as relações de hierarquia e organização. Apresentamos alguns procedimentos utilizados para a monitoração tópica e enfatizamos a função das perguntas no direcionamento tópico e na progressão temática.

Capítulo 3 – *A entrevista* – São feitas considerações sobre o gênero, e ao salientarmos as principais características da entrevista televisiva, apontamos os elementos que tiveram participação na configuração do evento conversacional, tais como o contexto situacional, os papéis representados pelos interlocutores e o perfil do programa “De frente com Gabi”.

Capítulo 4 – *Análises e discussão dos dados* – analisamos alguns excertos que demonstram como cada um dos recursos de introdução e retomada de tópicos foram utilizados pelos interlocutores para atender seus propósitos comunicativos visando a uma formação discursiva que propiciasse a construção e a manutenção de uma autoimagem pública positiva.

**Quadro 1 – Normas para transcrição**

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensões de palavras ou segmentos.	( )	do nível de renda( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre).	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática.	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r).	::podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem... éh::: ... dinheiro
Silabação.	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação.	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa.	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma retenção
Comentários descritivos do transcritor.	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática de exposição, desvio temático.	- - -	...a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes.	ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [ B. sexta-feira? A. fizeram lá... [ B. cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

**Quadro 1 - Fonte:** PRETI, Dino. Projetos Paralelos. – NURC/SP v. 1 (2010, p. 13-14)  
Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D².

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos da Análise da Conversação (AC) tornaram possível vislumbrar uma área pouco antes explorada. Até meados da década de 60, a AC preocupou-se apenas em examinar e descrever a organização dos eventos conversacionais sob a ótica da ética e da estética, com o objetivo de normatizar as “regras do bem falar”.

No início da década de 70, as investigações se voltam para descrever como, e de que forma, se dão as manifestações verbais conversacionais, levando-se em conta fatores como: condições de produção, o contexto social, o contexto situacional, o conhecimento partilhado e os papéis representados pelos interactantes, para citar os principais. Com esse enfoque, a AC torna-se transdisciplinar aliando-se à Sociolinguística interacional. Esse novo panorama surge para responder às perguntas como as colocadas por Marcuschi (2007, p.7):

[...] como é que as pessoas se sentem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos linguísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais?

A partir da década de 80, o estudo da modalidade da língua oral ampliou-se sob a concepção pragmática da linguagem e o evento conversacional passa a ser visto como uma interação social. No Brasil, os estudos ganham impulso como o primeiro livro nesta área com o título *Análise da Conversação*, de autoria do linguista Luiz Antônio Marcuschi. Segundo esse autor, a conversação:

é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes. (2007, p.5)

Segundo Levinson, (1983 *apud* MARCUSCHI, 2007, p. 15) “a conversação é o gênero básico da interação humana” e para que o evento conversacional seja bem sucedido conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais são acionados pelos interlocutores na sua constituição, ou seja, o evento se efetiva graças ao compartilhamento desses conhecimentos entre os falantes. Daí advém o alinhamento da AC com a Sociolinguística Interacional, que permitiu estudos mais aprofundados a respeito das regras e das convenções

segundo as quais os interlocutores agem em determinadas situações de interação face a face dentro de certo ambiente social.

Nesse campo de atuação, destacam-se os estudos do escritor e sociólogo canadense Goffman (1981), introduziu o conceito de *footing* para descrever como os interactantes se adaptam à interlocução “para serem entendidos”, ou seja, tal conceito tenta explicar os motivos que levam um falante a representar determinados *papéis*, (a escolha de posturas corporais, gestos, palavras, frases, estruturas) para se expressar de acordo com o contexto no momento da fala e o conceito de *preservação da face* (1970), o qual explica a necessidade dos interactantes em fazerem esforços para preservar sua autoimagem e a imagem de seu interlocutor durante a interação, visando ao equilíbrio e à sustentação do evento conversacional.

Importantes estudos, também, foram os realizados por Grice (1967) acerca dos Princípios de Cooperação com os conceitos das máximas conversacionais<sup>5</sup> e suas implicaturas (*máximas de qualidade, de quantidade, de relação e de modo*). Para Grice, em nossos diálogos, fazemos esforços para entender e sermos entendidos pelo interlocutor, no entanto, muitas vezes, nossa intenção comunicativa não é explicitada de forma convencional podendo ocorrer a violação às máximas. Pela violação ou atendimento às máximas, ocorrem as implicaturas, estabelecendo um jogo de dito e não dito, de explícito e implícito, projetando assim, efeitos de sentido previstos ou não pelo interlocutor.

Numa abordagem linguística, a AC adota um procedimento empírico-indutivo, assim, prioriza-se descrever e analisar os discursos orais e dialogados em situações reais de convivência social, sejam eles diálogos entre amigos e familiares, palestras, entrevistas, atendimentos em consultórios médicos, aulas expositivas, discursos políticos, entre outros.

A AC segue a orientação pragmática, a qual adotando elementos inalienáveis como o contexto, o objetivo, os participantes, os papéis representados pelos interlocutores, a intenção comunicativa; tenta interpretar os discursos em situações de comunicação concretas.

## 1.1 CARACTERÍSTICAS DA CONVERSAÇÃO

---

<sup>5</sup> Detalharemos melhor sobre as máximas e suas implicaturas no item 1.2 deste capítulo.

Quanto às características, Marchuschi (2007, p.15) defende cinco elementos imprescindíveis constitutivos quais sejam:

- (a) interação entre pelo menos dois falantes;
- (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- (c) presença de uma sequência de ações coordenadas;
- (d) execução numa identidade temporal;
- (e) envolvimento numa “interação centrada”.

Ainda explica: “Tais características permitem-nos tornar a conversação como sendo uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum.” (DITTMAN, 1979, *apud* MARCUCHI 2007, p. 15).

A conversação pressupõe uma troca engajada, um jogo, no qual a ação em particular, de cada um dos jogadores, provoca um realinhamento do outro em contínua alternância, garantindo assim, que o jogo interacional se desenvolva através de suas ações coordenadas tendo em vista um ou mais objetivos comuns que irão concorrer numa linha temporal.

De extrema relevância, é considerar que para a construção do sentido (coerência) é necessário que os conhecimentos de mundo sejam partilhados entre os interlocutores. A coerência segundo (KOCH, 2012 p. 21) está:

[...] ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como o princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.

Para o *princípio de interpretabilidade*, deve ser considerada a competência linguística e a competência comunicativa dos interlocutores. Na primeira, considerada de forma mais ampla, encontram-se imbricados o domínio dos elementos linguísticos e saberes socioculturais. Na segunda, relacionada ao indivíduo, subsiste na capacidade articular esses domínios para comunicar-se de modo eficaz.

São constitutivos do texto conversacional os quatro elementos básicos que são responsáveis pela sua organização - o turno, os marcadores conversacionais, o tópico discursivo e o par adjacente, dos quais trataremos a seguir.

## 1.2 O TURNO CONVERSACIONAL

Numa conversação, os interlocutores alternam sua participação nos papéis de falante e ouvinte. Cada participação em que o falante está com a palavra recebe a denominação de turno conversacional. Segundo Galembeck (2010, p. 68): “consideram-se turnos tanto as falas de valor referencial (nas quais se desenvolve o assunto ou tópico do diálogo), como os sinais que indicam que o interlocutor está ‘seguindo’ ou ‘acompanhando’ as palavras do seu interlocutor (*certo, uhn uhn, ahn ahn*).”

Quanto à tipologia, o autor distingue duas modalidades de turnos conversacionais: o *turno nuclear*, aquele em que veicula informações, cuja função se justifica no próprio desenvolvimento do tópico e o *turno inserido*, que não tem caráter essencialmente referencial e está associado à interação indicando que um dos interlocutores monitora as palavras do seu parceiro conversacional.

Sobre os *turnos inseridos* Galembeck (2010) acrescenta que eles podem exercer, ainda que marginalmente, a função de contribuir com o desenvolvimento do tópico quando antecipam as palavras que seriam proferidas pelo seu interlocutor ou quando as sintetizam indicando assentimento ou concordância.

Ainda, segundo Galembeck, os turnos inseridos, associados à interação, podem expressar:

- a) *reforço*: indicam que o canal de comunicação está aberto e que o interlocutor quer manter a posição de ouvinte e são geralmente representadas por expressões não-verbais como, *ahn, uhn*.
- b) *concordância* ou *entendimento*: indicam que o interlocutor concorda com as asserções de seu parceiro e podem ser expressas por repetições de parte do conteúdo proposicional ou por expressões variadas, como; *certo; entendi*.
- c) *Aviso*: indicam que o interlocutor pretende tomar o turno e podem ser expressas de forma variada, dentre elas, retomando-se algum referente do quadro tópico por meio de marcadores conversacionais, como *agora, então, daí*.

Quanto à distribuição dos turnos no evento comunicativo, Galembeck (2010) observa que em situações de diálogos simétricos, ambos os interlocutores participam do diálogo com *turnos nucleares* dando sua contribuição para o desenvolvimento do tópico em andamento. Já, nos diálogos assimétricos, um dos interlocutores tem participação com turnos nucleares

enquanto que o outro participa na maior parte do tempo, apenas com *turnos inseridos* indicando atenção, na condição de ouvinte.

No *corpus* apresentado nessa pesquisa, observa-se que a entrevistadora faz uso dos *turnos nucleares* para introdução de tópicos e, algumas vezes, para o desenvolvimento dos mesmos, entretanto na maior parte do tempo contribui com *turnos inseridos* em sinal de acompanhamento das falas do entrevistado. Por sua parte, o entrevistado faz suas intervenções quase sempre por meio de turnos nucleares.

Essa distribuição dos turnos se justifica pelo contrato comunicativo<sup>6</sup> estabelecido no contexto da interação o qual, predispõe os participantes em condição de assimetria quanto aos papéis conversacionais. Assim, nesse enquadre, o entrevistador exerce a função de “fazer falar” o entrevistado, por esse motivo sua contribuição com *turnos inseridos* é maior.

### 1.3 MARCADORES DISCURSIVOS

Os marcadores discursivos (MD) são palavras ou conjunto de palavras, que exercem função estrutural na organização do texto falado, pois fazem a conexão entre os segmentos de discurso que vão sendo produzidos ao longo do ato interacional. Eles encaminham e orientam o fluxo da conversação, permitindo que cada um dos interlocutores interprete a orientação argumentativa do outro em relação aos tópicos discursivos que vão sendo desenvolvidos durante o evento interacional. Também podem ser considerados marcadores, os elementos prosódicos (pausas, alongamentos, silabação) e os gestuais ou cinésicos.

Embora o espaço reservado pelas gramáticas seja insuficiente para descrever os MDs, os autores Risso, Silva, Urbano (2006) ponderam que muitos linguistas têm dado a devida importância à análise dos MDs, principalmente em pesquisas que se dedicam à Análise da Conversação, ou aos estudos da língua falada. No que se refere aos rótulos para fazer referência a eles, no entanto não há unanimidade, alguns preferem denominá-los de *marcadores conversacionais*. Orientamo-nos aqui pela denominação de *marcadores discursivos* adotada pelos mesmos autores:

Para efeitos de designação, adotamos aqui a denominação de *marcadores discursivos* (doravante designados como MDs), que nos parece mais adequada e abrangente do que a de *marcadores conversacionais*. Embora esta outra seja mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação, por sugerir, de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada e,

---

<sup>6</sup> Ver capítulo 3

dentro dessa modalidade, com um gênero específico que é a conversação. (RISSO, SILVA, URBANO 2006, p. 404)

RISSO, SILVA, URBANO (2006) consideram que os MDs podem constituir-se de palavras de fundo lexical (*claro*) ou gramatical (*mas*), locuções (*quer dizer*), contrações (*né*), reduções (*tá*), ou mesmo como segmentos fônicos não dicionarizados (*uhn uhn*).

Esses autores apresentaram uma vasta pesquisa que buscou estabelecer, de acordo com a ocorrência, os traços definidores dos MDs levando em consideração as seguintes variáveis:

- 01) padrão de recorrência;
- 02) articulação de segmentos do discurso;
- 03) orientação da interação;
- 04) relação com o conteúdo proposicional;
- 05) transparência semântica;
- 06) apresentação formal;
- 07) relação sintática com a estrutura gramatical da oração;
- 08) demarcação prosódica;
- 09) autonomia comunicativa;
- 10) massa fônica.

Dentre elas, interessam-nos, pelo foco temático deste trabalho, especialmente a que aponta a frequência de 47,8% na ocorrência dos MDs como sequenciadores tópicos. Vide quadro transcrito na íntegra, do capítulo intitulado “Traços definidores dos marcadores discursivos” (RISSO, SILVA, URBANO 2006, p. 406)<sup>7</sup>:

Traços	1	sequenciador tópico	47,8%
	2	sequenciador frasal	5,1%
	0	não sequenciador	47%

Quadro 2 – Traços definidores dos MDs

Afirmam, os autores, que os MDs assumem a função de promover coesão entre os segmentos de discurso:

- a) na organização tópica, estabelecendo aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos, em posições intra ou intertópicas (traço 1);

<sup>7</sup> Da obra: JUBRAN, C.C.A.S. e KOCH, I. G. V. (org.) Gramática do Português culto falado no Brasil. Campinas; Editora da Unicamp, 2006, p. 403-425.

- b) na organização da estrutura frástica, atando as orações ou seus segmentos internos, à semelhança das conjunções e advérbios conjuntos (traço 2).

Nessa direção, focalizamos nesta pesquisa, os MDs que atuaram como sequenciadores, ora introduzindo novos tópicos, ora retomando outros, e como eles foram utilizados estrategicamente para atenderem ao percurso pretendido pela entrevistadora para cumprir o roteiro da entrevista previamente planejado. Também nos interessa evidenciar, na fala do entrevistado, como ele se utiliza dos MDs para desviar-se intencionalmente dos tópicos que se mostraram desfavoráveis a sua imagem pública.

Para Risso (2006), os marcadores discursivos são unidades articuladoras que “amarram” as informações que vão sendo lançadas na construção do texto falado. Desta forma, funcionam basicamente como elementos sequenciadores. Dentre os mais frequentes aponta: *agora, então, depois, aí, mas, bem, bom, enfim, finalmente, quer dizer, por exemplo, assim, primeiro ponto... segundo... terceiro..., etc. e tal...* A autora ainda afirma que essas formas aparecem muitas vezes duplicando-se em ocorrências conjuntas como: *agora então, então aí, aí depois, mas então, mas aí, etc. e tal, então por exemplo.*<sup>8</sup>

Segundo a autora, quando associados com outros marcadores lexicais, podem deixar mais explícitos os movimentos de encaminhamento, fecho e retomada de tópicos discursivos, bem como, apontaram para avaliações acerca das informações contidas no tópico em andamento, como por exemplo: *agora... o que eu acho é o seguinte;*, *bem, voltando ao assunto;* *então, para terminar;* *então, resumindo;* *mas, como eu dizia há pouco.*<sup>9</sup>

Em sua pesquisa, a autora destaca para estudo pormenorizado, os marcadores basicamente sequenciadores: *agora, então, bom, bem, olha, ah.* Seguiremos a mesma proposta, dado que em nosso *corpus*, esses marcadores são muito recorrentes.

### **1.3.1 Agora: articulador prospectivo**

Atuando como MD, o *agora* diferencia-se do advérbio homônimo, pois não expressa somente uma circunstância de tempo, mas atua como elemento de articulação entre os segmentos tópicos projetando uma ideia contrária ou uma situação nova em relação à anterior. Conforme Risso (2006, p. 430 *apud* SCHIFFRIN, 1987), o *agora* “tem um foco catafórico que

---

<sup>8</sup> Exemplos da própria autora..

<sup>9</sup> Idem.

direciona a atenção para aquilo que o falante está para dizer, ainda que seu pronunciamento tenha como base a informação num ponto anterior da fala”.

O *agora*, na condição de MD, é um elemento independente da estrutura sentencial, sendo assim, não exerce função sintática na oração. Sua função restringe-se à articulação da estruturação textual promovendo a abertura de tópico, ou o seu encaminhamento. O fato de não se registrar a presença do *agora* no fechamento de turno comprova que ele se configura dentro de uma condição prospectiva. Assim afirma Risso (2006, p.435):

Esse é um dado que merece especial atenção e que acusa a natureza essencialmente prospectiva de *agora*: aponta para frente, direcionando a atenção para algo novo que está para ser informado. Nesse aspecto ele se diferencia de outros articuladores textuais de teor definitivamente retrospectivo e/ou resumitivo, como *enfim*, *finalmente* e *então*.

A autora acrescenta ainda, que o *agora*: “faz avançar o discurso para uma informação que tem força de ressalva, contraposição, reordenação de enfoque, ou desacordo, relativamente a uma informação já dada, dentro do mesmo tópico ou no tópico anterior.”

Na abertura de tópico denota mudança de *centração*<sup>10</sup>, dando origem a um novo tópico no texto falado. O *agora* estabelece uma relação intratópica na medida em que estrutura a introdução de um novo tópico dentro da organização textual e simultaneamente, uma relação intertópica, por sinalizar uma relação como um tópico anterior, mesmo que em posição não adjacente a este, no fluxo discursivo.

No encaminhamento, o *agora*, estabelece uma relação intratópica, pois atua dentro de um mesmo conjunto de referentes introduzindo um dado particular no assunto ou sinalizando uma mudança de perspectiva do falante em relação à informação em curso. Outra função do *agora* na articulação intratópica é a de retomada de um tópico que ficou temporariamente suspenso por alguma interrupção em consequência da inserção de outro tópico. Sobre essa função assevera Risso (2006):

Esse uso manifesta uma estratégia de compensação de uma descontinuidade local na distribuição tópica. A frequência com que se recorre ao *agora* (entre outros marcadores), nessa situação específica em que a sequencialidade linear de um tópico se perturba por interferência de encaixes que o cindem em partes, é um dado revelador da consciência que o falante tem da estruturação tópica e, portanto, da organização geral do fluxo de informação.

---

<sup>10</sup> Trataremos especificamente desse termo no capítulo 2: O Tópico Discursivo

### 1.3.2 *Então*: articulador de adição e retroação

Assim como o *agora*, o marcador *então* também encontra sua forma homônima entre os advérbios e expressa marca temporal. A exemplo do marcador *agora*, daremos enfoque aos atributos desse marcador como articulador de segmentos tópicos.

Segundo Risso (2006), o *então* funciona como articulador tanto no plano intratópico, como no intertópico. No primeiro caso, ele atua na progressão tópica e assume a função de anexar informações dentro do mesmo plano de referentes de um dado tópico e pode articular o encaminhamento, o fecho e a retomada do tópico. No segundo, exerce a função de conectar os tópicos instaurando a coesão do texto como um todo.

Tomaremos a seguir, as considerações feitas por Risso (2006, p. 458-461) quanto à participação do marcador *então* na articulação intratópica:

#### a) Encaminhamento de tópico

Nessa situação, o marcador *então* exerce a função de criar pontos de apoio para adicionar novas informações que vão sendo encadeadas linearmente dentro do mesmo plano de referentes de um dado tópico.

Esse marcador, na verdade, funciona como elemento que une orações. Se na língua escrita contamos com um número variado de conjunções coordenativas para dar unir as orações e dar coesão ao texto, na língua falada, a estruturação dos períodos é simplificada pela justaposição das orações sem conjunções ou por meio da repetição de alguns MDs, como é o caso de marcador *então*.

A esse fenômeno característico da linguagem falada, Garcia (1987) denomina de *frases de arrastão* e são frequentes na linguagem falada coloquial em relatos narrativo-descritivos. Nesses relatos, as ligações entre as orações são obtidas com a repetição contínua de alguns marcadores conforme afirma Urbano (2011, p. 132):

as ligações oracionais e frásticas nesse tipo de estruturação são obtidas muito frequente e exaustivamente, sobretudo nas narrativas espontâneas de experiências pessoais ou expressões simples, como elementos chamados por alguns de “bordões”, marcadores conversacionais de sequência temporal ou conclusiva, continuadores narrativos, como *e, aí, então*. Muitas vezes, dão a impressão de verdadeiros “cacoetes linguísticos”.

#### b) Fecho de tópico

No fechamento de tópico, o *então* anuncia uma proposição que define um ponto de vista do falante em relação aos argumentos desenvolvidos durante o desenvolvimento do tópico.

Nesse sentido, ele “é veículo de expressão de uma dependência estreita entre argumentos, associada à esfera da conclusão, efeito ou resultado” (RISSO, 2006, p. 460).

Cabe ressaltar que o *então*, opera com valor argumentativo nas relações interpessoais, pois manifesta a posição do interlocutor mediante a uma série de pronunciamentos anteriores em que há discordâncias entre os interlocutores.

c) Retomada tópica após inserção

Durante a interação, podem ocorrer interrupções ocasionadas pela inserção de uma nova informação por um dos interlocutores ou por motivos externos à interação, como por exemplo, interrupções oriundas de ruídos ou a introdução de atos de fala de novos participantes na interação. Para retomar o tópico em andamento, observa-se que o uso do *então* é bastante produtivo na retroatividade conforme aponta Risso (2006, p. 461):

A direção anafórica do marcador deixa, nessas circunstâncias, de retroagir diretamente para a porção discursiva imediatamente contígua e precedente e passa a instrução para que o interlocutor reate os elos com uma sequência textual anterior pouco mais distante, temporariamente suspensa pela interposição do segmento inserido. Trata-se de uma evidência da monitoração local do fluxo da fala e do domínio do locutor na distinção entre o que é incidente e o que é focal, em termos informacionais.

Quanto à participação do marcador *então* na articulação intertópica, a autora afirma que assim como na articulação intratópica o *então* funciona como ponto de apoio para unir segmentos de informação dentro de um mesmo conjunto de referentes, no plano intertópico esse marcador pode estabelecer elos entre segmentos tópicos inteiros. Ainda acrescenta que o uso desse marcador é muito frequente em elocuições mais formais, especialmente quando se deseja sinalizar de forma didática a sequência linear das informações durante uma exposição argumentativa.

### 1.3.3 *Bom, bem, olha, ah*: prefaciadores na introdução de tópicos

Para iniciar um novo tópico, principalmente em decorrência a uma pergunta que lhe é dirigida, o locutor utiliza-se dos marcadores *bom, bem, olha, ah* como prefaciadores que visam ao adiamento de um conteúdo tópico, ou seja, utiliza-os para ganhar mais tempo e assim poder planejar melhor a produção do seu texto para uma melhor organização de sua argumentação,

visando a uma melhor compreensão por parte do interlocutor, ou com o objetivo de buscar estratégias mais convenientes para preservar sua autoimagem<sup>11</sup> e a do seu interlocutor.

Dessa forma, esses marcadores demonstram sua atividade precípua na sequência da interlocução instaurada pelo *par dialógico pergunta-resposta*<sup>12</sup>, conforme afirma Risso 2006, p. 471): “Funcionando na abertura de respostas, em estruturas de pares conversacionais adjacentes, os quatro marcadores despontam, portanto, como sinalizadores de uma sequencialização estrutural dependente do contrato de interlocução firmado no fluxo do diálogo”.

Segundo a autora, além dessa função de promover a sequência do diálogo na abertura de respostas, esses marcadores também podem atuar na abertura de segmentos intratópicos para organizar linearmente as informações em pequenas porções deixando à mostra a estruturação de raciocínio do falante, conforme explica Risso (2006, p. 472):

Assim, uns mais, outros menos, prefaciam no decorrer do tópico, operações de exemplificação, de citações, de reintrodução de uma sequência expositiva temporariamente suspensa, de movimentos argumentativos de ressalvas, concessões, entre outros aspectos.

Convém ressaltar que esses marcadores também possuem correspondência homônima com itens lexicais abordados pela gramática normativa: adjetivo *bom*, advérbio *bem*, verbo *olha* e interjeição *ah*. No entanto, o seu desempenho como prefaciadores de proposições tópicas se distingue pela relação, cuja orientação é centrada na interação e voltada para o intercâmbio entre os interlocutores.

De acordo com a perspectiva de Risso (2006, p. 473-474), o marcador *olha* é basicamente orientado para a interação. Atuando como MD, ele não tem relação direta com o verbo cujo significado expressa *fixar a vista em algo*, mas parece desencadear um campo de significação que suscita a atenção do interlocutor para o que vai ser dito.

Sobre o marcador *ah*, a autora considera que o mesmo sinaliza a cooperação do locutor em dar sua contribuição, embora, ainda, não tenha definido *o que falar* e *como falar*. Sua orientação não se volta diretamente ao interlocutor, mas no próprio locutor, deixando transparecer sua reação pessoal em relação à pergunta ou afirmação precedente.

Quanto aos marcadores *bom* e *bem*, a autora destaca que eles têm sua orientação basicamente voltada para o conteúdo informativo da fala do locutor e revelam parcialmente as

---

<sup>11</sup> Ver parte 4, cap. 1

<sup>12</sup> Ver parte 2, cap. 2

características avaliativas que expressam na condição de adjetivo e advérbio. Assim, o locutor revela sua avaliação positiva quanto ao momento adequado para seu pronunciamento ou sobre algum referente do conteúdo informacional do tópico em que está discorrendo ou que está prestes a desenvolver.

É conveniente ressaltar que segundo a autora, esses marcadores ocorrem normalmente em respostas que precedem *perguntas abertas*<sup>13</sup>, justamente por propiciarem o desenvolvimento do tópico, dando margem para que o locutor apresente sua argumentação. Em *perguntas fechadas*: “os marcadores aparecem geralmente neutralizando os extremos de uma resposta *sim/não*, ao desencadearem uma alternativa intermediária e/ou uma informação mais expandida, adequada a explicações e autoposicionamentos perante o assunto.” (RISSO, 2006, p. 476).

Em síntese, na abertura de tópicos que precedem perguntas, esses quatro marcadores se constituem em elementos que promovem a sequência do fluxo conversacional e ao mesmo tempo destinam-se a preparar o “terreno” para um novo ato discursivo com a intenção de corrigir ou realinhar uma pergunta ou declaração do interlocutor. Muitas vezes, o falante deseja se distanciar ou mesmo rejeitar o tópico sugerido pela pergunta do interlocutor por não ser conveniente para sua autoimagem. Assim, por intermédio desses marcadores, estabelece um novo quadro de referência que lhe seja mais favorável.

#### **1.4 OS PRINCÍPIOS DE COOPERAÇÃO POSTULADOS POR GRICE**

Em seu livro, “Lógica e conversação”, publicado originalmente no Brasil em 1975, o filósofo inglês Herbert Paul Grice apresentou *O Princípio da Cooperação* que consiste no seguinte: “(...) faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado” (1982, p.82)

De acordo com esse princípio, espera-se que as intervenções da cada interlocutor tenham pertinência em relação ao tópico em andamento. Assim, numa interação há um acordo tácito entre os interlocutores, visando à compreensão e interpretabilidade dos eventos de fala e um interesse comum partilhado que promovem a interação de modo a preencher as expectativas dos mesmos.

---

<sup>13</sup> Sobre *perguntas fechadas e abertas*, ver parte 2.3.1, cap. 2.

Do *princípio da cooperação*, o filósofo estabeleceu a convenção de regras e sub-regras que foram reunidas em quatro categorias, as quais, se atendidas, seriam a garantia de que o falante está sendo cooperativo e está operando de forma direta ao que está sendo solicitado na interação, ou seja, seus enunciados oferecem material linguístico explícito para que o ouvinte interprete seu dizer.

- Máxima da Quantidade: está relacionada à quantidade de informação que é fornecida. O falante deve fornecer informações de acordo com o que é requerido procurando preencher as expectativas do ouvinte.
- Máxima da Qualidade: está relacionada à veracidade das informações. O falante não deve dizer coisas que sejam falsas, ou que não possam ser provadas por evidências.
- Máxima da Relação: está relacionada à relevância. O falante deve orientar suas contribuições para que sejam pertinentes aos objetivos propostos na interação. Devem ser evitados, argumentos óbvios evasivos.
- Máxima do Modo: diz respeito ao modo como devem ser veiculadas as informações. O falante deve se comunicar com clareza evitando ambiguidades, desorganização e obscuridade em seus argumentos.

Quando essas máximas são atendidas, ocorre o que Grice denominou de *implicaturas convencionais*, ou seja, o ouvinte buscará no próprio enunciado, pistas que o encaminharão para uma propositura de interpretação.

Opostamente, também segundo a denominação de Grice temos as *implicaturas conversacionais*, em que a comunicação não é expressa de forma convencional, isto é, no enunciado não se encontra explicitamente formulado o que se quer comunicar. Dessa forma, caberá ao ouvinte a capacidade de interpretar o que está implícito, ou seja, terá que fazer as inferências necessárias para deduzir a intenção do falante através de elementos contextuais e de pressupostos compartilhados entre falante e ouvinte estando estes, engajados na troca e familiarizados com as crenças, hábitos e práticas um do outro.

A violação das máximas não pressupõe que o falante não esteja cooperando, pelo contrário, suscitará mais empenho do ouvinte em inferir o que não está dito ou apresentado explicitamente pelo material linguístico, mas está sendo comunicado.

Com relação às *máximas conversacionais* de Grice, depreendemos que a conversação tem seus próprios mecanismos de coerência, pois o não cumprimento de uma máxima por um falante produz efeitos distintos dos que teria a princípio. Além disso, as ações dos interactantes são imprevisíveis, por isso eles podem desviar-se intencionalmente dos tópicos.

A partir disso, convém salientar, segundo a concepção de Grice, que embora possa parecer que “aquele que diz” tem um papel preponderante na conversação, o “que ouve” também tem papel fundamental, pois a ele caberá o papel de desvelar os subentendidos no dito.

## 1.5 O CONCEITO DE FACE E A POLIDEZ

Examinaremos mais pormenorizadamente o conceito de *face*, pois nos parece imprescindível para descrever os recursos linguísticos empregados pelos interactantes na representação de seus papéis considerando que têm a intenção de atuar em compatibilidade com o que a sociedade considera como “bom comportamento”. Além disso, pressupondo que a imagem é suscetível a qualquer interação face a face, pretende-se analisar os principais recursos que foram disponibilizados pelos interactantes na manipulação dos tópicos de forma a favorecê-la positivamente ou preservá-la de alguma ameaça eminente

Em seus estudos, Goffman (1970, *apud* SILVA, 2006, p. 109), focalizou a interação social face a face em eventos cotidianos e baseou suas pesquisas na premissa de que estamos constantemente representando papéis enquanto personagens de cenas interativas das quais fazemos parte. Segundo o autor, desejamos construir uma autoimagem pública positiva e, ao mesmo tempo, tencionamos preservá-la para uma boa atuação no processo comunicativo. Para isso, ao fazer parte desse processo, nos apropriamos de estratégias verbais e não verbais com a finalidade de preservar a imagem que desejamos manter e por implicação também, a do interlocutor, pois agressões a sua imagem incorreria em prejuízo da imagem de ambos. A essa autoimagem, Goffman chamou de *face* e, por conseguinte, a sua perda, de *perda da face*.

Desta forma, ratifica Silva (2008, p. 112):

A face constitui um conjunto de desejos que podem ou não ser satisfeitos por ações de outros. Sendo assim, há muito interesse em manter a face. Por isso, na relação interpessoal, parece haver um acordo tácito entre os interactantes da conversação. Enquanto o falante não ameaça a face do ouvinte, este não ameaça a face daquele. Ao preservar a própria face, é preciso ter o cuidado de não ameaçar a face do outro e, ao preservar a face do outro, deve procurar-se uma saída que não leve à perda da própria face.

Segundo Silva (2006, p. 113), fundamentados nos trabalhos de Goffman, Brown e Levinson (1978) desenvolveram a ideia de *face positiva e negativa*, mostrando que a imagem que se constrói na vida social é vulnerável e está constantemente predisposta à ameaça. Assim, na interação social, o indivíduo tenta resguardar sua face apresentando uma *performance* positiva de acordo com as regras convencionadas pela sociedade da qual faz parte.

Assim, dentro desse pressuposto, os autores postulam a existência de duas faces, uma externa (positiva) – a forma como os interactantes pretendem ser vistos pelos outros – e, outra, interna (negativa) – o território íntimo que não gostariam de ver ameaçado. Como a interação ocorre por ações conjuntas, cada um dos interlocutores terá interesse em resguardar a sua própria face e a do outro evitando situações ameaçadoras. Conforme esclarece Fiorin (2005, p. 175):

Na interação social, o indivíduo procura salvar sua face. Por outro lado, cada um dos interlocutores tem interesse em manter a face do outro, para não pôr em perigo sua face. No entanto, há atos ameaçadores da face negativa do interlocutor, porque tentam invadir seu território (por exemplo, a ordem, o conselho, a ameaça) e atos ameaçadores da sua face positiva, porque podem ser vistos com uma tentativa de destruir a imagem do outro (por exemplo, a reprimenda, a refutação, a crítica). Há também comportamentos ameaçadores da face negativa do falante, porque podem ser considerados uma maneira de obrigar o falante a se expor (por exemplo, a promessa, a garantia, o juramento) e atos ameaçadores da sua face positiva, porque destroem a sua imagem (por exemplo, confissão, pedido de perdão, autocrítica)

A partir desse conceito, derivam as noções de *face want*, (desejo de preservação das faces) e *face work* (construção da face) propostos por Goffman (1967) pressupondo que ao mesmo tempo em que os interlocutores desejam construir uma boa imagem de si e do outro, empenham-se para mantê-las, evitando-se assim, a *perda das faces*.

Dado que numa interação, os interlocutores se expressam por meio de atos verbais e não verbais, e que estes podem ser potencialmente ameaçadores por explicitarem intenções e desejos dos interlocutores, Brown e Levinson (1978, *apud* SILVA, 2006, p. 113), postulam o conceito de *Face Threatening Act* (FTA) para designar “atos que ameaçam as faces”. Dessa forma, para os autores, trata-se de descrever os inúmeros procedimentos linguístico-discursivos que ameaçam a face dos interlocutores. Para os autores, o simples fato de os sujeitos se exporem na interação já se constitui numa situação de vulnerabilidade das faces.

Assim, segundo essa perspectiva Brown e Levinson (1978 *apud* ORECCHIONI, 2006, p. 79), os atos de fala ameaçadores se dividem em quatro categorias:

- 1) **Atos que ameaçam a face negativa do emissor:** é, por exemplo, o caso da oferta ou da promessa, pelas quais se propõe ou se compromete a efetuar um ato suscetível de lesar seu próprio território, num futuro próximo ou distante.
- 2) **Atos que ameaçam a face positiva do emissor:** a confissão, a desculpa, a autocrítica e outros comportamentos “autodegradantes”.
- 3) **Atos que ameaçam a face negativa do receptor:** as violações territoriais de natureza não verbal são numerosas (ofensas proxêmicas, contatos corporais inadequados, agressões visuais, sonoras ou olfativas, infiltração por invasão nas “reservas” do outro etc.) Mas as ameaças territoriais também podem ser de natureza verbal: é isso que ocorre nas chamadas perguntas “indiscretas”; e no conjunto dos atos que são, em alguma medida, inoportunos ou “diretivos”, como a ordem, a interpelação, a proibição ou o conselho.
- 4) **Atos que ameaçam a face positiva do receptor:** são todos aqueles que colocam em risco o narcisismo do outro, como a crítica, a refutação, a reprovação, o insulto e a injúria, a chacota e o sarcasmo...

Considerando que a visão de Brown e Levison restringia a polidez à sua forma negativa “representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob a ameaça permanente de FTAs de todo gênero, e passando seu tempo a montar guarda em torno de seu território e de sua face” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 81), a autora amplia esse modelo, apresentando a noção de “antiFTAs”. e afirma que, ao contrário dos FTAs, há alguns atos que podem ser valorizantes, como o elogio e o agradecimento e os denominou de FFAs (*Face Flattering Acts*). Assim: “o conjunto de atos de fala se divide, então, em duas grandes famílias, conforme produzam efeitos essencialmente *negativos* para as faces (como a ordem ou a crítica), ou essencialmente *positivos* (como o elogio e o agradecimento)”<sup>14</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 82).

A autora acrescenta, ainda, o conceito de “polidez negativa” e “polidez positiva”:

**A polidez negativa é de natureza abstencionista ou compensatória:** ela consiste em evitar produzir um FTA, ou em abrandar, por meio de algum procedimento, sua realização – quer esse FTA se refira à face negativa (ex.: ordem) ou à face positiva (crítica) do destinatário.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Grifos da autora

<sup>15</sup> Grifos da autora

**A polidez positiva é, ao contrário, de natureza produtiva:** ela consiste em efetuar algum FTA para a face negativa (ex.: presente) ou positiva (ex.: elogio) do destinatário<sup>16</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 82).

Para exemplificar, trazemos alguns exemplos do *corpus* desta pesquisa:

(01)

15 (...) vou tomar a liberdade:: governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?

(02)

24 mas por que que o senhor tá me dizendo isso?

(03)

99 deixa eu perguntar deixa eu perguntar

Como recursos de *polidez* positiva, temos a hierarquia marcada com o uso das formas de tratamento empregadas pela entrevistadora ao dirigir-se ao convidado: “governador” (01) e “senhor” (02). Elas oferecem uma *face positiva* tanto para a entrevistadora, quanto para o entrevistado, pois convencionalmente o público telespectador deseja ver demonstrações de respeito em relação ao ilustre convidado.

As expressões modalizadoras “vou tomar a liberdade” em (01) e “deixa eu perguntar” em (03), se constituem em eficientes recursos de *polidez negativa*. Em (01) há um efeito de abrandamento, pois a entrevistadora anuncia a introdução de um tópico, evitando uma possível reação negativa do entrevistado e, em (02), anuncia a mudança de tópico por meio de um pedido.

Em (01), temos também um ato de *polidez negativa*. Com o pronunciamento enfático da expressão modalizadora “OUVI DIZER”, a entrevistadora pretende atenuar a afirmação que vem a seguir “que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta”, pois creditando o peso da afirmação à voz de outrem, a entrevistadora preserva sua face positiva isentando-se de qualquer ônus de responsabilidade pelo dito e ao mesmo tempo preserva a face negativa do entrevistado.

Tomando em conta que os interactantes desejam manter-se conectados durante o evento comunicativo, mesmo que por tempo limitado e restrito ao evento, procuram utilizar procedimentos linguístico-discursivos que mantenham o equilíbrio e propiciem o

---

<sup>16</sup> Grifos da autora

encadeamento dos tópicos para que a troca seja produtiva e proveitosa para ambos. Assim, evitam danos à imagem de um de outro, procurando fazer suas incursões, por meio de manobras que propiciem uma troca amistosa e consensual.

Essas manobras são, na verdade, atitudes marcadas socialmente como *atitudes de boas maneiras*, as quais podem ser universais por serem observadas em qualquer grupo social, mas também, podem ser restritas, na medida em que as atitudes que são avaliadas positivamente por um grupo, podem não ser por outro (KERBRAT-ORECCHINI, 2006). A título de exemplificação, trazemos este excerto retirado do *corpus*:

(04)

33 aliás tá/tá magro... tá elegante... tá impressionante... (...)

A entrevistadora faz elogios ao entrevistado mencionando uma característica física que é valorizada em nossa cultura (ser magro), mas que não é valorizada, por exemplo, entre algumas culturas indígenas, onde a magreza é vista como sinal de fragilidade física e falta de vitalidade. Ocorre, também, que em algumas culturas não é apropriado para uma mulher fazer elogios físicos a um homem publicamente. Como se observa as regras sociais estão predispostas à cultura e ao contexto de interação. Além disso, podem mudar de tempos em tempos.

### 1.5.1 Procedimentos de polidez

Considerando que a polidez é um conjunto de regras socialmente instituídas e conjugadas pelos parceiros no evento comunicativo, as quais viabilizam a interação evitando mal entendidos que possam ser interpretados como ofensivos e/ou agressivos, os interlocutores evitam situações de vulnerabilidade. Entretanto, como nem sempre é possível manter uma interação totalmente isenta de atos ameaçadores - os quais em consequência possam provocar a suspensão temporária ou definitiva do processo comunicativo – os interlocutores se apropriam de procedimentos, visando a atenuar os efeitos de sentido negativos e por isso, nocivos ao bom caminhar da interação.

Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 84-89) classifica esses procedimentos em dois tipos: os *procedimentos substitutivos*, que consistem em eleger outras formas menos rudes para se fazer uma crítica ou intentar uma ordem e os *procedimentos acompanhantes*, que consistem em suavizar a um ato ameaçador por meio de expressões modalizadoras que se

associam ao FTA com a função de “apaziguar” o interlocutor tendo em vista uma possível situação de desaprovação por parte deste.

No excerto 05, extraído do *corpus*, verifica-se que os dois tipos de procedimentos foram utilizados conjuntamente:

(05)

150 ((risos)) então eu aqui na minha ansiedade antes de terminar esse bloco queria colocar uma pergunta e eu JURO que não tem maldade por trás só uma grande ignorância... éh::: falando ainda em eleição municipal né::: o PT ao que tudo indica tá se encaminhando pra ter como candidato o ministro da educação Fernando Haddad... eu gostaria de saber do senhor e eu JURO que é uma curiosidade genuína éh::: o senhor que entende o raciocínio político qual é o que existe por trás dessa candidatura?... porque eu num::: hum::: não consigo entender

Nessa fala, a entrevistadora pretende saber qual é a estratégia do Partido dos Trabalhadores (PT) em selecionar repentinamente o ministro Fernando Haddad para se candidatar a prefeito de São Paulo, já que o mesmo não contava com um bom índice de aceitação pública. Prevendo a fragilidade do tópico que deseja introduzir - por envolver a revelação das conversas de bastidores cujos temas são as estratégias políticas dos partidos tanto de oposição como o do próprio convidado - a entrevistadora usa a forma verbal “queria” no futuro do pretérito para expressar um desejo em substituição à forma “quero”, no presente do indicativo que indicaria uma ordem. Esse recurso, associado à expressão “colocar uma pergunta” representa um *recurso acompanhante*, pois assume a função de prenunciar a introdução de um tópico mais invasivo, amenizando seu impacto. O mesmo ocorre com a frase “eu gostaria de saber do senhor”, com a ressalva de que o verbo “gostar” no futuro do pretérito em Português é usado prototipicamente para atos de fala indiretos que expressam uma ordem sob a forma de um desejo.

Dentre os *procedimentos acompanhantes*, Kerbrat-Orecchioni (2006, p.88-89) ressalta alguns:

- **enunciados preliminares**, que se baseiam na formulação de frases modais precedendo um FTA com o objetivo de preparar positivamente o interlocutor e garantir o seu assentimento. A autora as distingue em:
  - *interpelações*: “Você pode me fazer um favor?”, “Você tem dinheiro aí?”;
  - *perguntas*: “Posso te perguntar uma coisa?” / te fazer uma pergunta?”;
  - *críticas ou objeções*: “Eu posso te dar uma opinião?” / uma pequena crítica?”;
  - *convites*: “Você está livre esta noite?”.

- **os minimizadores**, que tem a função de abrandar um FTA pela forma como é apresentado: “Eu queria simplesmente te pedir... / Você poderia arrumar um pouquinho essas coisas? / Você pode me dar uma ajudinha?”.
- **os modalizadores**, os quais geram efeitos de distanciamento entre o sujeito da enunciação e o conteúdo da enunciação, assim suas asserções parecem ser menos incisivas: “eu penso / acho / creio / me parece que / tenho a impressão”.
- **os desarmadores**, cuja função é evitar uma possível reação negativa do interlocutor quanto ao ato por meio de justificativas: “Não queria importunar, mas... / Espero que você não me interprete mal”.
- **os moderadores**, que na verdade são “mimos” dirigidos ao interlocutor para fazê-lo colaborar: “Feche a porta meu anjo / Você que toma notas tão bem, poderia me passar essas suas aí?”.

## 2 O TÓPICO DISCURSIVO

Conforme Marcuschi (1986, p.77), o tópico constitui-se como unidade discursiva fundamental que institui o evento conversacional, pois ele é visto como “sobre o que se conversa”. Segundo o autor: “só se estabelece e se mantém uma conversação se existe algo sobre o que conversar, nem que seja sobre futilidades ou sobre o tempo, e se isto é conversado. É a isto que se refere Goffman quando sugere que uma conversação é uma *interação centrada*” (MARCUSCHI, 2006, p.77).

A conversação implica uma construção colaborativa entre os participantes cujo desenvolvimento se dá com base na troca de turnos entre pelo menos dois falantes, estando estes, voltados para um mesmo assunto, ou seja, o tópico discursivo. No texto falado, a delimitação dos tópicos não se dá de forma estática como no texto escrito, em que é possível circunscrevê-los à frase ou a um conjunto de frases justapostas. A simultaneidade entre o planejamento e a verbalização no decorrer da construção do texto falado e a sua própria dinamicidade, além de fenômenos como a sobreposição de vozes, as interrupções, pausas, os elementos prosódicos e a atuação de elementos não verbais (gestos, olhares, expressões fisionômicas) concorrem para uma visão mais global na delimitação dos tópicos.

Da mesma forma, nem sempre há marcas explícitas que identificam o tópico, mas ele se encontra subentendido entre os interlocutores participantes do evento comunicativo.

Quando isso ocorre, verifica-se que o referencial não se encontra no texto, mas no contexto situacional e, neste caso, as unidades lingüísticas referem-se sistematicamente a traços do mundo extralingüístico. Esses traços incluem não só a situação imediata onde as unidades são utilizadas, como também o conhecimento por parte dos interlocutores sobre o que foi dito anteriormente e sobre quaisquer crenças externas relevantes. (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2012, P. 40)

Assim, a coerência e a coesão do texto falado não se restringem simplesmente às marcas lingüísticas e discursivas presentes na superfície do texto, mas na relação entre os referentes em função da articulação dos conhecimentos partilhados e de acordo com o contexto da interação conforme afirma Jubran (2006, p. 90):

O tópico decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimentos recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam.

O tópico apresenta três propriedades fundamentais: a *centração* (ou *focalização*), a *organicidade* e a *segmentação* (KOCH, 2006; MARCUSCHI, 2006; GALEMBECK, 2012).

A primeira diz respeito ao foco em um determinado tema, de modo que se mantenha a coerência do texto (falado ou escrito), ou seja, está relacionada à ideia de unidade. Consideramos, os pressupostos de Koch (2012, p. 8) a respeito de “texto”:

[...]uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor, em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

A segunda, por seu turno, relaciona-se à organização tópica do texto falado, a qual se desenvolve em dois níveis interligados: o linear (horizontal) e o hierárquico (vertical) (KOCH; MARCUSCHI, 2006). No plano linear, está indicada a relação entre os tópicos na linha discursiva, em sua linearidade. Por meio desse plano, o qual apresenta a progressão tópica, é possível compreender a noção de continuidade, quando existe uma organização sequencial dos tópicos, e de descontinuidade, quando não existe essa organização, de modo que a sequência tópica seja perturbada (GALEMBECK, 2012). Já no plano hierárquico, são apresentadas as relações de interdependência entre o supertópico, o tópico e os possíveis subtópicos. Nesse plano, ocorre a especificação do assunto em pauta de acordo com as necessidades e as intenções dos interlocutores (GALEMBECK, 2012).

A terceira “consiste na delimitação dos vários segmentos ou porções tópicas, intuitivamente identificadas pelos falantes, na medida em que há na fala marcas desta delimitação tópica, mas que nem sempre constituem um critério absoluto, pois são facultativos, multifuncionais” (GALEMBECK, 2012, p.71).

Se, nas interações espontâneas, os interlocutores encontram-se presumivelmente em pé de igualdade quanto à construção do quadro tópico - ou seja, ambos podem orientar a conversa para os tópicos que desejam desenvolver – na entrevista, por ser caracterizadamente, um evento marcado pela hierarquia entre os papéis conversacionais do entrevistador e entrevistado, não ocorre o mesmo. Nela, o entrevistador assume o papel de gestor do evento comunicativo fazendo uma série de intervenções de caráter referencial com o objetivo de orientar o diálogo para o quadro tópico que pretende desenvolver.

Assim, as perguntas e asserções do entrevistador têm o papel de monitorar a ação tópica para atender à pauta planejada visando à contribuição colaborativa do entrevistado cuja participação se restringe basicamente ao assentimento dos tópicos propostos.

## 2.1 QUADRO TÓPICO

Os quadros tópicos são formados pela interdependência das relações que se formam no plano hierárquico de organização. Segundo Jubran (2006, p. 96-97), eles são caracterizados por duas condições necessárias (a e b) e uma possível (c), as quais transcrevemos na íntegra abaixo, excetuando-se os exemplos dados pela própria autora:

- a) concentração num tópico mais abrangente (supertópico – ST), que recobre e delimita a porção do texto em que ele é focal.
- b) divisão interna desse ST em tópicos co-constituintes (subtópicos – SbTs), situados numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresentam o mesmo teor de concernência relativamente ao ST que lhes é comum.
- c) subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituente, de modo que um SbT de um ST superior a ele passa a ser um ST em relação aos tópicos que o integram (SbTs), constituindo, com eles, um QT de nível inferior na hierarquia tópica.

Vale ressaltar que, tendo em vista a possibilidade de subordinações contínuas no QT, há de se observar o nível de hierarquia que se pretende recortar para análise, dado que um SbT poderá ser eleito pelo(s) falante(s) para exercer a função de um ST na cadeia sucessória formando assim, outro QT.

## 2.2 CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE TÓPICA

Segundo o exposto anteriormente, o tópico tem limites bem definidos que são ancorados pelas propriedades de concentração (falar sobre algum assunto) e pela organicidade (cuja interrelação se estabelece entre um tópico mais abrangente e seus segmentos, os subtópicos) que se manifesta pela interdependência que ocorre simultaneamente tanto no plano linear como no vertical.

Segundo Fávero (2010, p. 54), por meio da observação no plano linear, é possível se compreender dois fenômenos básicos que compõem a organicidade:

a continuidade – decorre de uma organização seqüencial dos tópicos, de modo que a abertura de um se dá após o fechamento do precedente. Deve-se dizer que o tópico compreende mecanismos de início, desenvolvimento e saída detectáveis por elementos verbais ou por traços supra-segmentais.

a descontinuidade – decorre de uma perturbação na seqüencialidade: um tópico é introduzido, na linha discursiva, antes de se ter esgotado o precedente que pode ou

não retornar. Se não há retorno, tem-se um corte e se há, têm-se as **inserções** ou as **digressões**...

Seguindo a classificação de Dascal e Katriel (1982 *apud* Fávero, 2010, p. 60), a digressão, entendida como um desvio do assunto em pauta, pode ser diferenciada, segundo as afirmações da autora em:

- *digressão baseada no enunciado*: ocasionada por uma interferência externa, e atende a uma demanda circunstancial que ocorre durante o evento conversacional, como por exemplo: a chegada de uma pessoa, comentários sobre as horas ou sobre o clima, ruídos externos, etc. Sua interferência poderá provocar a ruptura ou a suspensão temporária do tópico em andamento.
- *digressão baseada na interação*: quando apresenta algum vínculo com o assunto em pauta. Em geral, essa digressão é introduzida pelos marcadores conversacionais: *a propósito...*; *por falar nisso...*; *já que você mencionou isso...*; *aliás...*; entre outros.
- *digressão baseada em sequências inseridas*: é inserida com o intuito de esclarecer, corrigir ou informar algum referente do enunciado anterior que não foi totalmente entendido.

Nesta análise, interessam-nos especialmente as digressões *baseadas na interação* e em *sequências inseridas* por serem recorrentes durante o evento e se constituírem em manobras para a manutenção ou substituição de um conjunto de relevâncias tópicas por outro.

### 2.2.1 Digressões baseadas na interação

Acerca das digressões baseadas na interação, observamos que tanto na fala do entrevistado como na da entrevistadora, são inseridas com propósitos distintos. A seguir, apresentamos algumas ocorrências no *corpus* pesquisado, sendo que nos excertos 06 e 07 as digressões ocorrem na fala de L2 e no excerto 08, na fala de L1.

(06)

120 L1 vamos... ah:: okey eu eu eu entendi tudo eu to considerando todo esse currículo brilhante mas SÃO PAULO pra::: um::: homem de trinta e um ANOS num/não é meio assustador?

L2 olha... eu fui prefeito com vinte e quatro anos de idade e o que que se dizia? é muito criança... é muito criança... eu até lembrava dizendo o seguinte olha pouca idade é um mal que o tempo cura né:: ((risos)) cura muito rápido e isso que é ruim

L1 coloca em dúvida a candidatura de Bruno Covas do PSDB para a prefeitura de São Paulo, fazendo menção à idade dele, considerada por L1, pouco apropriada para o cargo de prefeito, mormente em se tratando da cidade São Paulo. Respondendo à pergunta, L2 argumenta contrariamente relatando sua experiência como prefeito aos 24 anos. Na continuidade lança uma pergunta retórica *e o que que se dizia?*, que desencadeia duas digressões que assumem a função de respaldar seus argumentos. A primeira se refere à “voz do povo” que, à época da sua candidatura, fazia uma avaliação negativa em relação à sua idade: *é muito criança é muito criança* e a segunda seria sua contra-resposta ao povo fazendo uma reflexão sobre a efemeridade do tempo: *eu até lembrava dizendo o seguinte olha pouca idade é um mal que o tempo cura né:: ((risos)) cura muito rápido e isso que é ruim.*

(07)

280 L2 há uma tolerância  
[  
L1 há uma tolerância... há uma tolerância e as pessoas bebem socialmente bebem em CASA na frente de todo MUNdo:: a comemoração e aí vêm as crianças de de de não sei como lembro nem lembro mais como é que fala... eu tô péssima ultimamente pras expressões pros ditados... as crianças vêm né? Vêm junto como é/o que que o senhor pretende com isso?  
L2 aliás aliás o:: Gabi ahn antigamente o adolescente ele começava a beber com dezesseis dezessete anos hoje é com treze anos

Nesse trecho, L1 comenta a tolerância da sociedade ao consumo de bebidas alcoólicas dentro de casa e o problema que isso acarreta para as crianças. L2 introduz uma digressão iniciada pelo marcador *aliás*, e incorpora uma nova informação: a idade em que os adolescentes começam a consumir álcool atualmente.

(08)

68 L1 tamo falando São Paulo... tamo falando:: olha inclusive ontem tava no radar on-line da Veja uma ah:: vamos dizer... Aluísio Nunes traduzindo o que o Serra éh::... disse quando defendeu uma aliança com PSD do Gilberto Kassab e Guilherme Afif... que pra ele Aluísio Nunes Ferreira o PSD o PSDB tem a mesma base de eleitores que não votam no PT e que seriA um suicídio fragmentar essa força ele diz mais... qual vai ser

o nosso discurso se formos pra disputa com o PSD... nós vamos criticar o projeto começado pelo PSDB não faz nenhum sentido

L1 introduz uma digressão por meio dos marcadores *olha inclusive*, trazendo à tona um comentário do Jornalista Aluísio Nunes publicado no Radar *on-line*<sup>17</sup> da revista Veja. Essa digressão tem o intuito de prefaciar a pergunta que vem a seguir e, ao mesmo tempo, apoiá-la no discurso de autoridade da revista Veja.

### 2.2.2 Digressões baseadas em sequências inseridas

Como dissemos anteriormente, essas digressões assumem a função de elucidar enunciados que não foram bem compreendidos, por esse motivo, são sempre inseridas pelo interlocutor na condição de ouvinte. Trazemos um exemplo do *corpus* em que esse tipo de digressão ocorre por meio de elementos linguísticos, e paralinguísticos (risos que aparecem na transcrição):

(09)

- |    |    |   |
|----|----|---|
| 13 | L1 | (...) governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?  |
|    | L2 | ((risos)) não imagina... primeiro uma alegria revê-la cumprimentá-la... a política antiga... ah:: Gabi... ela era muito discursiva:: cheia de retórica... né::? de arroubos... de lutas... hoje a política moderna... eu acho que é::: o que que a população quer? honestidade... eficiência... resultado... <i>low profile</i> ... né?... o governo bom é governo que não tá dando espetáculo... é governo que trabalha pra população que melhora a vida das pessoas |
|    | L1 | <u>mas por que que o senhor tá me dizendo isso?</u>   |
|    | L2 | <u>tô dizendo por causa do chuchu</u>   |
|    | L1 | ((risos))<br>chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora::... é verdade... não?   |

L1 quer saber por que a mídia teria acrescentado o complemento *com pimenta* ao apelido *chuchu* que fora atribuído a L2 anteriormente. Percebendo que L2 rejeita o tópico proposto e desenvolve na resposta o tópico “política”, L1 introduz a pergunta *mas por que o senhor tá me dizendo isso?* Essa pergunta é introduzida por meio do marcador *mas* que no caso,

<sup>17</sup> Publicações disponíveis no site: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/>

assume a função de retomar o tópico anterior e demonstrar contrariedade em relação ao conteúdo desenvolvido na resposta de L1. Na sequência, L2 justifica-se, mas L1 percebendo a manobra evasiva ao tópico em pauta (o que também é sugerido pelos risos), retoma o tópico logo a seguir. Essas falas subsequentes que aparecem grifadas constituem-se em uma sequência inserida que momentaneamente provoca a suspensão do fluxo temático em pauta com o propósito de corrigir a rota e reintroduzir o tópico original.

### **2.3 RUPTURA TÓPICA E FECHAMENTO TÓPICO**

A ruptura do tópico pode ocorrer por motivos alheios à interação, como por exemplo, pelas interrupções advindas de ruídos externos ou pela introdução de novos participantes na interação que repercutem na mudança de centração do quadro tópico. Também ocorre por motivos relativos à interação, ou seja, um dos interlocutores introduz um novo tópico não dando chance para que o tópico em pauta seja desenvolvido.

Já, o fechamento tópico, pode ocorrer pelo esvaziamento do conjunto de referentes em andamento ou pode ser desencadeado pela manifestação de um dos interlocutores por não desejar mais prosseguir. O fechamento pode ser anunciado de forma explícita, por intermédio de marcadores como *enfim*, *quer dizer* seguidos de declaração conclusiva, por marcas implícitas como pausas prolongadas, entonações descendentes ou por marcadores que tem a função de finalizar o tópico e ao mesmo tempo buscar a aprovação do ouvinte como, *não é?*, *né?*, *sabe?*.

### **2.4 PROCEDIMENTOS QUE SINALIZAM A MOVIMENTAÇÃO TÓPICA**

Além dos recursos citados acima, cuja recorrência incide principalmente no fechamento do tópico, alguns movimentos sinalizam a orientação para a projeção de outro foco temático sobre o qual se vai falar em seguida. Esses movimentos são descritos por Rizzo (2006, p. 113-118) como tematização, paráfrases, repetições, hesitações e constituem-se em recursos que podem contribuir para introduzir, retomar, manter ou delimitar tópicos.

#### **2.4.1 Tematização**

A tematização ocorre com bastante frequência em textos falados e consiste na inversão da sequência direta dos constituintes de um enunciado. Assim, um dos elementos é deslocado à esquerda, ou seja, para o início da construção do enunciado, orientando o foco temático, conforme afirma Jubran (2006, p.113)

Temos nesse caso, construções com tema marcado, que têm a função precípua de colocar em foco um tópico a ser introduzido ou desenvolvido, anunciando previamente a centração do próximo segmento no discurso. Desse modo a tematização tem um desempenho textual, como motivações interacionais de indicar ao interlocutor o foco sobre o qual recairá a conversa.

Nesse tipo de construção, o elemento constituinte assume posição independente em relação à construção sintática oracional e pode ser retomado ou não no interior do enunciado pela sua repetição ou por meio de um pronome-cópia.

#### **2.4.2 Paráfrases**

As paráfrases são enunciados reformuladores que retomam um enunciado anterior assumindo funções como a de explicar, generalizar, especificar, resumir, entre outras. Segundo Fávero, Andrade, Aquino (2012, p. 63):

A paráfrase exerce inúmeras funções, como a de contribuir para a coesão do texto, enquanto articuladora de informações novas e antigas, mas sua função principal é a de garantir a intercompreensão, e difere das demais atividades de formulação como, por exemplo, a repetição pela criatividade em contraste com o automatismo desta última.

Como o foco deste trabalho é identificar a delimitação dos tópicos, interessam-nos especificamente as paráfrases que assumem a função de sinalizar o fim de um tópico, assim como, as que permitem a manutenção na centração tópica. No fechamento do tópico, elas podem aparecer no final da exposição dos argumentos apresentados para expressar uma posição avaliativa resumidora conforme assinala Risso (2006, p. 115): “Nessa função: elas tendem a retomar o conteúdo anteriormente expresso no segmento tópico, de modo geralmente resumido, indicando a completude do tópico”.

As paráfrases que indicam a intenção do falante em fechar um tópico, geralmente são assinaladas pela anteposição dos marcadores *enfim*, *quer dizer* ou por marcadores multimodais,

ou seja, que ao mesmo tempo dão indícios de fechamento de tópico e buscam a aprovação do ouvinte *não é?, né?, sabe?*<sup>18</sup>

Na manutenção de um tópico, as paráfrases retomam o enunciado, estabelecendo com este, um grau de equivalência semântica cuja interpretabilidade depende muito mais do momento do desenvolvimento da interação e dos conhecimentos partilhados entre os interactantes, do que simplesmente pela relação que se estabelece entre as estruturas proposicionais do enunciado matriz e a paráfrase. Conforme afirma Hilgert (2006, p. 290): “O que há entre eles é um grau de equivalência, o qual pode estender-se de uma equivalência forte a uma equivalência fraca”. Em qualquer caso, toda paráfrase determina uma progressão textual, gerando novos sentidos.

### 2.4.3 Repetições

As repetições (Rs) podem ser motivadas por fatores de ordem interacional, cognitiva, textual e são muito presentes nas atividades de construção do texto falado conforme afirma Marcuschi (2012): “Na fala, em que nada se apaga, a repetição faz parte do processo formulativo. Sua presença na superfície do texto falado é alta, constatando-se que, a cada cinco palavras, em média, uma é repetida”.

Segundo o autor: “pode-se dizer a repetição é a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” e faz as seguintes considerações (2006, p. 221-222):

- a) a expressão *segmento textual* designa qualquer produção linguística de um texto oral, seja ele um segmento fonológico, uma unidade lexical, um sintagma (um constituinte suboracional ou uma oração);
- b) o termo *idêntico* refere uma repetição, em que o segmento referido é realizado sem variação em sua relação com a primeira entrada; seria a repetição exata;
- c) o termo *semelhante* aponta para a produção de um segmento com variação, seja no item lexical ou na estrutura (ou parte dela), incluindo-se aí a variação prosódica;
- d) a expressão evento comunicativo designa uma unidade de interação desde seu início até o final. Essa especificação faz com que a repetição seja observada no âmbito do mesmo evento comunicativo como condição necessária para consideração.

---

<sup>18</sup> Sobre fechamento tópico, ver item 2.3

Quanto à produção, os segmentos repetidos distinguem-se entre autorepetições (o próprio falante produz) e heterorrepetições (o interlocutor repete algum segmento dito pelo locutor).

Quanto à disposição das Rs no quadro tópico, elas podem ser adjacentes (contíguas ou próximas a matriz) ou estarem distantes (em tópicos diferentes).

As Rs assumem um conjunto variado de funções, dentre elas destacam-se a de promover a organização do discurso, a coerência textual e a organização tópica. Na função de organização tópica, interessam-nos principalmente, analisar as repetições que são patentes para introduzir, retomar, delimitar e manter tópicos.

A R é utilizada no início do turno conversacional para marcar a introdução de um novo tópico que será desenvolvido na sequência. Na reintrodução, a R assume a função de promover a retomada do tópico em pauta após a interrupção causada pela inserção de um tópico discursivo entremeando outro que estava sendo desenvolvido e na delimitação, a R pode encerrar um tópico pontuando seu esgotamento pela redundância das informações.

Já, na manutenção do tópico, a R tem papel preponderante em evidenciar a contração no QT, na medida em que os falantes retomam o seu referente central.

## 2.5 OS PARES ADJACENTES E O DESENVOLVIMENTO DO TÓPICO

Para que um evento conversacional se concretize, ele deve se organizar em no mínimo dois turnos coordenados e cooperativos. O turno, conforme Castilho (2011, p. 36), “é o segmento produzido por um falante com direito voz...”

Ao longo de um evento conversacional, os turnos se compõem em sequências que são denominadas de *pares adjacentes*, termo introduzido por Schegloff (1972 *apud* MARCUSCHI, 2007, p. 35)

Segundo Burgo, Ferreira e Storto (2011, p. 22):

Para que se concretize uma conversação, não basta a ocorrência de um turno, mas no mínimo a ocorrência de dois turnos coordenados, que se implicam por condições de relevâncias (relevância condicional). Isso significa que, dada a primeira parte, uma segunda é esperável; se esta ocorrer, é vista como a segunda em relação à primeira. Nesses termos, essa sequência da primeira parte somada à segunda configura um par conversacional, o qual é considerado, na realidade, a unidade conversacional mínima.

Marcuschi (2007, p. 35) classifica os pares adjacentes (ou pares conversacionais) em:

- pergunta-resposta
- ordem-execução

- convite-aceitação/recusa
- cumprimento-cumprimento
- xingamento-defesa/revide
- acusação-defesa/justificativa
- pedido de desculpa-perdão

Alguns pares têm características que sugerem expectativas de ordem e transições prováveis encadeando as ações prospectivas como é o caso do *par pergunta-resposta*. Ao fazer uma pergunta, o interlocutor seleciona quem irá responder e ao mesmo tempo se escolhe como provável candidato ao próximo turno. No *corpus* selecionado (entrevista televisiva), o *par pergunta-resposta* se fará presente de forma predominante e as perguntas assumirão papel fundamental para o monitoramento do quadro tópico na medida em que concorrem para a introdução, a retomada e a mudança do tópico discursivo.

## 2.6 FUNÇÃO DAS PERGUNTAS E A PROGRESSÃO TEMÁTICA

Segundo Fávero (2000), as perguntas podem assumir diferentes funções de acordo com os objetivos a que se pretendem ou podem servir apenas para o estabelecimento de um primeiro contato. Assim, elas são utilizadas na solicitação de informações, confirmações e esclarecimentos, podendo ainda ter função meramente retórica (FÁVERO, 2000).

As **perguntas com pedido de informação** ocorrem com bastante frequência nas entrevistas de forma geral. A resposta pode se restringir somente à informação solicitada ou pode ser usada para a expansão do tópico com a expressão de opiniões do interlocutor. As **perguntas com pedido de confirmação** são usadas com a finalidade de requerer que o interlocutor sustente uma informação dada. Já as **perguntas com pedido de esclarecimento** ocorrem quando o interlocutor não tem certeza se ouviu ou interpretou bem os referentes em andamento. As **perguntas retóricas**, por sua vez, têm o propósito de manter o turno e orientar a argumentação em andamento ou estabelecer contato (função fática).

### 2.6.1 Estrutura das perguntas: perguntas fechadas e perguntas abertas

As perguntas fechadas comportam respostas que não têm a função de informar ou esclarecer, pois servem para confirmar uma posição (*sim* ou *não*) diante de uma pergunta que

comporta a informação explícita ou implícita. Assim, em: *Você quer um sorvete?* A informação contida (explícita) é saber se o interlocutor deseja consumir um sorvete, no entanto tal informação pode não aparecer verbalizada, pois um interlocutor pode sugerir-la com elementos paralinguísticos em meio à situação em que se encontram. Dessa forma, a pergunta poderia ser apenas: *Você quer um?*

Já, nas *perguntas abertas*, busca-se uma informação nova, conforme verifica-se nestes excertos retirados do *córpus*:

(10)

213 L1 tá bom... governador com tanto debate político o senhor encontra TEMPO pra governar? é uma pergunta éh::: qual é a maior dor de cabeça do governador de São Paulo HOJE?

(11)

243 L1 éh:: o senhor passou pelo assunto segurança o Rio de Janeiro tá enfrentando com sucesso né... os traficantes de drogas e a criação de UPPs as Unidades de Polícia Pacificadoras tá indo::: essa criação deu certo tá indo tudo de vento em popa o que permitiu ocupar os territórios antes dominados pelos bandidos o São Paulo te/ahn o estado de São Paulo teria a aprender com a política de segurança pública carioca?

As perguntas abertas são iniciadas pelos marcadores ou pronomes interrogativos: *onde, quando, como, quem, de quem*, etc. Nas palavras de Castilho (2011 p. 46) “sendo vazios de sentido, tais pronomes funcionam como catafóricos, cabendo ao interlocutor responder com expressões plenas de sentido”.

Em programas de entrevistas, predominam as perguntas abertas, as quais propiciarão o desenvolvimento dos tópicos selecionados pelo entrevistador na busca por informações e esclarecimentos que preencham as expectativas do público. Elas podem surgir para introduzir um tópico que irá desencadear a entrevista e introduzir novos tópicos concernentes ou não entre si.

### 2.6.2. Monitoramento do tópico por meio de perguntas

Segundo Fávero (2000), o monitoramento do tópico na entrevista dá-se, principalmente, por meio de perguntas, as quais podem orientar ou reorientar o curso da entrevista. Elas podem, de acordo com a autora, ocorrer nas seguintes situações:

a) **Introdução de tópico:** ao iniciar a entrevista, é comum que o entrevistador utilize-se de uma pergunta. Essa estratégia é empregada também quando se introduzem novos tópicos na conversação.

b) **Continuidade de tópico:** as perguntas e as respostas são utilizadas pelos interlocutores para dar prosseguimento ao tópico.

c) **Redirecionamento do tópico:** o tópico pode agir prospectiva e retrospectivamente. Ao perceber que houve um desvio do tópico, o interlocutor pode redirecioná-lo por meio de uma pergunta, reintroduzindo o tópico original.

d) **Mudança de tópico:** a ocorrência de uma pergunta pode selecionar um novo tópico. A opção pela mudança pode estar relacionada a referentes não compreendidos, a referentes que provoquem muitas associações, seja por esgotamento, seja por falta de interesse em prosseguir ou outros.

### 3 A ENTREVISTA

A entrevista pode ser entendida como uma situação dialógica entre duas ou mais pessoas que geralmente estão fisicamente presentes que têm direito à alternância nos turnos de fala (CHARAUDEAU, 2010).

Segundo o autor, existem três situações dialógicas que estão próximas umas das outras, a *entrevista*, o *bate-papo* e a *conversa* e considera que a entrevista se distingue das demais pelo modo como se regula a alternância nos turnos de fala.

Assim, no *bate-papo*, ocorre maior regularidade na alternância dos turnos de fala, pois existe igualdade de *status* entre os participantes e ambos dominam o tema contribuindo de forma equilibrada para o seu desenvolvimento.

Na *conversa*, não há necessariamente a igualdade de *status* entre os participantes e os temas podem ser variados: “Ela se caracteriza, ao contrário, por sua diversidade, pela possibilidade de mudar de tema sem ter necessariamente de se justificar (direito à não sequenciação temática)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 214). Desta forma, a alternância dos turnos não é regular e está sujeita a interrupções constantes e cada participante têm o direito de tomar a palavra a qualquer momento.

Na *entrevista*, os *status* dos participantes não se encontram em pé de igualdade, de tal forma que um encontra-se no direito de questionar enquanto que o outro se submete ao papel de ser questionado. Dessa forma, a alternância de fala é regulada e controlada pelo entrevistador que maneja o evento comunicativo, escolhe os tópicos que deseja desenvolver e decide como e quando introduzi-los.

Para BUENO (2002), a entrevista configura-se como uma troca verbal com o propósito de atender a uma determinada finalidade onde os interlocutores colocam-se sempre em posição desigual “uma vez que, de um lado, está o entrevistador, seja ele terapeuta, pesquisador, jornalista, etc., buscando ou recebendo informações, e do outro, o entrevistado, que, respondendo ou explorando mais livremente suas questões, está igualmente sob a direção do primeiro.” (p. 12)

A autora afirma que a entrevista tem sido tratada mais sobre o ponto de vista de sua aplicação e as publicações acerca do assunto têm-se preocupado mais em fazer classificações genéricas e enfatizar técnicas de como entrevistar, deixando de lado um estudo mais profundo quanto à sua conceituação e características:

A entrevista é geralmente concebida como uma técnica de conversação utilizada enquanto instrumento metodológico para investigação, obtenção de dados ou informações. É intensamente empregada nas suas várias modalidades em intervenções terapêuticas, elaborações diagnósticas, orientações, em pesquisas pelas chamadas ciências humanas e sociais e em várias outras áreas de atividades. No entanto, a entrevista parece ser muito mais praticada do que estudada, conceituada e definida para além do âmbito das especificidades na sua aplicação. (BUENO, 2002, p. 9)

Salienta também, que a situação de assimetria que se instaura durante a entrevista é o grande fator que a distingue de outros eventos conversacionais cotidianos, cuja determinação se dá pela relação hierárquica entre os interlocutores, ficando de um lado aquele que conduz o evento conversacional, pergunta, questiona, sugere e, de outro, aquele que aceita ser conduzido.

### **3.1 A ENTREVISTA: O EVENTO CONVERSACIONAL**

Reconhecendo as restrições da situação de comunicação, os interlocutores firmam um acordo tácito que é resultante de suas características próprias, nas quais se situam o espaço físico, a intenção comunicativa, as restrições (o que pode ou não ser dito), o gênero do evento (no presente caso, a entrevista televisiva), a identidade dos interlocutores, seus papéis sociais e o lugar de poder que ocupam no contrato comunicativo.

No acordo entre os interlocutores, estão presentes os conhecimentos partilhados, os interesses negociados de acordo com o objetivo da interação e a atitude colaborativa dos participantes, a qual deve ser favorável ao desenvolvimento e à sustentação do evento.

Embora possa haver um planejamento prévio da temática, a entrevista televisiva configura-se como um texto falado, em que planejamento de fala e sua execução são quase simultâneos no tempo. Dessa forma, os participantes de uma entrevista em que o acontecimento é provocado conservam, na produção dos enunciados, várias características da língua falada, próprias de uma conversação espontânea, como repetições, hesitações, correções, paráfrases e outras marcas do texto oral.

Como os tópicos estão sendo negociados em tempo real, os participantes assumem atitudes de cooperação. A teoria do Princípio de Cooperação (ou Princípio Cooperativo), elaborada por Grice (1982), afirma que, no diálogo, as pessoas fazem esforços cooperativos no intuito de tornarem a comunicação efetiva, reconhecendo nela um ou mais propósitos comuns.

Segundo Fávero (2000), o entrevistado contribui com a entrevista ao fornecer respostas que desenvolvam os tópicos propostos e, ao mesmo tempo, ao mantê-las centradas no foco das perguntas. O entrevistador, por sua vez, garante o sucesso do evento buscando estratégias que mantenham a produtividade e a expansão dos tópicos de acordo com os propósitos esperados. Nesse contexto, as relações entre o entrevistador, o entrevistado e a audiência são constitutivas no desenvolvimento da interação (FÁVERO, 2000).

É preciso observar que, nem sempre, na interação verbal, uma pergunta é seguida por uma resposta (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006). Dependendo da negociação entre os participantes da interação, do conhecimento partilhado e do contexto em que se encontram, essa ordem pode ser alterada, pois não há uma lógica que determine a organização do par pergunta-resposta (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006).

Para Marcuschi (2006, p.16), ao contrário do diálogo simétrico encontrado nas conversas diárias e naturais, a entrevista constitui um exemplo de diálogo assimétrico, “em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, redigir, concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outros(s) participantes(s)”.

Como existe um planejamento prévio da pauta, vários procedimentos discursivos são utilizados para inserir ou retomar tópicos polêmicos visando à colaboração do entrevistado. Para isso, percebe-se a alternância de maior ou menor polidez no direcionamento dos tópicos por meio de perguntas ou asserções dos entrevistadores, cabendo a esses serem perspicazes para a obtenção de respostas que preencham as expectativas dos entrevistadores e, ao mesmo tempo, os anseios da audiência. Fávero (2000, p.85), retomando Aquino (1997), afirma que “a entrevista desenvolve-se a partir de perguntas, mas o entrevistador perspicaz utiliza-se de estratégias variadas, conseguindo boas respostas e até, muitas vezes, revelações íntimas ou secretas, como ocorre, por exemplo, com a entrevistadora Marília Gabriela”.

Pelo exposto, podemos observar que a entrevista apresenta especificidades que definem o papel social do entrevistado e do entrevistador em um processo dinâmico, no qual é observada a relação de poder entre os interactantes, os quais, por sua vez, podem conduzir os tópicos de acordo com o contexto, de modo a promover a coerência e a organização do discurso.

### **3.2 A ENTREVISTA TELEVISIVA**

Conforme o exposto anteriormente, a conversa, o bate-papo e a entrevista são eventos dialógicos, no entanto, se na conversa e no bate-papo temos eventos em que predominam a fala

espontânea e os *status* dos interlocutores encontram-se no mesmo plano de igualdade e de poder no que tange à gestão do evento (cada um dos interlocutores tem direito de decidir quando tomar a palavra e mudar ou redirecionar o tema a seu bel-prazer), de outra forma, na entrevista televisiva, temos um evento provocado com papéis que são marcados pelo contrato midiático, o qual tenciona a construção de uma opinião pública sobre a temática abordada e os interlocutores: o entrevistador toma para si o papel de *gestor da palavra*, se apropriando do direito de questionar, com vistas a fazer seu convidado revelar verdades ocultas. A escolha da temática da entrevista e do convidado é feita previamente, atendendo a imperativos da atualidade e interesse do público. Durante o evento, o entrevistador maneja uma retórica de maneira a cativar o público-alvo e representar o papel de *bom entrevistador*.

O entrevistado, fazendo jus à honra de ser convidado, normalmente, submete-se às imposições do entrevistador e age com cordialidade e cooperação, conduzindo sua representação de forma a manter sua posição de destaque no evento.

Ao telespectador (público-alvo) atribui-se o papel de grande gestor, já que é para ele a quem o evento se destina, pois o mesmo se constrói visando à sua atenção, desencadeando desejos e curiosidades que poderão ser satisfeitas ou não.

Todo discurso depende das condições específicas de produção e de emergência. A situação de comunicação se dará dentro de um quadro de referência. Assim, nas palavras de Charaudeau (2010, p. 67):

A situação de comunicação constitui o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência? Como atribuiriam valor a seus atos de linguagem, como construiriam sentido, se não existisse um lugar ao qual referir as falas que emitem, um lugar cujos dados permitissem avaliar o teor de cada fala?

Nesse quadro de referência, a entrevista é regida pela situação de comunicação que é entendida como um palco, com restrições de espaço, de tempo, de relações, de convenções sociais pré-estabelecidas, que regulam o comportamento e o discurso dos indivíduos durante o diálogo. Assim, “Não somente todo locutor deve submeter-se às suas restrições (a menos que queira transgredi-las, mas isso mostra que reconhece sua existência), mas também deve supor que seu interlocutor, ou destinatário, tem a capacidade de reconhecer essas mesmas restrições” (CHARAUDEAU, 2010, p. 68).

### 3.3 A ENTREVISTA TELEVISIVA: O EVENTO MIDIÁTICO

Como evento midiático, a entrevista televisiva é idealizada visando ao sucesso da audiência. Dessa forma, são mobilizadas estratégias de atenção e persuasão para que a ligação com o público aconteça e se conserve cada vez mais forte. No caso de programas de entrevistas, como o *De frente com Gabi*, pretende-se, além da atenção do público, a sua fidelização, pois os programas se repetem dentro de uma periodicidade constante. Há a preocupação em capturar o telespectador pela empatia com a entrevistadora (no caso, a jornalista Marília Gabriela), assim como, buscar o interesse do público pelo entrevistado e/ou pela temática a ser abordada. Hernandez (2012, p.47) enfatiza que o leitor, telespectador, ouvinte ou internauta precisa ser provocado pelo desejo da falta de um saber, de uma curiosidade. Em seu dizer:

A crescente oferta de informação e todos os contínuos avanços tecnológicos na área da comunicação têm tornado os consumidores mais e mais infielis. E não só na rede mundial de computadores. Em termos semióticos, as estratégias persuasivas (principalmente relacionadas ao querer saber) devem ser cada vez mais sofisticadas. O público tem consciência das possibilidades crescentes de escolha. Manter-se fiel a um programa, por exemplo, pode significar a perda da oportunidade que geraria mais satisfação.

O apresentador de um programa de entrevistas, para atender às exigências de captação de audiência, desempenha um papel fundamental na encenação ao construir e gerenciar o espaço do que se vê e se ouve. Cabe a ele controlar o tempo de exposição para as respostas, monitorar os tópicos selecionados na pauta, organizar a distribuição dos turnos e incorporar papéis que se alternam entre: o *tradutor* quando ocorrem falas ambíguas ou obscuras, o *inquiridor* que solicita esclarecimentos e confirmações, o de *provocador* que suscita polêmica, o de *comentarista*, quando avalia imprimindo suas convicções, o de comediante quando dá o tom de descontração a temas mais polêmicos.

### 3.4 A RELAÇÃO INTERPESSOAL E OS PAPÉIS REPRESENTADOS

Na interação, um jogo de intersubjetividades (constituídos de emoções, sentimentos e pensamentos) inicia-se construindo um espaço relacional com o *outro*. Desse relacionamento emergem os papéis socialmente representados por cada indivíduo de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram.

A cada novo evento comunicativo, surgem algumas expectativas que podem ser traduzidas em perguntas como: quem é o outro? Qual sua intenção? Como me dirigir a esse outro? Quem sobrepujará durante o evento? Quais fatores externos podem interferir? Quais as condições em que se dará esse evento? Essas perguntas são referências importantes para a organização e a dinâmica do evento conversacional, ademais permitem a projeção dos papéis que se farão representados pelos indivíduos.

Nas interações, os indivíduos sofrerão influências recíprocas, portanto, é de interesse saber quais são os fatores relevantes na caracterização da relação que se estabelece entre os interactantes e como eles interagem na composição do evento interacional.

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que a interação ocorre sob a mediação das relações que se firmam no plano horizontal e vertical. Assim, no plano horizontal estaria uma graduação entre o distanciamento e a intimidade, cujos fatores contextuais, segundo a autora (p. 63-64), estariam vinculados a fatores externos e internos:

- 1) **Toda interação se desenrola num certo quadro** e põe em presença **determinadas pessoas**, que possuem algumas características particulares e que entretêm **um certo tipo de laço socioafetivo**: são esses **os dados externos** (ou contextuais) da interação estabelecidos em seu início.
- 2) Nesse quadro, ocorrerá **um certo número de eventos** e será trocado **um certo número de signos** (verbais, paraverbais e não verbais): **são os dados internos**.
- 3) Os comportamentos produzidos na interação são, com certeza, em grande parte determinados pelos dados externos, mas o importante aqui é que eles não o são totalmente: **as pressões contextuais deixam aos interactantes uma certa margem de manobra** (cujas extensão varia conforme o tipo de interação estabelecida).<sup>19</sup>

Quanto aos dados externos, poderíamos dizer que são os dispositivos acionados pela carga emocional e afetiva que cada um dos interactantes traz consigo no início da interação. Esses dispositivos produzem comportamentos que caracterizam a interação como mais distante ou mais próxima a depender de alguns fatores contextuais assim elencados por Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 64):

- o fato de que os interlocutores se conheçam um pouco, muito, ou não se conheçam;
- a natureza do laço socioafetivo que os une;
- a natureza da situação comunicativa (informal ou formal, ou até mesmo cerimoniosa).

Os dados internos seriam as projeções criadas no próprio desenrolar da trama interacional, ou seja, a cada ação de um dos interlocutores se sucede um novo quadro que será propulsor para o próximo, numa sucessão encadeada que vai se adaptando continuamente. Com

---

<sup>19</sup> Grifos da autora

efeito, ao se considerar que a interação é uma atividade de co-produção, os envolvidos na troca delimitarão a distância que desejam manter entre si.

No entanto, a autora (p. 67-68) postula que a distância interpessoal geralmente evolui no decorrer do evento: “essa evolução se dá em ritmos variados, mas segue quase sempre no sentido de uma aproximação progressiva (a passagem do ‘senhor(a)’ ao ‘você’ é mais comum que o inverso)”.

Na entrevista televisiva, por se tratar de um evento provocado, elementos do contexto externo (identidade do convidado, o perfil do entrevistador(a), o formato do programa, o provável público-alvo, o cenário) são revelados com antecedência conformando uma predisposição inicial para o relacionamento interpessoal, no entanto, no decorrer do evento, os interlocutores poderão negociar essa conformação por meio de elementos linguísticos (discursivos), paralinguísticos (fenômenos prosódicos ou de entoação) extralinguísticos (gestos, postura, expressões faciais). Por exemplo, no início da interação um o pronome de tratamento *senhor(a)* pode ser adotado para indicar respeito ou reverência pelo entrevistado, mas, no decorrer da interação, poderá ser substituído pelo pronome *você* consensualmente ou por meio de um pedido de permissão feito pela entrevistadora para tentar amenizar o tom formal e estabelecer intimidade. O mesmo pode ocorrer em relação aos títulos religiosos ou denominações relativas a cargos ou profissões que podem ser usados ou não dependendo da situação e do grau de formalidade que se deseja alcançar. Os gestos ou posturas (sorriso, a duração do contato visual, a orientação do corpo) também contribuem para a aproximação ou distanciamento e definir a situação que se quer representar.

No plano vertical estão os fatores que caracterizam o desequilíbrio dos papéis representados na interação provocados por diferenças de condições socioeconômicas e culturais, status social e características individuais dos interlocutores. Dessa forma, o desequilíbrio é marcado essencialmente pelos papéis sociais que ocupam os interactantes, predispondo uma relação de desigualdade, em que um dos interactantes exerce maior domínio sobre o(s) outro(s) e assume a liderança na gestão do evento: monitora os tópicos (geralmente inicia ou conclui os tópicos), toma e atribui os turnos de fala e intervém com mais reparações e correções visando atingir seus objetivos na interação. Assim estará num plano acima:

Aquele que conseguir impor a seu parceiro suas escolhas temáticas, seus usos lexicais, e, com certeza, seu ponto de vista sobre os objetos submetidos à controvérsia, ao longo da interação: ter razão é possuir a razão do outro; é ‘sobrepor-se’ ao seu parceiro, cabendo a ele ‘concordar’ (ou mais vulgarmente ‘se rebaixar’), ou seja, reduzir-se à posição baixa. (ORECCHIONI, 2006, p. 74).

Seguindo a proposta do linguista alemão H. Steger, Dittmann (*apud* MARCUSCHI, 2007, p.16) define esse desequilíbrio fazendo a seguinte distinção entre os diálogos que podem ser:

- (a) *diálogos assimétricos*: em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s). É o caso das entrevistas, dos inquéritos e da interação em sala de aula.
- (b) *diálogos simétricos*: em que os vários participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo. As conversações diárias e naturais são o protótipo dessa modalidade.

### 3.5 A ASSIMETRIA NAS ENTREVISTAS

As entrevistas não se configuram como eventos ocasionais ou que acontecem fortuitamente. Nelas, os interlocutores se encontram para falar sobre um assunto e atender propósitos definidos. Como quase sempre, o entrevistado comparece para atender um convite, pedido, ordem ou até mesmo uma intimação; é de se esperar que a condução do evento esteja sob a batuta do entrevistador que tem o poder de reger a situação comunicativa. Assim, é o entrevistador quem propõe, questiona, sugere ou escuta; além disso, escolhe como e o sobre o que quer falar. Por outro lado, temos o entrevistado que tem *algo a dizer*, detentor da palavra na produção de um discurso que justifica o propósito da entrevista. Essas funções exercidas pelos envolvidos na troca determinam a assimetria nas entrevistas, conforme afirma Bueno (2002, p. 22):

A situação da entrevista configura-se de forma tal, que de um lado fica aquele que tem um certo “saber fazer” em relação à condução e que é o que propõe, pergunta, questiona, sugere ou escuta. Do outro, aquele que tanto pode ser demandado ou demandante, é o que detém informações, queixas, saberes, desconhecimentos, pedidos. É o que discorre, o que dá curso ao dizer, que produz *discurso*. Essas distintas funções determinam diferenciações de lugares, uma dissimetria, ou mais radicalmente, uma assimetria estrutural que é inerente à entrevista.

É importante salientar que, dependendo do tipo de entrevista, natureza e grau de formalidade, teremos maior ou menor assimetria. Há entrevistas mais formais em que a participação do entrevistado se restringe somente em responder às perguntas, excluindo-se o

direito a comentários ou opiniões, e outras mais informais que se aproximam de um bate-papo, permitindo ao entrevistado intervir e manifestar suas opiniões e, às vezes, até inverter os papéis, colocando-se no lugar do entrevistador – no entanto, a assimetria é uma característica que persiste em todas elas conforme afirma a autora:

Os interlocutores colocam-se sempre em posição desigual, independentemente do tipo específico de entrevista ou da forma particular de condução. Há sempre uma certa unilateralidade, uma vez que, de um lado, está o entrevistador, seja terapeuta, pesquisador, jornalista, etc., buscando ou recebendo informações, e do outro, o entrevistado, que, respondendo ou explorando mais livremente suas questões, está igualmente sob a direção do primeiro. (p.12)

Essa afirmação se confirma na entrevista selecionada para o *corpus*, embora o formato do programa seja arquitetado para amenizar a assimetria entre os falantes, como veremos nas análises que se encontram no próximo capítulo.

### **3.6 O FORMATO DO PROGRAMA: EFEITOS DE PROXIMIDADE**

No programa *De frente com Gabi*, não há plateia presencial e o cenário é composto apenas pela apresentadora/entrevistadora Marília Gabriela e o convidado para a entrevista. As câmeras focalizam a apresentadora e o convidado, sentados frente a frente, separados por uma mesa de vidro. Ao lado direito (para quem observa a imagem), situa-se a entrevistadora e, ao lado esquerdo, o entrevistado. Ambos permanecem sentados e a câmera ora focaliza os dois, ora cada um, em particular, no seu turno de fala. A proximidade física entre eles simula uma relação entre iguais, o que favorece um tom de intimidade que também é sugerido pela seleção lexical do título do programa, o qual indica o modo como a interação se dará, ou seja, os interlocutores estarão frente a frente durante o evento. Essa disposição dos interlocutores no cenário prefigura uma interlocução consensual e intimista, e que, ao mesmo tempo, se propõe a desnudar o universo privado dos envolvidos na troca, assim como afirma Charaudeau (2010, p.226), “a disposição dos elementos no estúdio constrói uma *topologia* destinada, por um lado, a favorecer o surgimento de tal ou qual tipo de fala (polêmica ou consensual), por outro, a prefigurar uma certa gestão da imagem, alguns roteiros de exibição que são organizados pela produção”.

No início do programa, como é de praxe, o convidado é apresentado ao público com deferência pela própria apresentadora que faz uso de um pequeno texto prefaciador constando

um relato biográfico (acompanhado de fotos) em que o entrevistado é enaltecido por seus feitos e conquistas. Esse prefácio introdutório assume a prevalência de evidenciar que o entrevistado é um personagem de destaque, além de sugerir ao telespectador a sensação de espetacularização do evento midiático.

Embora o contrato midiático esteja aparentemente voltado para a informação, é o caráter intimista que prepondera. Muitas perguntas adentram tópicos de foro íntimo trazendo a tona o mundo privado do entrevistado. A apresentadora utiliza estratégias discursivas de convivência, de sedução e até mesmo de provocação e impertinência para tentar penetrar no espaço privado do convidado. É importante salientar que um leve toque de humor permeia suas incursões, evocando assim, um tom pitoresco às entrevistas, o que sugere que o formato do programa esteja voltado a um público que, não só se mantém motivado pela busca de informação, como também, anseia por descontração e entretenimento.

Observa-se que em meio a menor indisposição ou rejeição por parte do entrevistado em responder a uma pergunta introduzida por um novo tópico, a entrevistadora intervém retomando o mesmo tópico por meio de reformulações mais incisivas, não obstante, percebendo que suas táticas podem deixá-lo acuado, redireciona a interlocução para outro tópico, evitando, assim, que se instaurem conflitos e a perda da *face*. Esse comportamento predispõe uma atitude de boa vontade por parte do entrevistado em cooperar, visto que, se sente amparado pela entrevistadora que se solidariza com seu desejo de manter uma boa imagem pública.

Além de o cenário inspirar uma interlocução de perfil mais intimista, o tom de humor, aliado às estratégias argumentativas empregadas pela entrevistadora, produzem efeitos de sentido que orientam o evento comunicativo para um enquadre amigável, compreensivo e consensual; contribuindo, assim, para a configuração de um ambiente propício para a introdução de tópicos que eventualmente possam provocar certa resistência por parte do entrevistado.

### **3.7 A ENTREVISTADORA E O ENTREVISTADO: OS PAPEIS SOCIAIS**

No programa *De frente com Gabi*, a apresentadora e entrevistadora Marília Gabriela Baston de Toledo tem fundamental importância na captação e fidelização de seus telespectadores. Com renome nacional e internacional, adquiriu destaque e consolidou sua carreira pela sua participação como jornalista em vários programas de grande destaque na mídia nacional, como, por exemplo: apresentadora do *Jornal Hoje* (1969) e repórter especial do

*Fantástico* (1973) da emissora *Rede Globo*, correspondente internacional da TV Globo (1984) apresentadora do *Jornal Bandeirantes* (1987), apresentadora do jornal *SBT Repórter* (1997). Também teve produções artísticas como cantora e atriz, mas foram seus programas de entrevistas que marcaram sua carreira e lhe trouxeram fama e reconhecimento como uma das maiores entrevistadoras da tevê brasileira. Atualmente, ela apresenta o programa *Marília Gabriela Entrevista* pelo canal de televisão GNT, exibido no Brasil e em Portugal e o programa *De frente com Gabi* pela emissora de televisão SBT.

Sua experiência profissional, aliada à sua notoriedade, confere-lhe uma imagem pública de autoridade, o que contribui para confirmar a credibilidade de seus argumentos, conquistando, assim, a adesão do público. A proposta do programa é entrevistar políticos e personalidades nacionais e internacionais, e isso, por si só, também já é um elemento de efeito para suscitar a curiosidade e cativar o público.

O convidado entrevistado é o atual Governador do Estado de São Paulo, Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Médico por formação, aos 19 anos, quando ainda cursava o primeiro ano da faculdade, filiou-se ao antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e iniciou sua carreira política elegendo-se vereador em 1972 no município paulista de Pindamonhangaba, sua cidade natal. Em 1976, aos 23 anos foi eleito prefeito, também, em Pindamonhangaba.

Em 1982 foi eleito deputado estadual pelo PMDB e em 1986, deputado federal. Em 1994 foi eleito vice-governador de São Paulo e governador por dois mandatos consecutivos, entre 2001 e 2006. Em 2006, concorreu à Presidência da República e em 2008, à prefeitura paulistana.. Em 2009, ocupou o cargo de secretário de Desenvolvimento do estado de São Paulo, e nas eleições de 2010 foi eleito governador do Estado de São Paulo no primeiro turno<sup>20</sup>.

Tomando em consideração que Geraldo Alckmin exerceu vários cargos políticos importantes e, estando em exercício do cumprimento do mandato de governador do estado mais importante do Brasil, é inegável que isso contribui para a projeção de uma imagem de competência, sucesso e poder. Essa condição exige que seu discurso seja compatível com a representação dessa imagem na medida em que transpareça honestidade e não esconda verdades, no entanto, como representante de um partido e representante dos cidadãos, sabe que não pode dizer coisas conforme sua opinião sob a pena de macular sua imagem de prestígio.

---

<sup>20</sup> Dados obtidos no Portal do Governo do Estado de São Paulo.

Nota-se que seu discurso é carregado de formulações que representam a ideologia do partido e confirmam o sucesso de seu governo. Nas palavras de Charaudeau (2010, p, 192):

O problema dos eleitos tem a ver com a retórica que utilizam, e que constitui um jargão característico dos políticos. Representando a instituição política, produzem uma fala que se petrifica numa linguagem mais ou menos codificada, compreensível apenas pelos iniciados, desfiando sempre os mesmos julgamentos, as mesmas apreciações, os mesmos argumentos; essa linguagem, apesar de sua aparente simplicidade, tem o efeito de ofuscar o cidadão de base.

Tentando desvelar essa representação, a entrevistadora tenta tirar do convidado o máximo de informações e revelações, incorporando comportamentos que se alternam entre cumplicidade, provocação e ingenuidade. Ela deve situar-se na condição de solicitante da informação e o entrevistado na condição de informante, na qual é “o solicitante que ao pedir, atribui ao informador em potencial um saber e uma competência: um pedido *para dizer* do primeiro que pressupõe um *poder de dizer* do segundo e que, ao mesmo tempo, provoca um dizer deste último.” (CHARAUDEAU. 2010, P.50).

### 3.8 OS PAPÉIS INTERACIONAIS: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS QUE PROMOVEM MAIOR OU MENOR ASSIMETRIA

Segundo Barros (2000), os papéis representados pelos interactantes determinam diálogos simétricos ou assimétricos e podem ser desdobrados em papéis conversacionais, papéis sociais e papéis “pessoais”:

Os procedimentos do discurso constroem para os atores diferentes papéis conversacionais (entrevistador/entrevistado, expositor/debatedor, escritor/leitor de romance, etc.), diferentes papéis sociais, em equilíbrio ou em desequilíbrio (professor/aluno, patrão/empregado, dois amigos, etc.) e diferentes papéis “pessoais” ou “estilos”, no modo de conduzir a interação (escolha do tópico, manutenção ou não do turno, emprego de hétero-correções, etc.) (BARROS, 2000, p. 70)

A autora afirma que nem sempre há correspondência hierárquica nas relações que se estabelecem entre os papéis conversacionais, sociais e “pessoais”. Por exemplo, relações simétricas quanto aos papéis conversacionais podem não ser simétricas quanto aos papéis sociais ou “pessoais” e vice-versa.

No *corpus* selecionado para essa pesquisa, verifica-se que a assimetria diante das variáveis contextuais que concorreram para o seu aparecimento: o formato do programa propriamente dito e os *lugares de poder* que ocupam os envolvidos na troca se constituem em elementos que veiculam efeitos de maior ou menor assimetria conforme observaremos.

No programa “De frente com Gabi”, temos um cenário preparado para favorecer o surgimento de uma entrevista mais intimista. A proximidade física dos interlocutores (eles permanecem sentados em lados opostos, a uma mesa de material transparente) e comportamentos linguísticos e paralinguísticos adotados pela entrevistadora seduzem o convidado de forma a envolvê-lo em um clima descontraído, amigável e consensual, permitindo a abordagem de tópicos mais polêmicos ou de caráter mais intimista.

Esse contexto, criado para o acontecimento midiático voltado para a informalidade e descontração tende, em parte, a minimizar o desequilíbrio na representação dos papéis conversacionais, assegurando uma interação mais simétrica, onde supostamente os interlocutores tenham direitos iguais para dirigir o evento. No entanto, o que observamos é um jogo de forças que se contrapõem entre o *lugar de poder* representado pelo papel conversacional exercido pela entrevistadora e o *lugar de poder* representado pelo papel social que ocupa o

convidado considerando sua identidade, a saber: a do Governador do Estado de São Paulo (o estado com o maior PIB, representando 33,1% do total de riquezas produzidas no país<sup>21</sup>).

Se, por um lado, a entrevistadora encontra-se num patamar de superioridade pelo papel conversacional que ocupa, o qual a coloca no direito de inquirir, por outro, temos como convidado um personagem ilustre, que representa um papel social de poder atuando como representante principal dentro de um grupo que participa da vida pública e cidadã. Esse enquadre por si só, ancora o contexto numa situação em que o *status* de superioridade representado pelo papel conversacional da entrevistadora acaba sendo neutralizado pelo *status* de superioridade representado pelo papel social do entrevistado.

Nesse sentido, há marcas presentes nas falas da entrevistadora que caracterizam sua preocupação em fazer reverência ao convidado. Tanto o uso das formas de tratamento *senhor* ou *governador*, como as manobras discursivas utilizadas pela entrevistadora visam a enfatizar o *lugar de poder* exercido pelo papel social do entrevistado. Essa postura é condizente com a expectativa do público, pois um excesso de intimidade diante de uma autoridade pública por parte da entrevistadora poderia ser considerado como falta de compostura.

As marcas que indicam reverência podem ser observadas, por exemplo, no segmento (10) com os enunciados (*o político mais conhecido de São Paulo*) e (*está governador do estado mais rico da federação*) e pelo uso do pronome de tratamento *senhor* e pelo título *governador*, os quais são empregados em alternância aleatória nas perguntas e asserções da entrevistadora durante toda a entrevista. Em contrapartida, não verificamos a mesma preocupação nas falas do entrevistado, que se dirige à entrevistadora somente pelo pronome de tratamento *você*. Segundo Kerbrat-Orrechioni (2006, p.71), essa falta de simetria “exprime uma relação fortemente hierarquizada, na qual o tratamento por ‘você’ ocupa posição alta e o tratamento por ‘senhor(a)’, a posição baixa.”

(10)

01 L1 ((dirigindo-se aos telespectadores)) aLÔ:: eu to de frente hoje com o político mais conhecido de São Paulo um homem que tem cadeira quase cativa no palácio dos Bandeirantes... Geraldo Alckmin está governador do estado mais rico da federação pela terceira vez e já tem gente sussurrando que em 2016 ele vai se candidatar de novo... membro ativo do PSDB... Alckmin é paulista de Pindamonhangaba formou-se médico em Taubaté e entrou na política pela porta da câmara municipal de sua cidade natal onde se elegeu vereador quase quarenta anos atrás... depois foi prefeito... deputado estadual... deputado federal... vice-governador... governador e... em dois mil e seis enfrentou Lula na eleição presidencial e foi derrotado no segundo turno... seu grande desafio político atual é eleger o prefeito da capital paulista do ano que vem:...

<sup>21</sup> Dados obtidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no período de 2002 a 2010.

- uma tarefa nada fácil num partido que tem dificuldades em se manter unido... o governador vem ao nosso programa falar de sua administração... da oposição ao governo Dilma:: Roussef e daquilo que os políticos mais gostam o futuro... mas vou começar pelo PRESENTE... ouVI DIZER ((risos)) vou tomar a liberdade:: governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?
- 18 L2 ((risos)) não imagina... primeiro uma alegria revê-la cumprimentá-la... a política antiga... ah:: Gabi... ela era muito discursiva:: cheia de retórica... né::? de arroubos... de lutas... hoje a política moderna... eu acho que é::: o que que a população quer? honestidade... eficiência... resultado... *low profile*... né?... o governo bom é governo que não tá dando espetáculo... é governo que trabalha pra população que melhora a vida das pessoas
- 24 L1 mas por que que o senhor tá me dizendo isso?
- 25 L2 tô dizendo por causa do chuchu

Ainda em (10), a expressão modalizadora *vou tomar a liberdade* (linha 15) assume a função de expressar um certo comedimento da entrevistadora em tomar a iniciativa para adentrar no tópico relativo aos comentários oriundos do povo sobre o atual apelido do convidado (picolé de chuchu), assim como, exerce a função de expressar ao público que ela está sendo polida com o governador, avisando-lhe de que vai *tomar a liberdade*, ou seja, está antecipando que tomará uma atitude mais invasiva. O excesso de pausas e alongamentos nesse segmento também contribuem para reforçar sua preocupação em introduzir uma pergunta cujo direcionamento aponta para um tópico de caráter mais intrusivo.

No segmento (11), a seguir, os locutores vinham discorrendo acerca do tópico “possíveis candidatos à prefeitura de São Paulo”. L1, pretendendo assaltar o turno e retomar o subtópico “preferência do entrevistado pelo candidato Bruno Covas” usa a expressão *deixa eu perguntar* (linhas 99 e 101). Essa expressão confirma o distanciamento hierárquico entre os papéis sociais dos interlocutores, pois expressa um pedido de permissão para perguntar.

Tendo sua tentativa frustrada, L1 tenta retomar o subtópico novamente por meio do enunciado (*VOLTANDO ao Bruno Covas que ME parece é o seu favorito*) (linha 115).

(11)

- 99 L1 deixa eu perguntar  
[  
L2 foi
- 101 L1 deixa eu perguntar deixa eu perguntar  
[  
L2 foi foi o deputado mais votado e não só o Bruno o André Matarazzo um grande nome o Zé Anibal é um grande líder o Ricardo Tripoli como é que se deve escolher um grande candidato? abre pra ah::: a maior participação... eu tava nos Estados Unidos Gabi... em dois mil e sete quando começou

a primária... ah... no partido democrata a Hillary Clinton e o Obama... então o que que se dizia lá um ano e meio antes?... já tá escolhida a a Hillary Clinton é o *Stablishment* é a esposa do do Bill Clinton é senadora por Nova Iorque agora começou a primária e começaram os debates os temas... o quadro mudou totalmente e quando acabou a primária a campanha do Obama já tava pronta então eu defendo essa maior democracia interna porque ao invés de você escolher candidato no bolso do colete você deixa que o partido se manifeste... os filiados... vinte mil trinta mil ouça a sociedade... permita o debate... ontem à noite teve um debate importante entre os quatro éh:: pré-candidatos... discuta os temas da cidade pra isso que tem campanha eleitoral

115 L1 VOLTANDO ao Bruno Covas que ME parece é o seu favorito

A análise que empreendemos revela que essas manobras sutis utilizadas na fala da entrevistadora produzem o efeito de reforçar a hierarquia, de modo a neutralizar sua posição de superioridade no papel conversacional de entrevistadora e reforçar a posição de superioridade do papel social do entrevistado— como já esclarecemos anteriormente —enaltecendo a importância da posição social exercida pelo convidado. Agindo dessa forma, a entrevistadora estaria buscando tanto o assentimento do convidado como do público, pois segundo a nossa cultura, são avaliadas positivamente as atitudes de reverência a pessoas que ocupam cargos públicos.

Em relação às formas de poder, vejamos as considerações de Bueno (2002, p.25):

Há poder em jogo, mas ele se exerce de muitas formas. Não só através do uso, pelo entrevistador, de uma autoridade instituída previamente pelo contexto da entrevista ou atribuída por aquele que está na condição de entrevistado, mas também, pela possibilidade que ele (entrevistador) tem de não utilizá-lo dessa forma. Ele tem o *poder* de permitir ou conduzir o deslocamento do poder associado à sua pessoa, função, instituição ou prática social na qual esteja inserida a entrevista para aquilo que o entrevistado diz, para o seu *dis-curso*.

É importante ressaltar que, na representação de papéis, os interlocutores visam à utilização de comportamentos e atitudes tidas como *bem-vistas* socialmente, isto porque desejam que a interação flua em harmonia e não ocorram rupturas, a não ser que o desejo de um e de outro ou de ambos seja justamente o contrário. Verifica-se, no *corpus* analisado, a intenção dos interlocutores em manter uma interação amistosa, pois a entrevista foi marcada, prevista e aceita pelo convidado, além do que, a proposta do programa não é voltada ao debate com perguntas de cunho investigativo ou inquisitorial.

Nessa condição, os interactantes não desejam afetar sua autoimagem, pois isso se constituiria em uma atitude de desaprovação por parte do público. Nas palavras de Leite (2008, p. 57):

A partir do momento em que uma regra de comportamento social passa a existir, codificada ou não, torna-se obrigatória e seu não-atendimento leva o indivíduo que falta com ela a sofrer algum tipo de sanção. Uma sanção indireta, mas de enorme força, é o julgamento social negativo ou sobre um comportamento específico, ocasional, ou sobre o próprio indivíduo, que passa a ser tachado de descortês por burlar as regras do bom convívio com as pessoas.

Segundo Goffman (2002), o atendimento a essas regras se constitui em preceitos que remetem à noção de *face*, conceito pelo qual se explica que em toda interação são postos em ação processos de representação por meio dos quais os interactantes atuam uns diante dos outros procurando evitar situações que possam ser nocivas ao bom andamento da interação, ou seja, procuram evitar qualquer tipo de agressão à sua face e à face do parceiro.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS: INTRODUÇÃO E RETOMADA DE TÓPICOS

Tendo em vista que nas interações face a face, tanto os recursos linguísticos, como os não linguísticos podem constituir-se em elementos condutores na construção do quadro tópico, analisamos os recursos linguísticos que determinaram a continuidade/descontinuidade dos tópicos discursivos, de acordo com o aporte teórico selecionado para ancorar nossa pesquisa. Objetivando, ainda, a exequibilidade da pesquisa, ocupamos-nos em analisar os recursos mais recorrentes.

Como a construção do quadro tópico se dá pela participação conjunta entre os interactantes, além dos recursos empregados pela entrevistadora para a introdução e retomada dos tópicos, também foram objeto de análise os recursos empregados pelo entrevistado que contribuíram no desenvolvimento dos tópicos propostos, assim como, os recursos que foram empregados contrariamente, visando ao afastamento ou à rejeição dos mesmos.

### 4.1 INTRODUÇÃO E RETOMADA DE TÓPICOS PELO RECURSO DA TEMATIZAÇÃO

Os efeitos de sentido produzidos num texto podem estar relacionados a muitos recursos linguísticos, paralinguísticos e prosódicos. Dentre os recursos linguísticos, encontram-se as variáveis relacionadas à possibilidade de escolha da ordem dos elementos constituintes dos enunciados.

Na abordagem da articulação *tema-remata*, associada às noções de dado e novo, destacaremos as construções com tema marcado em que um dos elementos do enunciado é deslocado à esquerda, isto é, sai de sua posição na sequência da estrutura sintática oracional canônica. Nas construções com tema marcado, verifica-se a intenção do interlocutor em anunciar antecipadamente o enfoque temático que se pretende dar na continuidade do fluxo conversacional a qual pode ser justificada por diversos motivos conforme afirma Koch (2006, p. 372-373):

o elemento tematizado desempenha papel relevante no processamento pragmático-cognitivo do sentido, na medida em que essa forma de organização é determinada quer por questões ligadas à continuidade ou mudança de tópico, quer por fatores como facilitação do processamento do texto, interesse, relevância, expressividade, necessidade de se ganhar tempo para o planejamento da parte restante do enunciado, entre outros.

A autora subdivide as construções com tematização em três (p. 361-362), as quais serão descritas a seguir. Analisamos exemplos, cuja tematização se constitua em procedimento para a continuidade, retomada ou mudança de tópico.

#### 4.1.1 Construções com tema marcado introduzidas por expressões

Nesse tipo de construção, o falante se vale de expressões como *quanto a...*, *no tocante a...*, *no que diz respeito a...*, *com referência a...*, *por falar em...*, *a propósito de...*, entre outras para introduzir o tema que deseja focalizar. Koch (2006, p. 361) salienta que esse tipo de construção é comum às modalidades oral e escrita, sendo mais frequente na comunicação mais formal. A autora menciona, também, que a gramática tradicional descreve esse tipo de construção como anteposição do adjunto adverbial de assunto. Vale dizer que essas construções foram bastante recorrentes no *corpus* sob análise.

(12)

- 39 L2 olha Gabi ah:: o PSDB é um bom partido né:: ahn:: no Brasil mudou o país... aliás como o presidente Fernando Henrique com o real com a estabilidade da moeda... São Paulo... nós estamos no quinto mandato Tucano ah:: com o Mário Covas... com o Serra... então bom partido bem preparados... o problema é que o Brasil tem trinta partidos... isso vai destruir a política brasileira... não tem nenhum lugar do mundo que se tenha trinta partidos a caminho de ter trinta e um trinta e dois trinta e três... e cada um que é criado... dinheiro público na veia... né:: recursos públicos nos impostos... então é evidente que nenhum partido no Brasil... ah:: tem solidez... se tem mais uma cultura de personalismo do que uma cultura de partidos programáticos com ideário por isso que nós defendemos uma reforma política pra gente ter três ou quatro grandes partidos com fidelidade com propostas porque os políticos passam né? mas os partidos éh:: permanecem com seu ideário... agora o Fernando Henrique tem razão no seguinte sentido... a política é imprevisibilidade mesmo... quem é que pode prever eleição de dois mil e doze... dois mil e catorze... dois mil e dezesseis mas eu acho que o PSDB é um partido sólido... oito governadores o partido que mais tem governadores em todas as regiões do Brasil do Sul o Paraná... São Paulo e Minas no sudeste:: Goiás no centro-oeste::... Alagoas no nordeste::... são partidos sólidos partidos de bons quadros ah::...mas um quadro de excesso de partidos de multipartidarismo
- 58 L1 EU POSSO:: ter OUVIDO nessa sua PRIMEIRA resposta e colocação da:: ah:: em relação à criação de novos parTidos e quanto esses par/partidos costumam... eu POSSO ter ouvido uma crítica a essa... a esse novo partido que tá... éh:: fazendo sucesso? o senhor tem que admiti/tá fazendo sucesso:: pelo menos o que tem de gente se:: éh:: se filiando ao partido que é o PSD do do Kassab? tá criticando? é isso?
- 63 L2 olha Gabi:: NÃO:: por QUÊ? porque se não existisse o PSD não seriam trinta seriam vinte e nove... tanto faz... então não é este partido especificamente mas

L2 vinha desenvolvendo o tópico “atributos positivos do partido PSDB” e introduz o tópico “crítica ao excesso de partidos políticos no Brasil” (*o problema é que o Brasil tem trinta partidos... isso vai destruir a política brasileira*).

L1 aproveita o ensejo, e introduz o tópico “criação de novos partidos” por meio da expressão “*em relação à*” (*em relação à criação de novos parTidos e quanto esses par/partidos custam... eu POSSO ter ouvido uma crítica a essa... a esse novo partido que tá... éh:: fazendo sucesso?*) para perguntar se a L1 estaria implicitamente fazendo uma crítica ao novo partido do PSD criado por Gilberto Kassab.

Percebemos nesse ponto, a manobra realizada por L1 para que L2 desenvolva um assunto que pode comprometer a imagem pública de L2 e de seu próprio partido, ou seja, falar sobre o potencial de seu principal adversário na disputa eleitoral, o PSD. Nota-se também a impertinência de L1 ao solicitar de L2 a confirmação de que seu adversário estaria fazendo sucesso (*o senhor tem que adimiti/tá fazendo sucesso*).

(13)

- 68 L1 tamo falando São Paulo... tamo falando::: olha inclusive ontem tava no radar *on-line* da Veja uma ah::: vamos dizer... Aluísio Nunes traduzindo o que o Serra éh::... disse quando defendeu uma aliança com PSD do Gilberto Kassab e Guilherme Afif... que pra ele Aluísio Nunes Ferreira o PSD o PSDB tem a mesma base de eleitores que não votam no PT e que seriA um suicídio fragmentar essa força ele diz mais... qual vai ser o nosso discurso se formos pra disputa com o PSD... nós vamos criticar o projeto começado pelo PSDB não faz nenhum sentido
- 75 L2 olha ah::: Marília Gabriela em relação a candidaturas é natural que o PSDB éh:: queria ter candidato na MAIOR cidade do Brasil... terceira cidade do mundo... PSDB teve candidato em oitenta e oito foi o Serra o PSDB teve candidato em noventa e dois foi o Fábio Feldmann o PSDB teve candidato em noventa e seis foi o Serra de novo o PSDB teve candidato no ano dois mil fui eu o PSDB teve candidato em dois mil e quatro foi o Serra de novo então na realidade o PSDB sem/na última eleição eu fui candidato... o PSDB sempre teve candidato porque é natural que o partido político ainda mais no primeiro turno ele queira ter candidato a prefeito isso não inviabiliza alianças... cê pode fazer alianças no primeiro turno que é o que nós defendemos com quem aliança? com aliança vencedora aqui em São Paulo que nós já fizemos na eleição passada né::: nós temos no governo o PPS temos do governo o/os democratas temos ah::: o PTB o PV ah:::... o PSD ótimo se a gente conseguir fazer aliança... agora isso é pro ano que vem que que nós devemos primeiro definir... quem é o nosso candidato

Após o comentário de L1 (linha 68) sobre uma possível aliança do PSDB ao PSD (partido adversário ao PSDB), L2 (linha 75) dá prosseguimento com o tópico “candidaturas” que é introduzido por meio da expressão “*em relação a*” (*em relação a candidaturas*).

Cabe observar, que na fala de L2 houve a violação da *máxima da relação*, pois sua resposta não focaliza exatamente o tópico proposto por L1 “aliança com o PSD”, por se tratar



no entanto percebe-se que esse enunciado foi utilizado como prefácio para adentrar no tópico “candidato do PT, Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo”.

Vale ressaltar que com o objetivo de evitar uma possível reação negativa do interlocutor, L1 antecede a introdução do novo tópico com o enunciado (*eu JURO que não tem maldade por trás só uma grande ignorância*). Assim, salvaguarda sua face positiva diante da possibilidade de sua pergunta ser interpretada como ardilosa.

#### 4.1.2 Construções com tema marcado com elementos de retomada

Nessas construções, um termo com função sintática definida, que ocuparia a ordem canônica na oração, é deslocado à esquerda, e posteriormente sua presença é confirmada por um pronome ou sintagma nominal.

(16)

26 L1 chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora::... é verdade... não?

L1 dá ênfase ao elemento “chuchu”, pois pretende manter o tópico “apelido do governador”, que havia sido introduzido na primeira pergunta da entrevista. Com isso, L1 visa a esclarecer o porquê do apelido “chuchu com pimenta” dado ao entrevistado. Esse elemento, que exerce a função sintática de complemento nominal do termo “apelido”, é deslocado à esquerda do enunciado e depois é retomado pelo pronome demonstrativo “esse”.

(17)

213 L1 tá bom... governador com tanto debate político o senhor encontra TEMPO pra governar? é uma pergunta éh::: qual é a maior dor de cabeça do governador de São Paulo HOJE?

216 L2 olha... muito tempo... eu tiro o meu tempo com política:: questões partidárias é mínimo mas mínimo noventa e nove por cento do meu tempo é tarefa administrativa... quais são os grandes desafios? né::: éh::: hoje... o que nós vivemos? primeiro saúde... quer dizer essa é uma preocupação... hoje tem uma boa notícia...a população tá vivendo mais e vivendo melhor... quer dizer mudou o perfil demográfico do mundo nessas últimas décadas mas tem custo... você tem um trabalho permanente de poder oferecer através do SUS o padrão de medicina que São Paulo tem hoje que conquistou de melhores centros do mundo você poder expandir isso pra toda população... segurança é uma tare/é uma guerra... você tem que vencer batalha TODO dia vinte e quatro horas ah::: trabalhando São Paulo saiu de um índice de homicídios de quase trinta e cinco por cem mil habitantes para NOVE vírgula oito mas se tem muito problema de roubo de assalto... então uma luta incessante... educação o quadro

econômico nós vivemos uma incerteza econômica mundial... qual o reflexo disso no Brasil?

Em (17), L1 introduz o tópico “tempo para governar” por meio de uma pergunta fechada<sup>22</sup> (*o senhor tem tempo para governar?*). L2 responde atendendo ao tópico proposto e a seguir introduz quatro tópicos “saúde”, “segurança” “educação” e “quadro econômico”. Sendo que dois são introduzidos por meio de temas marcados, são eles: “saúde”, retomado pelo pronome (*essa*); e “quadro econômico”, que é retomado pelo sintagma nominal (*uma incerteza econômica*) e pelo pronome “disso” (combinação da preposição “de” com o pronome demonstrativo “isso”).

Vale observar que L2 viola a *máxima da quantidade*, ou seja, acrescenta informações que não são requeridas na pergunta, deixando clara sua intenção em apontar as benfeitorias realizadas em seu governo nas áreas consideradas críticas: saúde, segurança e educação.

#### 4.1.3 Construções com tema marcado sem retomadas pronominais

Nessa construção, os elementos tematizados não são retomados por pronomes, isto é, ocorrem elipses (categorias vazias), “mas em que a função sintática do elemento tematizado, no interior do enunciado na ordem não marcada, seria, em geral, bem definida”. (KOCH, 2006, p. 363).

No *corpus*, várias construções desse tipo foram utilizadas para enfatizar alguns elementos do quadro tópico ou para reativá-los na memória do interlocutor. Poucas foram as ocorrências que assumiram a finalidade de introduzir, manter ou retomar tópicos. No exemplo (18), há uma ocorrência em que o elemento tematizado, não retomado por pronome, assume a função de retomar um novo tópico.

(18)

366 L1 o senhor bebe?

L2 muito pouco

L1 o quê?

L2 ah:: vinho tinto né:: que hoje éh: passou pra classe de remédios né? ((risos))

L1 então como remédio é uma taça por dia?

<sup>22</sup> Sobre perguntas fechadas, ver item 2.6.1

Nesse trecho, os interlocutores desenvolviam o tópico “bebida alcoólica”. L2, responde à pergunta feita por L1 (*o quê?*) introduzindo o subtópico “vinho tinto”. Esse sintagma nominal não é retomado por pronome nos enunciados subsequentes, mas sua função sintática (sujeito) fica bem definida propiciando a retomada tópica: (*ah::: vinho tinto né:: que hoje éh (0) passou pra classe de remédios né?*) e (*então como remédio(0) é uma taça por dia?*).

## 4.2 A PARÁFRASE NA MANUTENÇÃO E DELIMITAÇÃO TÓPICA

Segundo Hilgert (2006, p. 298), “a atividade de parafrasear é uma das estratégias mais recorrentes e evidentes na progressão do texto falado”.

Verificamos, no *corpus*, que essa afirmação procede, no entanto, as paráfrases mais recorrentes foram as que ocuparam a função principal de assegurar a intercompreensão entre os interlocutores. De acordo com a nossa proposta de análise, extraímos dois exemplos de paráfrases que assumiram a função de organizar a macroestrutura de um tópico.

### 4.2.1 Fechamento de tópico com o recurso da paráfrase

Para análise, foi extraído um excerto em que o entrevistado não demonstra interesse em desenvolver o tópico proposto pela entrevistadora, por isso utiliza uma paráfrase resumidora com o intuito de fechar o tópico.

(19)

150 L1 ((risos)) então eu aqui na minha ansiedade antes de terminar esse bloco queria colocar uma pergunta e eu JURO que não tem maldade por trás só uma grande ignorância... éh::: falando ainda em eleição municipal né::: o PT ao que tudo indica tá se encaminhando pra ter como candidato o ministro da educação Fernando Haddad... eu gostaria de saber do senhor e eu JURO que é uma curiosidade genuína éh::: o senhor que entende o raciocínio político qual é o que existe por trás dessa candidatura?... porque eu num::: hum::: não consigo entender

L2 olha... aí é uma decisão do PT o que que eu observo assim

L1 [ ou do Lula?

L2 pode ser mas que que eu observo de longe... o PT sempre teve o critério de éh::: escolha muito debatida internamente... vou dá um exemplo se dependesse da cultura do PT lá em Fortaleza no Ceará a atual prefeita num teria sido candidato porque a cúpula do PT queria que apoiasse o senador Inácio Arrruda e que o PT não tivesse candidato ela foi se inscreveu participou da primária ganhou da convenção e ganhou a eleição foi prefeita e foi reeleita

L1 humm

L2 então o PT tinha sempre essa... esse debate interno esse processo interno... no caso aqui de São Paulo não fez né::: é nítido que a senadora Marta Suplicy foi atropelada nesse... éh::: nesse processo... mas enfim esse é um tema do PT cabe a eles explicar

A conversação vinha sendo pautada no tópico “eleições para a prefeitura de São Paulo” que é retomado na fala de L1 pelo segmento (*falando ainda em eleição municipal né:::*). Na sequência, L1 introduz o subtópico “candidatura de Fernando Haddad, do PT, à prefeitura de São Paulo” com a pergunta: (*o PT ao que tudo indica tá se encaminhando pra ter como candidato o ministro da educação Fernando Haddad... eu gostaria de saber do senhor e eu JURO que é uma curiosidade genuína éh::: o senhor que entende o raciocínio político qual é o que existe por trás dessa candidatura?...*)

Por meio do marcador *olha* seguido de pausa, L2 tenta adiar sua resposta e a seguir procura desviar-se do tópico com a afirmação (*aí é uma decisão do PT*). Por meio dos marcadores *que eu observo assim* esclarece que sua resposta deriva de uma posição pessoal.

L1 introduz um novo subtópico com a inclusão da pergunta *do Lula?*, insinuando assim, que a escolha dos candidatos estaria centralizada nas preferências do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula).

L2 dá prosseguimento ao subtópico “preferências de Lula” afirmando que a seleção dos candidatos do PT é feita em meio a debates internos do partido.

Na última fala, L2 introduz a sequência de três paráfrases (*esse debate interno*, *esse processo interno* e *mas enfim esse é um tema do PT*) que mantém equivalência semântica com o enunciado *escolha muito debatida internamente...* em sua fala anterior, sendo que a última anuncia o fechamento do tópico pelos marcadores (*mas enfim*).

#### 4.2.2 A manutenção do tópico com o recurso da paráfrase

(20)

330 L1 vou voltar pra... pra segurança... seus vizinhos de Morumbi fizeram uma PASSEATA protestando contra os assaltos cometidos no bairro... dá pra dizer que a polícia não tá conseguindo acompanhar a ousadia dos ladrões? Aliás eu tenho uns números éh... governador... trinta e oito por cento da população carcerária do Brasil ou CENTO e setenta e seis MIL presos estão em São Paulo o estado tem ao mesmo tempo cento e QUARENTA mil policiais éh é isso mesmo? esse é o número nessa nessa conta mocinho bandido? Essa diferença é razoável? Não deveria ser ao contrário não?

338 L2 olha... isso mostra Gabi duas coisas primeiro cento e quarenta... exatamente... teu número tá correto... cento e quarenta mil policiais... cem mil da polícia militar... trinta e cinco mil da civil e cinco mil da científica... cento e quarenta mil é o triplo da marinha é dobro da aeronáutica daqui a pouco é maior que o exército brasileiro então nenhum/ninguém tem uma força policial com cento e QUARENTA mil homens e

mulheres na ativa trabalhando vinte e quatro horas... a população carcerária mostra que São Paulo prende aqui não passa a mão na cabeça de bandido nós temos vinte e dois por cento da população brasileira e quase quarenta por cento dos presos... aliás nós vamos fechar o ano com cento e oitenta mil... é direto... vinte e quatro horas tirando criminoso da rua por isso que reduziu de treze mil homicídios pra menos de quatro mil... este ano nós vamos fechar com três mil e novecentos... agora cê tem muito roubo voltado aí à questão da droga né? quer dizer o sujeito rouba pra/por causa de droga ahn:: outros até não é droga então de um lado é polícia de outro lado é saúde pública e questão social cê também tem políticas sociais a a polícia no mundo inteiro ela é municipal se cê for nos Estados Unidos se for na Europa então ela tem que agir no território... por exemplo... o bairro bem ILUMINADO... é importante alguns bares você ter ali uma ação de de de de limite em relação a alguns bair/éh éh bares... limpeza pública... ur-ba-ni-za-ção... avenidas entrar polícia

- 356 L1 o senhor tá falando de medidas municipais
- 357 L2 Eu tô falando que o planejamento urbano cê pegar uma cidade com bom planejamento urbano... ela tem menor/melhores índices de segurança do que uma cidade com mal planejamento urbano então... além do emprego... além também de medidas de natureza social isso é importante

Nessa sequência, L1 introduz o tópico “segurança”, por meio de perguntas provocativas, as quais operam argumentos que revelam uma segurança insuficiente em relação ao número de policiais no combate à criminalidade.

L2 desenvolve o tópico apresentando argumentos que atestam em contrário e, ao final de sua fala, introduz o subtópico “políticas sociais municipais” com o enunciado: (cê também tem políticas sociais a a polícia no mundo inteiro ela é municipal se cê for nos Estados Unidos se for na Europa então ela tem que agir no território... por exemplo... o bairro bem ILUMINADO... é importante alguns bares você ter ali uma ação de de de de limite em relação a alguns bair/éh éh bares... limpeza pública... ur-ba-ni-za-ção... avenidas entrar polícia). A introdução desse novo subtópico oportuniza a proposição de novos argumentos em favor de sua tese, além disso, ao afirmar que a segurança depende de políticas municipais acaba diluindo o peso da responsabilidade que possa recair na figura do governador.

A seguir ocorre o encadeamento de duas paráfrases. A primeira, na fala de L1, (o senhor tá falando de medidas municipais), assume a função de confirmar o novo tópico proposto por L2. A segunda, na fala de L2, (Eu tô falando que o planejamento urbano) confirma a temática e ao mesmo tempo dá margem à proposição de novos enunciados que confirmam sua argumentação.

#### 4.3 A REPETIÇÃO NA INTRODUÇÃO, RETOMADA E MANUTENÇÃO DE TÓPICOS

As repetições nos textos conversacionais são muito produtivas e assumem diversas funções conforme mencionamos no item 2.4.3 deste trabalho. Recortamos para análise somente as que exerceram a função de monitoração tópica.

(21)

- 1 L1 ((dirigindo-se aos telespectadores)) aLÔ:: eu to de frente hoje com o político mais conhecido de São Paulo um homem que tem cadeira quase cativa no palácio dos Bandeirantes... Geraldo Alckmin está governador do estado mais rico da federação pela terceira vez e já tem gente sussurrando que em 2016 ele vai se candidatar de novo... membro ativo do PSDB... Alckmin é paulista de Pindamonhangaba formou-se médico em Taubaté e entrou na política pela porta da câmara municipal de sua cidade natal onde se elegeu vereador quase quarenta anos atrás... depois foi prefeito... deputado estadual... deputado federal... vice-governador... governador e em dois e seis enfrentou Lula na eleição presidencial e foi derrotado no segundo turno... seu grande desafio político atual é eleger o prefeito da capital paulista do ano que vem:... uma tarefa nada fácil num partido que tem dificuldades em se manter unido... o governador vem ao nosso programa falar de sua administração... da oposição ao governo Dilma:: Roussef e daquilo que os políticos mais gostam o futuro... mas vou começar pelo PRESENTE... ouVI DIZER ((risos)) vou tomar a liberdade:: governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?
- L2 ((risos)) não imagina... primeiro uma alegria revê-la cumprimentá-la... a política antiga... ah:: Gabi... ela era muito discursiva:: cheia de retórica... né::? de arroubos... de lutas... hoje a política moderna... eu acho que é::: o que que a população quer? honestidade... eficiência... resultado... *low profile*... né?... o governo bom é governo que não tá dando espetáculo... é governo que trabalha pra população que melhora a vida das pessoas
- L1 mas por que que o senhor tá me dizendo isso?
- L2 tô dizendo por causa do chuchu
- ((risos))
- L1 chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora:... é verdade... não?

Nesse segmento ocorrem cinco repetições do mesmo item lexical “chuchu” que se alternam nas falas dos interlocutores (heterorrepetições). No início, L1 repete o item lexical “chuchu” para marcar a introdução do tópico discursivo “apelido do entrevistado” por meio da pergunta que assume o caráter de confirmação: *ouVI DIZER ((risos)) vou tomar a liberdade:: governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?*

Seguem-se, na resposta de L2, considerações dispersivas acerca da política antiga em contraste com a política moderna, as quais apresentam pouca centração com o tópico “apelido

do entrevistado”, ou seja, podemos dizer que houve violação da *máxima da relação*<sup>23</sup>, pois o enunciado apresentou pouca relevância com o tópico proposto.

Percebendo o desvio do tópico na resposta de L2, L1 faz uma pergunta com pedido de esclarecimento na tentativa de redirecionar para o tópico proposto (*mas por que que o senhor tá me dizendo isso?*) para a qual, L1 retoma o tópico repetindo o mesmo item lexical “chuchu” para justificar que sua resposta havia atendido ao tópico proposto por L1 (*tô dizendo por causa do chuchu*).

Seguem-se risos dos interlocutores sugerindo que a resposta dada não foi de fato a esperada e, no turno subsequente, L1 articula a manutenção do tópico repetindo por três vezes o mesmo item lexical: *chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora::... é verdade... não?*

(22)

33 L1 aliás tá/tá magro... tá elegante... tá impressionante... mas eu falei na abertura que o PSDB era um partido complicado... hoje... éh::: sai no Estadão uma declaração do Fernando Henrique Cardoso em visita à capital Argentina... ele diz que é mais fácil falar o futuro do Euro do que do PSDB e::: éh::: o futuro do PSDB seria mais incerto do que essa moeda que tá passando por solavancos incríveis... o que é que o senhor diz disso?

L2 olha Gabi ah:: o PSDB é um bom partido né::: ahn:: no Brasil mudou o país... aliás com o presidente Fernando Henrique com o real com a estabilidade da moeda... São Paulo... nós estamos no quinto mandato Tucano ah:: com o Mário Covas... com o Serra... então bom partido bem preparados... o problema é que o Brasil tem trinta partidos... isso vai destruir a política brasileira... não tem nenhum lugar do mundo que se tenha trinta partidos a caminho de ter trinta e um trinta e dois trinta e três... e cada um quer criado... dinheiro público na veia... né::: recursos públicos nos impostos... então é evidente que nenhum partido no Brasil... ah::: tem solidez... se te mais uma cultura de personalismo do que uma cultura de partidos programáticos com ideário por isso que nós defendemos uma reforma política pra gente ter três ou quatro grandes partidos com fidelidade com propostas porque os políticos passam né? mas os partidos éh:: permanecem com seu ideário... agora o Fernando Henrique tem razão no seguinte sentido... a política é imprevisibilidade mesmo... quem é que pode prever eleição de dois mil e doze... dois mil e catorze... dois mil e dezesseis mas eu acho que o PSDB é um partido sólido... oito governadores o partido que mais tem governadores em todas as regiões do Brasil do Sul o Paraná... São Paulo e Minas no sudeste:: Goiás no centro-oeste::... Alagoas no nordeste::... são partidos sólidos partidos de bons quadros ah::...mas um quadro de excesso de partidos de multipartidarismo

Nessa sequência, L1 retoma o tópico “o futuro do PSDB” (partido político do entrevistado), introduzido no início da entrevista, fazendo a seguinte asserção (*mas eu falei na abertura que o PSDB era um partido complicado...*). A seguir, ela repete o lexema “PSDB” na digressão (*hoje... éh::: sai no Estadão uma declaração do Fernando Henrique Cardoso em*

<sup>23</sup> Ver postulados de Grice no item 1.4

visita à capital Argentina... ele diz que é mais fácil falar o futuro do Euro do que do PSD) que é utilizada com a intenção de confirmar suas considerações e o repete novamente numa manobra de manutenção tópica na “pergunta aberta”<sup>24</sup> (e::: éh::: o futuro do PSDB seria mais incerto do que essa moeda que tá passando por solavancos incríveis... o que é que o senhor diz disso?).

Na resposta, L2 repete o lexema “PSDB” por duas vezes: a primeira está vinculada à manutenção tópica indicando receptividade do interlocutor em desenvolver o tópico e, a segunda, está mais voltada ao plano da argumentatividade, para reafirmar as considerações positivas apresentadas por L2 em relação ao partido.

#### 4.4 AS PERGUNTAS E MONITORAMENTO TÓPICO

No que se refere à estrutura das perguntas, verificou-se, na fala da entrevistadora, uma alternância equilibrada entre as perguntas abertas e as perguntas fechadas.

Quanto à função, houve a predominância das *perguntas com pedido de informação* e das *perguntas com pedido de confirmação* na fala da entrevistadora. Já as *perguntas com pedido de esclarecimento* ocorreram uma vez na fala da entrevistadora e duas na fala do entrevistado.

Vale ressaltar que as *perguntas retóricas* foram muito recorrentes na fala do entrevistado, mas não houve nenhuma ocorrência nas falas da entrevistadora.

##### 4.4.1 Perguntas com pedido de informação, de confirmação e de esclarecimento

(23)

- 58 L1 EU POSSO:: ter OUVIDO nessa sua PRIMEIra resposta e colocação da::: ah:: em relação à criação de novos parTIdos e quanto esses par/partidos costum... eu POSSO ter ouvido uma crítica a essa... a esse novo partido que tá... éh:: fazendo sucesso? o senhor tem que adimiti/tá fazendo sucesso:: pelo menos o que tem de gente se::: éh::: se filiando ao partido que é o PSD do do Kassab... tá criticando? é isso?
- L2 olha Gabi:: NÃO:: por QUÊ? porque se não existisse o PSD não seriam trinta seriam vinte e nove... tanto faz... então não é este partido especificamente mas
- L1 [ mas esse lhe
- L1 toca particularmente?
- L2 [ não

<sup>24</sup> Sobre “perguntas abertas”, verificar item 2.6.1

Por meio de uma pergunta com pedido de confirmação (*eu POSSO ter ouvido uma crítica a essa... a esse novo partido que tá... éh:: fazendo sucesso?*), L1 introduz o subtópico “crítica ao partido PSD”, inferindo que L1 teria feito uma crítica ao partido PSD numa fala anterior. Logo a seguir, a entrevistadora introduz uma breve digressão para fazer uma consideração a respeito do sucesso do PSD e, ao final do turno, faz mais duas perguntas com pedido de confirmação com a função de reativar o tópico já introduzido (*tá criticando? é isso?*)

L2 nega e, após uma pergunta retórica (*NÃO:: por QUÊ?*), apresenta seus argumentos (*porque se não existisse o PSD não seriam trinta seriam vinte e nove... tanto faz... então não é este partido especificamente mas*). L1 insiste em manter o tópico com outra pergunta que solicita confirmação (*mas esse lhe toca particularmente?*), à qual L2 responde negativamente, forçando o fechamento do tópico.

Nesse trecho ocorrem várias *perguntas com pedido de confirmação* na tentativa de que L2 reconhecesse a força de seu principal adversário (o PSD), no entanto não se mostram eficientes e L2 continuou negando. Esse comportamento está relacionado à violação da *Máxima da Qualidade*, pois embora L1 tenha ciência da força de seu adversário prefere atestar em contrário para não se colocar em situação de vulnerabilidade.

(24)

185 L1 ((dirigindo-se aos telespectadores)) de volta de frente com o governador Geraldo Alckmin... governador eu disse lá na abertura éh:: que ha/havia costuras políticas... ou:: não cheguei a dizer isso mas tô perguntando já existem costuras políticas éh:: para as próximas eleições municipais... éh::... ah::... como um ensaio pra dois mil e dezesseis e a sua candidatura?

L2 olha sempre você tem alianças que acabam tendo desdobramentos

L1 ah::

L2 são eleições diferentes nós vamos ter agora eleição nos seiscentos e quarenta e cinco municípios aqui no estado de São Paulo e eleição municipal cada uma tem a sua singularidade Campinas é de um jeito São Paulo é de outro... São Bernardo Pindamonhangaba ah:: as alianças são muito ah:: diferentes de cidade por cidade claro que as cidades maiores que tem televisão e rádio o horário eleitoral de rádio e televisão as alianças passam a ter um peso maior no primeiro turno...

L1 ah::

L2 porque no segundo turno o tempo de rádio e tevê é igual...

L1 ah::

L2 não importa se tem aliança ou não no primeiro turno pesa... né:: os grandes horários eleitorais são PT... PMDB... PSDB... éh:: PP... éh:: democratas... depois PSB e aí vai vai caindo

L1 ah::

- L2 então ah::: eu diria que/mas éh::: não é automático quer dizer uma coisa é eleição municipal a outra é eleição estadual e o principal... a eleição federal que é aquela que mais puxa né::: o o debate
- L1 caso... (pausa longa) deem certas costuras políticas o senhor vai ser ser candidato de novo?

No início do segundo bloco da entrevista, L1 introduz o tópico “alianças partidárias” por meio da *pergunta aberta* de caráter informativo (*já existem costuras políticas éh::: para as próximas eleições municipais... éh:::... ah:::... como um ensaio pra dois mil e dezesseis e a sua candidatura?*), à qual se segue uma resposta longa de L2 que se apresenta em vários turnos subsequentes entremeados por turnos em que L1 utiliza o marcador fático *ah* com a função de retroalimentar a fala do interlocutor, sinalizando que está acompanhando suas colocações.

No último turno desse trecho, L1, percebendo o esvaziamento do tópico, introduz o subtópico “candidatura de L2” por meio de uma *pergunta fechada* de caráter informativo (*caso... (pausa longa) deem certas costuras políticas o senhor vai ser ser candidato de novo?*)

(25)

- 208 L1 caso... (pausa longa) deem certas costuras políticas o senhor vai ser ser candidato de novo?
- L2 é difícil... nós nem terminamos ainda o primeiro ano...né::: então tá muito no começo ((risos)) tá muito longe... não tem eleição estadual e federal sem passar pela eleição municipal
- L1 tá bom... governador com tanto debate político o senhor encontra TEMPO pra governar? é uma pergunta éh::: qual é a maior dor de cabeça do governador de São Paulo HOJE?

À pergunta fechada (*caso... (pausa longa) deem certas costuras políticas o senhor vai ser ser candidato de novo?*) no excerto (25) comportaria uma resposta afirmativa ou negativa do interlocutor, no entanto, o que se verifica são manobras evasivas de L2 tentando afastar-se de uma dessas alternativas. L2 Inicia seu turno com marcador discursivo *é difícil*, para introduzir argumentos que supostamente contrariam a possibilidade de responder à pergunta proposta, (*nós nem terminamos ainda o primeiro ano...né:::*), que é reforçado pelas expressões *tá muito no começo* e *tá muito longe*).

Percebendo que L2 não estaria disposto a responder, L1 dá por vencida suas expectativas, o que é expresso pelo marcador discursivo (*tá bom*). Posteriormente, há a

mudança de tópico que vem acionada por duas perguntas subsequentes de caráter informativo, sendo a primeira delas, fechada e a segunda aberta.

(26)

- 260 L1 pera aí  
mas tem mas tem uma suspeita aí que eu gostaria de saber se tem algum fundamento ou:: é oficial de que os traficantes corridos do Rio tão se estabelecendo em São Paulo?
- L2 não nós não temos essa essa isso é confirmado é:: hoje o que tá aumentando tremendamente no Brasil o índice de criminalidade é o Nordeste:: lamentavelmente quer dizer se cê pegar estatísticas do Brasil o Sudeste tá caindo e o Nordeste cresce fortemente latrocínio homicídio São Paulo ahn o:: vou dá um número prático o Rio tem vinte e nove homicídios por cem mil habitantes São Paulo tem nove nove São Paulo era o estado era o vigésimo sétimo o pior estado em número de homicídio hoje é o quarto... menos homicídio do que São Paulo é só Santa Catarina éh... Piauí e Distrito Federal nós temos o quarto menor índice de homicídio num tamo satisfeitos não... tamos aumentado SEIS MIL policiais esse ano homens e mulheres fortemente armados tecnologia:: expandindo as forças da polícia... inteligência policial... e com desafio de saúde pública que é álcool e droga
- L1 aliás ah... ah...ahn... a bandeira do Serra vamos dizer... foi contra o tabaco não é? contra o cigarro a sua tem sido contra o álcool principalmente na infância e adolescência... éh:: o que é que o senhor tem conseguido... o/é uma luta inglória na lá na/no final ou não? Nós tamo falando agora de uma tamo fa/álcool no país... as pessoas não não pensam no álcool como droga e é... e::

L2 vinha anteriormente desenvolvendo o tópico sobre segurança e fazia considerações sobre os resultados positivos obtidos com a Polícia Comunitária no Estado de São Paulo. Afirmava, também, que São Paulo tinha uma realidade diferente em relação ao Estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, tenta passar uma imagem positiva de São Paulo sob seu governo.

L1 Propõe um desalinhamento (linha 260) com os argumentos apresentados por L2 e toma o turno por meio da expressão *pera aí* e o marcador discursivo *mas*, com o objetivo de redirecionar para o subtópico “traficantes que teriam ido para São Paulo em decorrência da retomada das favelas do Rio de Janeiro pelas forças de segurança”, o qual é introduzido com uma pergunta que requer confirmação: (*pera aí mas tem mas tem uma suspeita aí que eu gostaria de saber se tem algum fundamento ou:: é oficial de que os traficantes corridos do Rio tão se estabelecendo em São Paulo?*).

L2 responde à pergunta (linha 264) violando à *Máxima de Modo*, isso porque, depois de negar, insere uma série de informações que causam desordem e conseqüentemente a desfocalização do assunto em pauta. Ele apresenta dados sobre índices de criminalidades em outras regiões, fala sobre o número de policiais e faz considerações que privilegiam o Estado de São Paulo numa atitude de vanglória ao seu governo. Para completar sua fala, ainda lança

os tópicos “saúde pública”, “álcool” e “drogas” numa tentativa de orientar o interlocutor para outro foco. Dessa forma, L1 é impelida a aceitar um dos tópicos sugeridos e opta por “álcool”, conforme se verifica em sua fala posterior.

(27)

335 L1 vou voltar pra... pra segurança... seus vizinhos de Morumbi fizeram uma PASSEATA protestando contra os assaltos cometidos no bairro... dá pra dizer que a polícia não tá conseguindo acompanhar a ousadia dos ladrões? Aliás eu tenho uns números éh... governador... trinta e oito por cento da população carcerária do Brasil ou CENTO e setenta e seis MIL presos estão em São Paulo o estado tem ao mesmo tempo cento e QUARENTA mil policiais éh é isso mesmo? esse é o número nessa nessa conta mocinho bandido? Essa diferença é razoável? Não deveria ser ao contrário não?

L2 olha... isso mostra Gabi duas coisas primeiro cento e quarenta... exatamente... teu número tá correto... cento e quarenta mil policiais... cem mil da polícia militar... trinta e cinco mil da civil e cinco mil da científica... cento e quarenta mil é o triplo da marinha é dobro da aeronáutica daqui a pouco é maior que o exército brasileiro então nenhum/ninguém tem uma força policial com cento e QUARENTA mil homens e mulheres na ativa trabalhando vinte e quatro horas... a população carcerária mostra que São Paulo prende... aqui não passa a mão na cabeça de bandido nós temos vinte e dois por cento da população brasileira e quase quarenta por cento dos presos... aliás nós vamos fechar o ano com cento e oitenta mil... é direto... vinte e quatro horas tirando criminoso da rua por isso que reduziu de treze mil homicídios pra menos de quatro mil... este ano nós vamos fechar com três mil e novecentos... agora cê tem muito roubo voltado aí à questão da droga né? quer dizer o sujeito rouba pra/por causa de droga ahn:: outros até não é droga então de um lado é polícia de outro lado é saúde pública e questão social cê também tem políticas sociais a a polícia no mundo inteiro ela é municipal se cê for nos Estados Unidos se for na Europa então ela tem que agir no território... por exemplo... o bairro bem ILUMINADO... é importante alguns bares você ter ali uma ação de de de limite em relação a alguns bair/éh éh bares... limpeza pública... ur-ba-ni-za-ção... avenidas entrar polícia

L1 o senhor tá falando de medidas municipais?

Em (27), L1 anuncia a retomada do tópico “segurança”, por meio do marcador discursivo *vou voltar pra* e introduz o subtópico “ineficiência da polícia”, por meio de quatro perguntas cuja cadeia argumentativa estabelece uma linha de raciocínio que contraria a ideia de que a polícia da cidade de São Paulo seria capaz de combater a criminalidade devido ao número insuficiente de policiais.

É relevante ressaltar que antes de perguntar, L1 introduz o enunciado (*seus vizinhos de Morumbi fizeram uma PASSEATA protestando contra os assaltos cometidos no bairro...*). Esse enunciado prefaciador funciona como uma provocação, pois sugere que lá também há violência.

A primeira pergunta solicita uma confirmação e introduz o subtópico “a competência da polícia” (*dá pra dizer que a polícia não tá conseguindo acompanhar a ousadia dos*

*ladrões?*). Ela é iniciada com a expressão “*dá pra dizer*”, a qual busca a aprovação do ouvinte em relação à afirmação que se sucede.

A segunda pergunta introduz o subtópico “número de policiais” e solicita a confirmação das informações apresentadas por L1 (número de carcerários versus número de policiais no Estado de São Paulo), introduzidas por meio do marcador discursivo *aliás*. (*Aliás eu tenho uns números éh... governador... trinta e oito por cento da população carcerária do Brasil ou CENTO e setenta e seis MIL presos estão em São Paulo o estado tem ao mesmo tempo cento e QUARENTA mil policiais éh é isso mesmo?*)

A terceira pergunta funciona como reforço na focalização do subtópico proposto na segunda pergunta e também solicita confirmação (*esse é o número nessa nessa conta mocinho bandido?*)

A quarta e quinta perguntas também solicitam confirmação e reforçam a focalização no subtópico “número de policiais”. Elas adquirem um tom mais provocativo, pois colocam em dúvida a adequação da proporção entre o número de carcerários e policiais no Estado de São Paulo (*Essa diferença é razoável? Não deveria ser ao contrário não?*)

L2 inicia seu turno com o marcador discursivo *olha* que funciona como pedido de atenção e, ao mesmo tempo, orienta o interlocutor para o tópico que será desenvolvido a seguir, no caso, “número de policiais”. Durante toda a sua fala não há menção direta ao tópico “ineficiência da polícia”, no entanto, é possível inferir na sua resposta uma tentativa de negar essa condição, pois o desenvolvimento do tópico “número de policiais” aponta argumentos que favorecem uma imagem positiva da Política de Segurança Pública e, por conseguinte, favorece a imagem positiva de seu governo. Ao final de seu turno, L2 introduz o subtópico “polícia municipal” (*a polícia no mundo inteiro ela é municipal se cê for nos Estados Unidos se for na Europa então ela tem que agir no território... por exemplo... o bairro bem ILUMINADO... é importante alguns bares você ter ali uma ação de de de de limite em relação a alguns bair/éh éh bares... limpeza pública... ur-ba-ni-za-ção... avenidas entrar polícia*).

Percebendo a introdução desse subtópico, L1 faz uma pergunta com pedido de esclarecimento (*o senhor tá falando de medidas municipais?*) com a intenção de manter o fluxo conversacional nesse novo tópico.

#### **4.4.2 Perguntas retóricas**

As perguntas retóricas exercem funções discursivas relacionadas à organização tópica. Nesses casos o locutor utiliza a pergunta retórica como forma de motivar o interesse de seu interlocutor para os referentes que apresentará na sequência.

Como afirmado anteriormente, as perguntas retóricas só ocorreram nas falas do entrevistado com a função predominante de orientar a argumentação dentro do tópico em andamento. Seleccionamos, a seguir, um excerto em que a pergunta retórica foi utilizada estrategicamente para provocar a mudança de quadro tópico.

(28)

- 539 L2 não... você::... o problema do PSDB não são fofocas internas... o problema é dificuldade eleitoral... uma vez perguntaram ao Sérgio Motta porque que ele perdeu as eleições... porque faltou votos... o restante é firula... cê precisa ter voto então o partido precisa se aproximar da população... precisa amassar barro... precisa se empenhar na eleição municipal pra construir bases municipais
- L1 [ precisa ser mais PT?
- L2 não... qual PT? Esse PT do do do deslize ético não... até porque eu vejo que a política como uma atividade essencialmente ética... se for para não ter ética... sai da política... política é uma atividade cuja essência é a ética... é a lealdade... é a honestidade... é prestar serviço à população... ah::: eu vejo que a presidenta Dilma ela se esforça no sentido de procurar melhorar mas o modelo político tá errado... imagine você presidenta... VINTE e DOIS partidos no Congresso Nacional como é que você governa? quer dizer... o Brasil precisa fazer uma reforma política acabar com coligação proporcional pra ter quatro ou cinco partidos... ter fidelidade éh:: partidária e implantar voto distrital ou distrital misto... duas três coisas só ajudariam a política brasileira

Os interlocutores vinham fazendo considerações dentro do tópico “dificuldades internas do PSDB” e L2 argumentava que os problemas estariam relacionados à falta de proximidade do PSDB com o povo.

Fazendo uma espécie de provocação, L1 interrompe o turno com a pergunta: (*precisa ser mais PT?*), fazendo uma crítica indireta ao PSDB ao aludir que o PT seria um partido que promove mais contato com o povo por meio das campanhas nas ruas.

L2 aproveita para responder por meio de outra pergunta retórica (*não... qual PT?*), a qual desencadeia a abertura de um novo quadro tópico “críticas ao PT” (partido de oposição) com a inserção dos subtópicos “ética na política”, “a política da presidenta Dilma Rousseff” e “excesso de partidos políticos no Brasil”, o que acabaram contribuindo, indiretamente, para enaltecer o PSDB e, conseqüentemente, a autoimagem de L2.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por proposta analisar os procedimentos utilizados pelos interlocutores na construção da sequência tópica que foi sendo estruturada num trabalho conjunto, durante uma interação verbal específica – um programa televisivo em que um personagem da política nacional é entrevistado.

Tendo em vista a situação de interação, os papéis que representam os interlocutores e os propósitos comunicativos que almejam alcançar, procurou-se evidenciar de que forma cada um dos envolvidos na troca tenta monitorar o foco temático no desenrolar do evento conversacional visando a uma boa performance para o público telespectador.

Embora haja um planejamento da pauta da entrevista e a abordagem de alguns tópicos já tenha sido previamente definida, assim como, o entrevistado não vai totalmente despreparado para a entrevista, observa-se que não há a possibilidade de total controle sobre a conformação do quadro tópico, pois que, o texto conversacional comporta uma parcela de imprevisibilidade em que cada um dos interlocutores, de posse da palavra, vai projetando um novo foco temático, desencadeando assim, os tópicos que se sucedem.

Observa-se que há um jogo de forças em que cada um dos envolvidos na troca pretende administrar a sequência tópica engendrando seu discurso de forma a privilegiar sua autoimagem pública. Para isso, estratégias interacionais e procedimentos discursivos são utilizados por ambos interlocutores na tentativa de projetar o tópico seguinte para o assunto que desejam desenvolver.

Conforme se verifica, o entrevistador tem um papel fundamental no direcionamento do quadro tópico, pois estabelece condições que viabilizam o bom relacionamento entre os interlocutores e, assim, promove a condução do evento comunicativo de forma produtiva e de acordo com os propósitos pretendidos. Por meio das perguntas, o entrevistador introduz ou retoma alguns tópicos estrategicamente, a fim de que o entrevistado se comporte de forma colaborativa.

Percebemos que existem perguntas que podem ser utilizadas para simplesmente estabelecer contato e manter a progressão tópica, e outras que são mais invasivas e expõem a imagem dos interlocutores. Dessa maneira, os procedimentos discursivos utilizados pelo entrevistador, como as perguntas, servem para indicar a orientação argumentativa do texto, que

dependendo da intencionalidade, ora preservam a imagem dos interlocutores, ora a coloca em situação vulnerável.

Tendo em vista de que se trata de um programa de entrevista televisivo, ocorre um jogo interacional tripartido no qual os interesses nem sempre se alinham e, por essa razão, cada um dos jogadores tem seus próprios propósitos e intenções. Como o sucesso da audiência é medido pela engenhosidade do entrevistador nas estratégias utilizadas para a obtenção de respostas que preencham as expectativas, cabe a ele mediar a interlocução de modo a preservar a sua própria imagem e a de seus interlocutores (entrevistado e audiência), permitindo, assim, a sustentação do evento conversacional.

Neste trabalho, procuramos evidenciar alguns dos recursos linguísticos próprios da língua falada utilizados pela entrevistadora para introduzir, retomar e fechar os tópicos e analisar se eles se constituíram em meios eficientes no monitoramento do quadro tópico. Dessa forma, também se tornaram importantes, as análises das falas do entrevistado para avaliar em que medida contribuíram para a aceitação dos tópicos propostos, ou não, e como elas interferiram na dinâmica da relação interpessoal e na construção do quadro tópico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, D. L. P. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, D. (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000. v. 4, p. 57-77.
- BUENO, C. M. O. **Entre-vista**: espaço de construção subjetiva. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- BURGO, V. H.; FERREIRA, E. F. e STORTO, L. J. Atitudes linguísticas na construção da autoimagem positiva. In: \_\_\_\_\_.(Org.) **Análise de textos falados e escritos**: aplicando teorias. 1. ed. Curitiba: CRV, 2011, p. 21-33.
- CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. 7. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011
- CHARADEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução de: Angela S.M. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Tradução de: *Les médias et l'information*.
- FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de Textos Oraís**. 7 ed. São Paulo: Humanitas, 2010. v. 1, p. 39-63.
- \_\_\_\_\_; A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000. v. 4, p.79-97.
- \_\_\_\_\_; ANDRADE, M. L. C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, D. (Org.) **Estudos de língua falada**: variações e confrontos.2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006. v. 3, p.153-177.
- \_\_\_\_\_; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. A movimentação tópica numa visão pragmático-discursiva. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 85-104, jul. 2006. Disponível em <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1545/0>>. Acesso em 23 maio 2012.
- \_\_\_\_\_; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FIORIN, L. F. A linguagem em uso. In: FIORIN, L. F. (Org.) **Introdução à Linguística I**: Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2008, p. 165-186.
- GALEMBECK, P. T. Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em programas de entrevistas e debates. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 48. n. 1, p. 135-142, jul. 2006. Disponível em <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1549/0>>. Acesso em 24 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. O tópico em textos falados e escritos. Em: **CADERNOS do CNLF**, Vol. XVI, n. 03–Livro de Minicursos e Oficinas. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/min\\_ofic/11.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/min_ofic/11.pdf)>. Acesso em out. 2012.

\_\_\_\_\_. **Procedimentos de expansão do tópico em entrevistas.** Anais do 6º Encontro CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/159.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2011

\_\_\_\_\_. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais.** 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010. v. 1, p. 66-92.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna.** 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

GOFFMAN, E. *Footing.* In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.) Sociolinguística Interacional. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.107-148.

\_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.) **Fundamentos metodológicos da linguística.** Campinas: Unicamp, 1982. v. 4.

HERNANDES, N. **A mídia e seus truques:** o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

HILGERT, J. G. Parafraseamento. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 275-299.

IBGE. **Sala de Imprensa.** 2012. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2265>>. Acesso em: 30 maio 2013.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cad. Est. Ling.,** Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, jul. 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1541>>. Acesso em fev 2012.

\_\_\_\_\_. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S. e KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 89-132.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação.** Tradução de: Carlos Piovezani Filho. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: *La conversation.*

KOCH, I. G. V. Tematização e rematização. In: JUBRAN, C. C. A. S. e KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 359-379.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, L. A. Referenciação. In: KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. A. S. **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p.381-399

LEITE, M. Q. Cortesia e descortesia: a questão da normatividade. In: PRETI, D. (Org.) **Cortesia verbal.** São Paulo: Humanitas, 2008. v. 9, p.49-87.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007. v. 82. (Série Princípios).

\_\_\_\_\_. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S. e KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp: 2006, p. 219-254.

POTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Governador Geraldo Alckmin**. Disponível em <[http://www.saopaulo.sp.gov.br/orgaos/governador\\_perfil](http://www.saopaulo.sp.gov.br/orgaos/governador_perfil)>. Acesso em 09 fev. 2014.

PRETI, D. Normas para transcrição dos exemplos. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010. v. 1, p. 13-14.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 403-425.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 427-496.

SBT - Sistema Brasileiro de Televisão. **Marília Gabriela recebe o governador de São Paulo Geraldo Alckmin**. Publicado em 30 nov. 2011. Disponível em <<http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/noticias/8830/Marilia-Gabriela-recebe-o-governador-de-Sao-Paulo-Geraldo-Alckmin.html>>. Acesso em 04 abr. 2012.

SILVA, L. A. Polidez na interação professor/aluno. In: PRETI, D. (Org.) **Estudos da língua falada**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, v. 3, 2006, p.109-130.

TRAVAGLIA, L. C. Relevo e desenvolvimento de tópico discursivo. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 53-70, jul. 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1543>>. Acesso em set. 2012.

URBANO, H. **A frase na boca do povo**. São Paulo: Contexto, 2011.

**ANEXO I**

O programa foi transmitido em 30/11/2011, pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), com duração aproximada de 43min e apresentou-se em quatro blocos separados por intervalos comerciais, como apontamos na descrição a seguir.

Os locutores são identificados, em nossa transcrição, como **L**. Assim, para localizarmos os locutores, identificaremos como locutora 1 (L1) os enunciados da entrevistadora Marília Gabriela e como locutor 2 (L2) os enunciados do entrevistado Geraldo Alckmin, à época governador do Estado de São Paulo.

Obtivemos acesso à gravação pelo site da emissora de tevê SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) em 01/09/2012:

<http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/noticias/8830/Marilia-Gabriela-recebe-o-governador-de-Sao-Paulo-Geraldo-Alckmin.html>

## SINÓPSE DA ENTREVISTA

No programa **De Frente Com Gabi** de 30 de novembro de 2011, **Marília Gabriela** recebeu o **governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin**. Ele foi ao programa para falar sobre os pré-candidatos do **PSDB** à prefeitura da cidade de São Paulo, sobre a infraestrutura da capital para os eventos relacionados à Copa do Mundo de 2014 e também, sobre outras questões políticas, como saúde, educação e violência.<sup>25</sup>

### PRIMEIRO BLOCO

- L1 ((dirigindo-se aos telespectadores)) aLÔ:: eu to de frente hoje com o político mais conhecido de São Paulo um homem que tem cadeia quase cativa no palácio dos Bandeirantes... Geraldo Alckmin está governador do estado mais rico da federação
- 5 pela terceira vez e já tem gente sussurrando que em 2016 ele vai se candidatar de novo... membro ativo do PSDB... Alckmin é paulista de Pindamonhangaba formou-se médico em Taubaté e entrou na política pela porta da câmara municipal de sua cidade natal onde se elegeu vereador quase quarenta anos atrás... depois foi prefeito... deputado estadual... deputado federal... vice-governador... governador e... em dois
- 10 mil e seis enfrentou Lula na eleição presidencial e foi derrotado no segundo turno... seu grande desafio político atual é eleger o prefeito da capital paulista do ano que vem::... uma tarefa nada fácil num partido que tem dificuldades em se manter unido... o governador vem ao nosso programa falar de sua administração... da oposição ao governo Dilma:: Rousef e daquilo que os políticos mais gostam o futuro... mas vou
- 15 começar pelo PRESENTE... ou VI DIZER ((risos)) vou tomar a liberdade:: governador... OUVI DIZER... que não é mais chuchu apenas... é chuchu com pimenta... é verdade?
- L2 ((risos)) não imagina... primeiro uma alegria revê-la cumprimentá-la... a política antiga... ah:: Gabi... ela era muito discursiva:: cheia de retórica... né::? de arroubos... de lutas... hoje a política moderna... eu acho que é::: o que que a população quer? honestidade... eficiência... resultado... *low profile*... né?... o governo bom é governo que não tá dando espetáculo... é governo que trabalha pra população que melhora a vida das pessoas
- L1 mas por que que o senhor tá me dizendo isso?
- 25 L2 tô dizendo por causa do chuchu
- ((risos))
- L1 chuchu:: esse apelido que lhe puseram... picolé de chuchu:: tal... e o chuchu com PIMENTA me parece que foi uma autodenominação agora::... é verdade... não?

<sup>25</sup> Sinopse da entrevista obtida no site do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão):

<<http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/noticias/8830/Marilia-Gabriela-recebe-o-governador-de-Sao-Paulo-Geraldo-Alckmin.html>>

- L2 não... não... também é exagero
- 30 L1 tá tomando:... não CONFESSA... o senhor tá ficando irritado... tá ficando:::: éh:::  
ah::: quente?... o que que é?
- L2 olha eu faço acupuntura... então... ah::: to sempre Zen né...
- L1 aliás tá/tá magro... tá elegante... tá impressionante... mas eu falei na abertura que o  
35 PSDB era um partido complicado... hoje... éh::: sai no Estadão uma declaração do  
Fernando Henrique Cardoso em visita à capital Argentina... ele diz que é mais fácil  
falar o futuro do Euro do que do PSDB e::: éh::: o futuro do PSDB seria mais incerto  
do que essa moeda que tá passando por solavancos incríveis... o que é que o senhor  
diz disso?
- 40 L2 olha Gabi ah::: o PSDB é um bom partido né::: ahn::: no Brasil mudou o país... aliás  
como o presidente Fernando Henrique com o real com a estabilidade da moeda... São  
Paulo... nós estamos no quinto mandato Tucano ah::: com o Mário Covas... com o  
Serra... então bom partido bem preparados... o problema é que o Brasil tem trinta  
45 partidos... isso vai destruir a política brasileira... não tem nenhum lugar do mundo  
que se tenha trinta partidos a caminho de ter trinta e um trinta e dois trinta e três... e  
cada um quer criado... dinheiro público na veia... né::: recursos públicos nos  
impostos... então é evidente que nenhum partido no Brasil... ah::: tem solidez... se  
tem mais uma cultura de personalismo do que uma cultura de partidos programáticos  
50 com ideário por isso que nós defendemos uma reforma política pra gente ter três ou  
quatro grandes partidos com fidelidade com propostas porque os políticos passam  
né? mas os partidos éh::: permanecem com seu ideário... agora o Fernando Henrique  
tem razão no seguinte sentido... a política é imprevisibilidade mesmo... quem é que  
pode prever eleição de dois mil e doze... dois mil e catorze... dois mil e dezesseis mas  
55 eu acho que o PSDB é um partido sólido... oito governadores o partido que mais tem  
governadores em todas as regiões do Brasil do Sul o Paraná... São Paulo e Minas no  
sudeste::: Goiás no centro-oeste:::... Alagoas no nordeste:::... são partidos sólidos  
partidos de bons quadros ah:::...mas um quadro de excesso de partidos de  
multipartidarismo
- L1 EU POSSO::: ter OUVIDO nessa sua PRIMEIra resposta e colocação da::: ah::: em  
60 relação à criação de novos parTIdos e quanto esses par/partidos custam... eu POSSO  
ter ouvido uma crítica a essa... a esse novo partido que tá... éh::: fazendo sucesso? o  
senhor tem que adimiti/tá fazendo sucesso::: pelo menos o que tem de gente se::: éh:::  
se filiando ao partido que é o PSD do do Kassab? tá criticando? é isso?
- L2 olha Gabi::: NÃO::: por QUÊ? porque se não existisse o PSD não seriam trinta seriam  
65 vinte e nove... tanto faz... então não é este partido especificamente mas
- L1 [ mas esse lhe  
toca particularmente
- L2 [ não  
[

- 70 L1 tamo falando São Paulo... tamo falando::: olha inclusive ontem tava no radar *on-line*  
da Veja uma ah::: vamos dizer... Aluísio Nunes traduzindo o que o Serra éh:::... disse  
quando defendeu uma aliança com PSD do Gilberto Kassab e Guilherme Afif... que  
pra ele Aluísio Nunes Ferreira o PSD o PSDB tem a mesma base de eleitores que não  
votam no PT e que seria um suicídio fragmentar essa força ele diz mais... qual vai  
75 ser o nosso discurso se formos pra disputa com o PSD... nós vamos criticar o projeto  
começado pelo PSDB não faz nenhum sentido
- L2 olha ah::: Marília Gabriela em relação a candidaturas é natural que o PSDB éh:::  
queria ter candidato na MAIOR cidade do Brasil... terceira cidade do mundo... PSDB  
teve candidato em oitenta e oito foi o Serra o PSDB teve candidato em noventa e  
80 dois foi o Fábio Feldmann o PSDB teve candidato em noventa e seis foi o Serra de  
novo o PSDB teve candidato no ano dois mil fui eu o PSDB teve candidato em dois  
mil e quatro foi o Serra de novo então na realidade o PSDB sem/na última eleição eu  
fui candidato... o PSDB sempre teve candidato porque é natural que o partido  
político ainda mais no primeiro turno no primeiro turno ele queira ter candidato a  
85 prefeito isso não inviabiliza alianças... cê pode fazer alianças no primeiro turno que é  
o que nós defendemos com quem aliança? com aliança vencedora aqui em São Paulo  
que nós já fizemos na eleição passada né::: nós temos no governo o PPS temos do  
governo o/os democratas temos ah::: o PTB o PV ah:::... o PSD ótimo se a gente  
conseguir fazer aliança... agora isso é pro ano que vem que que nós devemos  
primeiro definir... quem é o nosso candidato
- 90 L1 eu ouvi dizer que o seu é o Bruno Covas
- L2 é um grande nome... ele::: o porquê/que  
[
- L1 é o neto do Mario Covas
- L2 isto::: mas não é só o o neto do Mario Covas o Bruno:::
- L1 o senhor não tá escolhendo genética?
- 95 L2 não não é ((risos)) o Bruno é uma pessoa correta tem caráter o que já uma coisa boa  
porque a política atrai MUITA gente RUIM a política atrai picareta ladrão  
aproveitador... é impressionante... então quando cê tem uma pessoa que cê sabe que é  
correta tem caráter tem postura como Bruno... é uma diferença... tem experiência  
tem liderança
- 100 L1 deixa eu perguntar  
[
- L2 foi  
[
- L1 deixa eu perguntar deixa eu perguntar  
[
- L2 foi foi o deputado mais votado e não só o Bruno o André Matarazzo  
um grande nome o Zé Anibal é um grande líder o Ricardo Tripoli como é que se  
105 deve escolher um grande candidato? abre pra ah::: a maior participação... eu tava nos

- Estados Unidos Gabi... em dois mil e sete quando começou a primária... ah... no partido democrata a Hillary Clinton e o Obama... então o que se dizia lá um ano e meio antes?... já tá escolhida a a Hillary Clinton é o *Stablishment* é a esposa do do Bill Clinton é senadora por Nova Iorque agora começou a primária e começaram os debates os temas... o quadro mudou totalmente e quando acabou a primária a campanha do Obama já tava pronta então eu defendo essa maior democracia interna porque ao invés de você escolher candidato no bolso do colete você deixa que o partido se manifeste... os filiados... vinte mil trinta mil ouça a sociedade... permita o debate... ontem à noite teve um debate importante entre os quatro éh:: pré-candidatos... discuta os temas da cidade pra isso que tem campanha eleitoral
- 110
- L1 VOLTANDO ao Bruno Covas que ME parece é o seu favorito
- L2 não o meu favorito... vai ser o candidato do PSDB
- L1 [ sim mas o senhor/ah:: o que eu falei no primeiro momento mas é o grande candidato e cresceu lou( ) aí
- 120 L2 [ mas é verdade
- L1 vamos... ah:: okey eu eu eu entendi tudo eu to considerando todo esse currículo brilhante mas SÃO PAULO pra::: um::: homem de trinta e um ANOS num/não é meio assustador?
- 125 L2 olha... eu fui prefeito com vinte e quatro anos de idade e o que se dizia? é muito criança... é muito criança... eu até lembrava dizendo o seguinte olha pouca idade é um mal que o tempo cura né:: ((risos)) cura muito rápido e isso que é ruim
- L1 ((risos)) poxa é... isso é verdade... NOSSA que coisa terrível que cê falo... é verdade é verdade
- L2 [ então éh:::....ah::: o que que acontece? num é num é pela idade... se é menos se é mais eu acho que é pelo que representa... éh::: deputado eleito e REeleito né::: que pode ser da primeira vez foi uma homenagem ao Mario Covas porque é neto do do querido Mario Covas... a segunda reeleição não::: aí é liderança própria... secretário de estado... aliás os nossos quatro pré-candidatos são muito preparados... o Bruno o André Matarazzo que conhece São Paulo foi secretário do Serra do Kassab
- 135 L1 [ é verdade
- L2 [ grande
- nome ah::: o Zé Anibal foi presidente do partido
- L1 [ o senhor já disse esses nomes tá:::
- L2 [ e o Tripoli
- 140 L1 [ o senhor só tá outra vez
- tentando fugir daquela preferência mas okey deixa eu

- L2 e olha e não exclui aliança nós queremos que o PSD e outros partidos estejam conosco mas isso se discute o ano que vem... primeiro cada partido escolhe o seu representante
- 145 L1 [ quem vai apoiar... é  
isso?  
L2 isto
- L1 quem vai apoiar... é isso... agora pra terminar esse bloco eu gostaria  
L2 [ tem dois ansiosos nessa  
150 vida... os políticos e os jornalistas
- L1 ((risos)) então eu aqui na minha ansiedade antes de terminar esse bloco queria colocar uma pergunta e eu JURO que não tem maldade por trás só uma grande ignorância... éh::: falando ainda em eleição municipal né::: o PT ao que tudo indica tá se encaminhando pra ter como candidato o ministro da educação Fernando Haddad...  
155 eu gostaria de saber do senhor e eu JURO que é uma curiosidade genuína éh::: o senhor que entende o raciocínio político qual é o que existe por trás dessa candidatura?... porque eu num::: hum::: não consigo entender
- L2 olha... aí é uma decisão do PT o que que eu observo assim  
L1 [ ou do Lula?
- 160 L2 pode ser mas que que eu observo de longe... o PT sempre teve o critério de éh::: escolha muito debatida internamente... vou dá um exemplo se dependesse da cultura do PT lá em Fortaleza no Ceará a atual prefeita num teria sido candidato porque a cúpula do PT queria que apoiasse o senador Inácio Arruda e que o PT não tivesse candidato ela foi se inscreveu participou da primária ganhou da convenção e ganhou  
165 a eleição foi prefeita e foi reeleita
- L1 humm
- L2 então o PT tinha sempre essa... esse debate interno esse processo interno... no caso aqui de São Paulo não fez né::: é nítido que a senadora Marta Suplicy foi atropelada nesse... éh::: nesse processo... mas enfim esse é um tema do PT cabe a eles explicar
- 170 L1 não
- L2 nós vamos fazer um processo interno  
L1 [ não eu já entendi eu só queria que o senhor me explicasse ESSE processo por um raciocínio político... qual é raciocínio político DESSA candidatura? POR QUE o Fernando Haddad de repente?
- 175 L2 olha eu num eu num num consigo explicar né::: não/num sei quais as razões aí teria que perguntar pro PT

- L1 cês já devem ter conversado isso TANTO especulado TANTO em gabinetes
- L2 você tem uma candidata com trinta por cento tem um candidato com quatro ou cinco
- L1 [ éh:::
- 180 L2 cê opta por um candidato com menor percentual qual a explicação? pode ter várias é porque tem menor rejeição? que tá se/porque::: querem::: estimular uma liderança nova? qual razão? aí tem que ouvir o PT
- L1 éh::: eu tentei sabia que não ia sair GRANDE RESPOSTA aqui mas eu tentei... nós estamos terminando o primeiro bloco de frente como o governador paulista Geraldo Alckmin... voltamos depois do intervalo
- 185

## SEGUNDO BLOCO

- 190 L1 ((dirigindo-se aos telespectadores)) de volta de frente com o governador Geraldo Alckmin... governador eu disse lá na abertura éh::: que ha/havia costuras políticas... ou::: não cheguei a dizer isso mas tô perguntando já existem costuras políticas éh::: para as próximas eleições municipais... éh:::... ah:::... como um ensaio pra dois mil e dezesseis e a sua candidatura?
- L2 olha sempre você tem alianças que acabam tendo desdobramentos
- L1 ah:::
- 195 L2 são eleições diferentes nós vamos ter agora eleição nos seiscientos e quarenta e cinco municípios aqui no estado de São Paulo e eleição municipal cada uma tem a sua singularidade Campinas é de um jeito São Paulo é de outro... São Bernardo Pindamonhangaba ah::: as alianças são muito ah::: diferentes de cidade por cidade claro que as cidades maiores que tem televisão e rádio o horário eleitoral de rádio e televisão as alianças passam a ter um peso maior no primeiro turno...
- 200 L1 ah:::
- L2 porque no segundo turno o tempo de rádio e tevê é igual...
- L1 ah:::
- L2 não importa se tem aliança ou não no primeiro turno pesa... né::: os grandes horários eleitorais são PT... PMDB... PSDB... éh::: PP... éh::: democratas... depois PSB e aí vai vai caindo
- 205 L1 ah:::
- L2 então ah::: eu diria que/mas éh::: não é automático quer dizer uma coisa é eleição municipal a outra é eleição estadual e o principal... a eleição federal que é aquela que mais puxa né::: o o debate
- 210 L1 caso... (pausa longa) deem certas costuras políticas o senhor vai ser ser candidato de novo?
- L2 é difícil... nós nem terminamos ainda o primeiro ano...né::: então tá muito no começo ((risos)) tá muito longe... não tem eleição estadual e federal sem passar pela eleição municipal
- 215 L1 tá bom... governador com tanto debate político o senhor encontra TEMPO pra governar? é uma pergunta éh::: qual é a maior dor de cabeça do governador de São Paulo HOJE?
- L2 olha... muito tempo... eu tiro o meu tempo com política:: questões partidárias é mínimo mas mínimo noventa e nove por cento do meu tempo é tarefa

- 220 administrativa... quais são os grandes desafios? né::: éh::: hoje... o que nós vivemos?  
primeiro saúde... quer dizer essa é uma preocupação hoje tem uma boa notícia...a  
população tá vivendo mais e vivendo melhor... quer dizer mudou o perfil  
demográfico do mundo nessas últimas décadas mas tem custo... você tem um  
trabalho permanente de poder oferecer através do SUS o padrão de medicina que São  
225 Paulo tem hoje que conquistou de melhores centros do mundo você poder expandir  
isso pra toda população... segurança é uma tare/é uma guerra... você tem que vencer  
batalha TODO dia vinte e quatro horas ah::: trabalhando São Paulo saiu de um índice  
de homicídios de quase trinta e cinco por cem mil habitantes para NOVE vírgula oito  
mas se tem muito problema de roubo de assalto... então uma luta incessante...  
230 educação o quadro econômico nós vivemos uma incerteza econômica mundial... qual  
o reflexo disso no Brasil?
- L1 dizem que vai chegar em três anos até nós... isso tem sido conversado?
- L2 éh... a gente já percebe na arrecadação deste mês de/de novembro já uma queda  
da/do previsto... quer dizer é evidente que o Brasil
- 235 L1 [ alarmante?
- L2 não num é alarmante mas já é preocupante já assino/ascendeu um sinal amarelo e um  
problema... o Brasil tá ficando caro o Brasil tá ficando caro
- L1 [ muito caro
- L2 e não consegue ter competitividade então a importação ela cresce assim  
240 astronomicamente quer dizer o Brasil tem um mercado INTERNO importante tá  
crescendo mas MUITA importação quer dizer é perceptível a de-sin-dus-tria-li-zação  
isso éh::: ocorre nos países ricos o país fica rico é mais barato você produzir em  
outro lugar mas o Brasil não chegou nesse patamar então uma desindustrialização  
precoce o que é muito preocupante
- 245 L1 éh::: o senhor passou pelo assunto segurança o Rio de Janeiro tá enfrentando com  
sucesso né.... os traficantes de drogas e a criação de UPPs as Unidades de Polícia  
Pacificadoras tá indo::: essa criação deu certo tá indo tudo de vento em popa o que  
permitiu ocupar os territórios antes dominados pelos bandidos o São Paulo te/ahn o  
estado de São Paulo teria a aprender com a política de segurança pública carioca?
- 250 L2 olha todo mundo um aprende com o outro a polícia é/o UPP é a polícia comunitária
- L1 [ Ahn
- L2 [ que nós já
- 255 temos aqui há quinze anos praticamente que deu resultado se a gente fosse verificar o  
jardim Ângela era um dos bairros mais/com maior número de homicídios do mundo  
hoje tem índices abaixo de dez::: então melhorou muito... nós não temos em São  
Paulo como o Rio de Janeiro tem... ahn::: locais ocupados que a polícia não entrava  
né
- L1 Ahn

- L2 que você tinha milícia... São Paulo tem uma outra realidade não tem isso então  
[
- 260 L1 pera aí  
mas tem mas tem uma suspeita aí que eu gostaria de saber se tem algum fundamento  
ou:: é oficial de que os traficantes corridos do Rio tão se estabelecendo em São  
Paulo?
- L2 não nós não temos essa essa isso é confirmado éh:: hoje o que tá aumentando  
265 tremendamente no Brasil o índice de criminalidade é o Nordeste:: lamentavelmente  
quer dizer se cê pegar estatísticas do Brasil o Sudeste tá caindo e o Nordeste cresce  
fortemente latrocínio homicídio São Paulo ahn o:: vou dá um número prático o Rio  
270 tem vinte e nove homicídios por cem mil habitantes São Paulo tem nove nove São  
Paulo era o estado era o vigésimo sétimo o pior estado em número de homicídio hoje  
é o quarto... menos homicídio do que São Paulo é só Santa Catarina éh... Piauí e  
Distrito Federal nós temos o quarto menor índice de homicídio num tamo satisfeitos  
não... tamos aumentado SEIS MIL policiais esse ano homens e mulheres fortemente  
armados tecnologia:: expandindo as forças da polícia... inteligência policial... e com  
desafio de saúde pública que é álcool e droga
- 275 L1 aliás ah... ah...ahn... a bandeira do Serra vamos dizer... foi contra o tabaco não é?  
contra o cigarro a sua tem sido contra o álcool principalmente na infância e  
adolescência... éh:: o que é que o senhor tem conseguido... o/é uma luta inglória na  
lá na/no final ou não? Nós tamo falando agora de uma tamo fa/álcool no país... as  
pessoas não não pensam no álcool como droga e é... e::
- 280 L2 há uma tolerância  
[
- L1 há uma tolerância... há uma tolerância e as pessoas bebem socialmente  
bebem m CASA na frente de todo MUNdo:: a comemoração e aí vêm as crianças de  
de de não sei como lembro nem lembro mais como é que fala... eu tô péssima  
ultimamente pras expressões pros ditados... as crianças vêm né? Vêm junto como é/o  
285 que que o senhor pretende com isso?
- L2 aliás aliás o:: Gabi ahn antigamente o adolescente ele começava a beber com  
dezesseis dezessete anos hoje é com treze anos
- L1 ou menos ou até menos
- L2 ou até menos e o o/é importante o combate ao fumo... acho que faz mal a saúde  
290 prejudica a saúde prejudica também quem não fuma  
[
- L1 não e já melhorou muitíssimo né?  
[
- L2 e teve sucesso a lei agora...  
ninguém BATE na mulher porque fumou mas bate porque bebeu ninguém atropela  
alguém no ponto de ônibus e mata dois três porque fumou mas atropela e mata  
295 porque bebeu... então a questão do álcool é mais grave... éh... nós começamos com os  
menores de dezoito anos de idade porque? porque esse adolescente de treze anos ele

começa a beber muito cedo a chance dele ficar alcoólatra na idade adulto/adulta é muito grande além de outras drogas

- 300 L1 além de outras drogas porque ah... éh:: eu conversei com um especialista ah: nisso médico lá do do Sul que tem clínica especializada em adultos e/em adolescentes e crianças que essa é a grande porta para as outras drogas pesadas
- 305 L2 exatamente... porque o cérebro ainda não tá totalmente amadurecido então você fica lá no sistema límbico uma memória agradável né... da/das moléculas do álcool e aí o camarada quer repetir e ele vai bebendo cada vez mais... então nós temos um problema de saúde pública nós vamos começar agora... em seguida lançamos a campanha do álcool agora vamos ah::: começar um grande trabalho contra o *crack* e os outros tipos de droga... o *crack* o que que é? borra de cocaína com bicarbonato de sódio e outras substâncias químicas BARATA... barata e vicia rapidamente ( )
- 310 L1 e e e agora não é só droga de gente sem poder aquisitivo ela é droga em todas/tá em todas as classes sociais... qual é o/o que é que o senhor pretende fazer contra o *crack*?
- L2 [ então... são são cinco ações a primeira é de saúde pública... é você encaminhar pra clínicas ahn... de de tratamento ahn... poli ah:: multiprofissional psiquiatra... psicólogo assistente social enfim tratamento das pessoas... casos mais graves... internação muito se discute se a internação pode ser compulsória... claro que pode isso não é nenhuma novidade cê tem casos graves que a pessoa não tem mais ahn:: autocontrole... então a internação é em seu benefício desde que autorizada éh:: judicialmente... a outra é a área social se cê for à Cracolândia hoje... tem gente dormindo na rua... é você encaminhar pros abrigos... então nós vamos fazer junto com a prefeitura éh unidos com a prefeitura um trabalho na área social... na área da saúde e polícia ou seja você identificar ah:: o/os traficantes e cadeia e aí prender os traficantes... então é prender o traficante... tratar... dar condições de tratamento... dependência química é doença como é apendicite... como é tuberculose... há um preconceito em relação à saúde mental em relação às doenças mentais mas são doenças precisam de tratamento
- 325 L1 mas todos os governos éh falam de números quando se fala nisso ah:: do jeito que o senhor falou... o senhor tá dizendo que São Paulo tem condições ah::: econômicas pra banca esse seu projeto é isso?
- 330 L2 éh::: nós não vamos resolver nenhum lugar do mundo resolveu cem por cento... mas nós vamos melhorar... e nós vamos oferecer às pessoas dependentes químicos a oportunidade de tratamento seja ambulatorial... através das várias clínicas que existem éh... do governo ou contratadas seja através de internação mesmo... hospital psiquiátrico clínicas de internação e às vezes o tratamento é demorado é meio ano... um ano de tratamento... não é barato... mas ah::: uma grande parte vai ajudar e vai curar as pessoas... se tem possibilidade de cura
- 335 L1 vou voltar pra... pra segurança... seus vizinhos de Morumbi fizeram uma PASSEATA protestando contra os assaltos cometidos no bairro... dá pra dizer que a polícia não tá conseguindo acompanhar a ousadia dos ladrões? Aliás eu tenho uns números éh... governador... trinta e oito por cento da população carcerária do Brasil

- 340 ou CENTO e setenta e seis MIL presos estão em São Paulo o estado tem ao mesmo tempo cento e QUARENTA mil policiais é é isso mesmo? esse é o número nessa nessa conta mocinho bandido? Essa diferença é razoável? Não deveria ser ao contrário não?
- 345 L2 olha... isso mostra Gabi duas coisas primeiro cento e quarenta... exatamente... teu número tá correto... cento e quarenta mil policiais... cem mil da polícia militar... trinta e cinco mil da civil e cinco mil da científica... cento e quarenta mil é o triplo da marinha é dobro da aeronáutica daqui a pouco é maior que o exército brasileiro então nenhum/ninguém tem uma força policial com cento e QUARENTA mil homens e mulheres na ativa trabalhando vinte e quatro horas... a população carcerária mostra que São Paulo prende aqui não passa a mão na cabeça de bandido nós temos vinte e 350 dois por cento da população brasileira e quase quarenta por cento dos presos... aliás nós vamos fechar o ano com cento e oitenta mil... é direto... vinte e quatro horas tirando criminoso da rua por isso que reduziu de treze mil homicídios pra menos de quatro mil... este ano nós vamos fechar com três mil e novecentos... agora cê tem muito roubo voltado aí à questão da droga né? quer dizer o sujeito rouba pra/por 355 causa de droga ahn:: outros até não é droga então de um lado é polícia de outro lado é saúde pública e questão social cê também tem políticas sociais a a polícia no mundo inteiro ela é municipal se cê for nos Estados Unidos se for na Europa então ela tem que agir no território... por exemplo... o bairro bem ILUMINADO... é importante alguns bares você ter ali uma ação de de de de limite em relação a alguns 360 bair/éh éh bares... limpeza pública... ur-ba-ni-za-ção... avenidas entrar polícia
- L1 o senhor tá falando de medidas municipais?
- L2 Eu tô falando que o planejamento urbano cê pegar uma cidade com bom planejamento urbano... ela tem menor/melhores índices de segurança do que uma cidade com mal planejamento urbano então... além do emprego... além também de 365 medidas de natureza social isso é importante
- L1 o senhor bebe?
- L2 muito pouco
- L1 o quê?
- L2 ah::: vinho tinto né:: que hoje éh: passou pra classe de remédios né? ((risos))
- 370 L1 então como remédio é uma taça por dia?
- L2 é::: aliás é interessante o vinho tinto uma pequena dose ele meLHOra o chamado colesterol bom né? ((risos)) então é interessante
- L1 [ ((risos)) o senhor continua com o médico em si... é isso ou não? ((risos))
- 375 L2 ((risos)) ah eu sou apaixonado pela medicina

- L1 o senhor diagnostica quem reclama de saúde perto do senhor?
- L2 de vez em quando na minha casa  
[
- L1 depois eu tenho que reclamar de umas coisas o senhor vai me diagnosticar aqui  
[
- 380 L2 ah a seu dispor se eu puder::
- L1 ô:: governador tudo que o senhor falou de alguma maneira era/éh::: ah:: tem também como tradução que o ideal seria que o governo do estado fizesse a prefeitura?
- L2 não... eu eu vejo o seguinte... são o ah/a população ela separa bem as coisas né:: por exemplo é... é comum ouvir assim olha... quem ganhar a prefeitura ganha o governo do estado quem ganhar governo do estado ganha governo federal... não tem NADA a ver uma coisa com a outra... nada ah:: ô::: em noventa e dois o PSDB foi muito mal pra prefeitura de São Paulo e dois anos depois ganhou o governo do estado e a presidência da república no primeiro turno... não tem nada a ver uma coisa com a outra em dois mil e seis... dois mil e e seis o Serra foi muito bem... ganhou aqui o governo do estado em dois mil e oito eu não fui nem pro segundo turno pra prefeito de São Paulo em dois mil e dez eu me elegi governador no primeiro turno... o povo SEPARA muito bem o que é município o que é estado e o que é governo federal... por isso que eu não acredito muito em forças externas... fulano vai eleger sicrano... fulano vai eleger beltrano... ninguém vai eleger ninguém ou as lideranças vão conquistar a confiança da população... cê olhando nos olhos... dá pra confiar  
[
- L1 se fulano cê tava dizendo do Lula elegendo Fernando Haddad? era isso?
- L2 não eu digo o seguinte uma uma liderança  
[
- L1 foi a única coisa que me veio à cabeça a hora que o senhor disse assim... essa história em que dizem fulano vai eleger éh:::ah sicrano... o único nome que me veio à cabeça foi Lula e Fernando Haddad
- L2 éh::: o::: Lula não elege Fernando Haddad o Geraldo Alckmin não elege tucano... não existe isso... as lideranças durante a campanha... pra isso tem campanha ou conquistam a confiança do eleitor... o sujeito olha... dá pra acreditar né::: dá pra acreditar ou não ( ) são... essa transferência de prestígio ela é ela é::: pequena ela é muito pequena
- 405
- L1 ((suspiro profundo da apresentadora)) sei não
- L2 não?  
((risos))
- L1 termina aqui...NÃO... sei não... eu quero falar daquela ( )  
[
- 410 L2 ((risos)) pesa mais... pesa mais para o mesmo cargo... por exemplo... é inegável que o Lula teve peso na eleição da presidenta Dilma... é

inegável... mas aí não é um presidente indicando um prefeito ou o governador indicando o prefeito... é outra coisa... é pro mesmo cargo... é diferente

L1 o senhor tá amicíssimo do Serra?

415 L2 claro o Serra é meu companheiro de TRINTA anos

L1 SIM... mas houve aí no meio:: na/no ano passado o o/ouvi coisas houve... estremecimentos por por atitudes POLÍticas por:: raciocínios políticos... digamos

L2 olha ahn:: na política ahn:: os partidos não devem ser a a paz do do cemitério né::  
420 éh:: tudo tem que ser igualzinho todo mundo pensar igual... NÃO:: partido político é local de debate... de reflexão... um pensa dum jeito... outro pensa de outro éh::: cê não faz

L1 [ um xinga um...  
outro xinga o outro

L2 não num xinga... mas cê pode ter momentos que de de pensamento diferente... o  
425 PSDB tem bons quadros... quando cê tem bons quadros... cê tem várias opções pro mesmo cargo... então cê tem candidato a presidente da república quando eu fui candidato em dois mil e seis... cê tinha o Geraldo o Serra o Aécio... depois agora em dois mil e dez o Serra

L1 E ME PAREce que foi imperDOÁVEL... me parece que foi IMPERDOÁVEL... o  
430 senhor TER encarado a sua candidatura e ter levado a ferro e fogo

L2 [ não... eu tinha a razão Gabi... porque imagine que em  
dois mil e seis eu não fosse candidato a presidente... eu não poderia ser mais  
candidato a governador... o Serra poderia ter sido candidato a presidente e o PSDB  
435 tinha perdido TU-DO... o esTADO e o governo federal... prevaleceu a minha tese... o Serra foi candidato a governador... ganhou a eleição no primeiro turno... eu ganhei a eleição nos dois turnos do do Rio Grande do Sul... Santa Catarina...Paraná São Paulo Mato Grosso Mato Grosso do Sul Roraima e em São Paulo nos dois turnos... então a minha tese tava correta

L1 e agora tá todo mundo *okay* que vai sair o Aécio em dois mil e catorze... é isso?

440 L2 ((balançando a cabeça em sinal de negação)) não não...não... mas quem é que escolhe

L1 [ ((gargalhadas)) mas consta  
que já tá definido

L2 não não... primeiro não se define candidato

L1 ELE se definiu

445 L2 não... ele querer ser candidato é ótimo... a primeira coisa pra você ter um bom presidente é querer ser

- L1      ahn:::
- L2      isso é ótimo agora a escolha de candidato... primeiro não se faz três anos antes...  
segundo o PSDB tem ótimos bons nomes e deve definir em dois mil e catorze
- 450 L1      DIGA alguns
- L2      já digo dois... o Aécio que você lembrou muito bem e o Serra que tem todas as  
condições pra ser um ótimo presidente
- L1             [  
            e ponto... é isso?
- L2      ponto
- 455 L1      okey
- L2      por enquanto  
          ((risos))
- L1      termina aqui o segundo bloco de frente com o governador Geraldo Alckmin... nós  
voltamos daqui a pouquinho... até já

### TERCEIRO BLOCO

- 460 L1 de volta pra mais um bloco com o governador de São Paulo Geraldo Alckmin... uma pergunta antes de mais nada (pausa longa) fala de verdade de verdade... como é que é chegar ali na beiradinha da presidência e não pegar? fala de verdade... NÃO que/quero um ser humano AQUI e não o político... eu quero uma uma reação ahn::: LEGÍTIMA... HONESTA... HUMANA
- 465 L2 Olha Gabi quem não tiver preparado pra perder a eleição não pode exercer a vida pública... que você não ganha todas né:: então:: aí é óbvio que que no país onde tem reeleição quem está no cargo leva vantagem... nos Estados Unidos se diz que o mandato é de oito anos quer dizer o presidente Clinton oito anos o Bush oito anos o Reagan oito anos o Fernando Henrique oito anos o Lula oito anos... então o fato de eu levar a eleição para o segundo turno... quase impatei no primeiro turno... ganhei em onze estados... foi um grande feito mas ahn:::isso éh éh
- 470 [
- L1 pois é... aí perder não dá mais raiva ainda?
- L2 não não... acho que a gente tem que tá preparado... cê você não tiver preparado pra disputar uma eleição e perder... não pode exercer vida pública
- 475 L1 tá bom governador:: então agora vamos falar de São Paulo vai sediar o jogo de abertura da copa de dois mil e catorze ou seja os olhos de milhões de bilhões de torcedores estarão voltados pra capital pa/Paulista... quem vier ver esses jogos aqui ô:: governador vai contar com segurança... transporte... vamos falar dos nossos gargalos... nos aeroportos... nos transportes coletivos... hotelaria... isso tudo vai tá sele/vai tá SOLUCIONADO?
- 480 [
- L2 olha Gabi... primeiro São Paulo é a terceira cidade do mundo é uma megalópole preparada pra esses grandes eventos... nós temos três anos aí pra suar a camisa e deixar um grande legado pra São Paulo... na mobilidade urbana... qual estádio do mundo tem aeroporto tem metrô e trem na porta? nós temos a linha três do metrô na porta da linha leste oeste e temos a CTPM... a linha onze também na porta do estádio... nós podemos tirar cento e dez mil pessoas em uma hora... o estádio tem sessenta e cinco mil lugares em quarenta e cinco minutos cê pode esvaziar o estádio em termos de trem e de metrô... e até lá nós vamos ter mais trens... o trem a cada três minutos ah:: em São Paulo nas linhas... metrô a cada oitenta e cinco segundos com a nova tecnologia... aeroportos é federal né::: aeroporto de Cumbica é federal... se a presidenta Dilma conseguir fazer a concessão eu acho que ela vai conseguir nós vamos ter bem melhores condições aeroportuárias... POLÍCIA nós temos um contingente forte... ela vai estar mais preparada... São Paulo tem a melhor rede hoteleira da América Latina e ela tende a ser ampliada então acho que temos um um centro em termos de saúde
- 490 [
- L1 temos tempo hábil acha? pra resolver tudo isso?
- [
- L2 tem::: três anos é um tempo éh::: o caso do estádio é ficar pronto em dois mil treze

- 500 L1 SIM mas e o::: transporte coletivo? tá falando tanto de metrô e metrô é uma coisa complicada
- L2 [ dois mil... dois mil... éh::: dois mil e treze... até dezembro de dois mil treze a linha onze da CPTM estará operando em três minutos... os novos trens já estão chegando
- L1 [ vai dá tudo CERTO?
- 505 L2 isso tá *okey*
- L1 O senhor tava falando da questão de saúde... que já abordou na/no o começo
- L2 [ éh... saúde São Paulo é um centro excepcional... porque nós temos aqui uma estrutura se saúde o Instituto do Câncer... ICESP a que/que é do estado atende o SUS... acabou de ser eleito o melhor hospital brasileiro eleito pelo os usuários... então nós temos ah::: ilhas importantes na aérea de saúde
- 510 L1 São Paulo não vai fazer feio? é isso?
- L2 [ não::: e confiamos também no campo... acho que nós vamos abrir a copa do mundo e vencer o jogo da da copa do mundo... e eu/e olha e a
- 515 L1 [ qual o seu partido? seu partido não... seu partido já sabemos éh::: o seu:::
- L2 eu sou...meu time é o peixe... eu sou do tempo do
- L1 [ é o Santos?
- L2 Dorval... Mengálvio... Coutinho... Pelé e Pepe... hoje Neymar e Ganso
- 520 L1 [ e agora tá louco pelo Neymar?
- L2 Neymar é um craque
- L1 [ olha aqui
- L1 [ e agora em dezembro vamos ser campeões... campeões pelas mundiais
- 525 né::: no Japão
- L1 O seu partido faz oposição à Dilma e vem batendo forte na questão da corrupção... o que mais que o PSDB pode fazer pra ganhar eleitores governador?
- L2 olha eu acho que o PSDB éh:::... é dum dos poucos partidos que tá sendo coerente... tá se mantendo na oposição... o Brasil não é vocacionado pra ter partido único... democracia pressupõe governo e oposição... a oposição é necessária pra criticar quando for necessário... pra não deixar o governo se acomodar... pra apontar
- 530

- desvios... pra propor ah:: questões importantes pro Brasil... um bom governo se beneficia como o exercício da oposição... aliás é de Santo Agostinho... “prefiro os que me criticam porque me corrigem aos que me adulam porque me corrompem”... é essencial... é tão patriótico ser oposição quanto ser governo...eu vejo que é necessário
- 535 [
- L1 mas o problema do PSDB é que ele/ahn:: ele éh/num num falta ao seu partido uma certa unidade governador? ele não faz oposição a si mesmo de alguma maneira?
- L2 não... você::... o problema do PSDB não são fofocas internas... o problema é dificuldade eleitoral... uma vez perguntaram ao Sérgio Motta porque que ele perdeu as eleições... porque faltou votos... o restante é firula... cê precisa ter voto então o partido precisa se aproximar da população... precisa amassar barro... precisa se empenhar na eleição municipal pra construir bases municipais
- 540 [
- L1 precisa ser mais PT?
- 545 L2 não... qual PT? Esse PT do do do deslize ético não... até porque eu vejo que a política como uma atividade essencialmente ética... se for para não ter ética... sai da política... política é uma atividade cuja essência é a ética... é a lealdade... é a honestidade... é prestar serviço à população... ah:: eu vejo que a presidenta Dilma ela se esforça no sentido de procurar melhorar mas o modelo político tá errado... imagine você
- 550 presidenta... VINTE e DOIS partidos no Congresso Nacional como é que você governa? quer dizer... o Brasil precisa fazer uma reforma política acabar com coligação proporcional pra ter quatro ou cinco partidos... ter fidelidade éh:: partidária e implantar voto distrital ou distrital misto... duas três coisas só ajudariam a política brasileira
- 555 L1 pra terminar ah:: o governador... pra encerrar mais um bloco toda mudança de governo na/no Brasil envolve a troca de cerca de trinta mil pessoas nos chamados cargos de confiança... não é gente de mais governador? num seria essa prática a que mais fomenta a corrupção no nosso país? Como fazer pra profissionalizar setores da administração pública e evitar esse loteamento de cargos digamos?
- 560 L2 cê tem razão... diz que o PT instrumentaliza até apostila de escola... não é possível... por isso que eu defendo o parlamentarismo o PSDB é um dos poucos partidos do país que tem no seu programa defesa do parlamentarismo... a Itália acabou de mudar o primeiro ministro mudou duzentas trezentas pessoas... o país nem sente nem sente... então não é como no presidencialismo pra tirar um presidente tem que ter
- 565 *impeachment* para o país... é um trauma fica parado um ano... então eu sempre defendi o parlamentarismo que é um governo moderno mais ágil... dá estabilidade ao que dever ser estável que é chefia de ESTADO e instabilidade ao que deve ser instável que é chefia de governo enquanto tem a confiança da sociedade e pro-fis-sio-nalizado o cargo de confiança é duzentos trezentos... cê troca governo sem ter
- 570 nenhum trauma... isso é... isso é modernidade né? o atraso é essa coisa POLÍTICO partidária dos amigos dos cupinchas né? dos compadres que não é o bom caminho da política moderna

L1 nós terminamos mais um bloco de frente com o governador Geraldo Alckmin voltamos já já pra parte final do programa

575 **QUARTO BLOCO**

- L1 de volta para o último bloco de frente com o governador Geraldo Alckmin... governador... bate bola jogo rápido hein:: vamos ver esse Santos aí o que que resolve AQUI nesse campo Corinthians... família?
- L2 família é amor
- 580 L1 religião?
- L2 religião é Deus
- L1 e Opus Dei?
- L2 Opus Dei é uma/eu num sou do Opus Dei
- L1 mas foi?
- 585 L2 NÃO nunca nunca... isso aí é um grande equívoco mas respeito... a Opus Dei é uma... um setor da igreja Católica
- L1 Dilma Rousseff?
- L2 acho que é uma pessoa bem intencionada ahn:: HONESTA
- L1 Lula?
- 590 L2 um líder
- L1 política?
- L2 arte e ciência ao encontro do bem comum
- L1 o maior sonho?
- L2 os filhos os netos né? ((risos))
- 595 L1 na parte profissional digamos?
- L2 ah... na política? acho que servir à população ((risos)) com honestIDADE
- L1 ((risos)) [ ser presidente da república  
seria a resposta
- ((gargalhadas))
- 600 L2 isso é não é sonho isso é destino ((gargalhadas)) o doutor Tancredo dizia que polí/a presidência da república é destino então ninguém pode ser candidato a uma coisa que é destino né::

- L1 ninguém pode sonhar com o destino?  
L2 [ éh:: desTINO ((risos))
- L1 tá bom... um grande medo?  
605 L2 ah::: perder a esperança  
L1 chuchu pimenta?  
L2 ((risos)) um bom apelido  
L1 futuro?  
L2 o futuro trará sua própria aflição nós temos que fazer bem feito o PRESENTE  
610 L1 brasileiros?  
L2 generosos trabalhadores  
L1 Geraldo Alckmin por Geraldo Alckmin?  
L2 um::: trabalhador:: que::: ahn:: que éh:: entrou na política simples e quer sair da política simples  
615 L1 muito obrigada pela entrevista governador... nós estaremos de volta no próximo domingo com o piloto Felipe Massa... até lá::

**ANEXO II**

## MEMORIAL DESCRITIVO

Motivada pelo fascínio da literatura, iniciei a graduação em Letras com licenciatura em Português/Inglês em 1985 na Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), na cidade de São José dos Campos, SP. Nesse mesmo ano, casei-me, e tendo em vista minha situação financeira bastante restrita, optei por estudar no período noturno para assim, poder trabalhar durante o dia e obter recursos para pagar meu curso.

Fiquei muito entusiasmada pelos estudos e não tive dificuldade em acompanhar as disciplinas, ainda mais, que já havia cursado o nível básico de inglês no Centro Cultural Brasil Estados Unidos (CCBEU) em Santos-SP na época em que ainda cursava o ensino médio. Além disso, a leitura de muitos livros de Literatura Clássica e Moderna, citados em aula, me ajudaram bastante a interagir com as informações e contextualizá-las.

Durante o curso, trabalhei exercendo a função de secretária numa grande indústria de São José dos Campos. Nesse período, tive a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos da norma culta da língua e a interação constante com estrangeiros me ofereceu a oportunidade de praticar o idioma Inglês.

Em 1994, já com dois filhos e residindo em Brasília-DF, iniciei minha carreira docente, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa no ensino médio do colégio privado Juscelino Kubitschek. Como ainda não tinha experiência na profissão, me esmerava ao máximo para não frustrar meus alunos e àqueles que haviam me dado a oportunidade de provar minha competência. Empenhava-me bastante no planejamento das aulas, pois os conteúdos a serem trabalhados eram bem específicos e demandavam muitos estudos da Gramática Normativa. Ao final do ano letivo, os gestores demonstraram-se muito satisfeitos com o meu trabalho e me ofereceram a oportunidade de assumir o cargo de Orientadora Pedagógica, do qual tive que declinar, pois meu retorno a São José dos Campos estava previsto em decorrência do término do contrato de trabalho de meu marido.

Já com alguma experiência, comecei a procurar emprego como professora em São José dos Campos e em pouco tempo, fui contratada pelo Collegium Illuminati, também da rede privada, em fevereiro de 1995, para lecionar Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

Nessa escola, adquiri experiência com alunos de outra faixa etária e com propostas didáticas mais voltadas ao desenvolvimento das competências leitora e escritora. Consegui desenvolver um bom trabalho e estava plenamente adaptada às propostas pedagógicas e ao

corpo docente, no entanto, outra transferência de trabalho do meu marido obrigou-nos à mudança para o Estado de Pernambuco.

No Recife-PE, lecionei no Ensino Fundamental do Colégio Atual, considerado, na época, o maior colégio da rede privada de Recife. Realmente foi uma experiência maravilhosa. A convivência com a cultura rica do nordeste me trouxe a possibilidade de refletir sobre a variedade linguística e entrar em contato com expressões artísticas diferentes das quais eu estava acostumada a ver no Estado de São Paulo. Muitos passeios pedagógicos eram promovidos pelo colégio com o intuito de enriquecer o currículo, e alguns foram inesquecíveis, como por exemplo, ao museu do Mestre Vitalino na cidade de Caruaru e ao maior teatro em céu aberto do mundo na cidade-teatro de Fazenda Nova, no interior de Pernambuco para assistir à encenação da Paixão de Cristo.

Terminado o contrato de trabalho de meu marido, retornamos para São José dos Campos, onde continuei minha carreira lecionando em outras escolas particulares tanto na disciplina de Língua Portuguesa como na de Língua Inglesa. Em 1998 ingressei em caráter efetivo na Rede de Ensino Pública da cidade de São José dos Campos, onde até hoje permaneço.

Buscando desenvolver meus conhecimentos na área, fiz duas especializações: *Qualidade na Educação Básica* pelo Departamento de Desenvolvimentos Humano (DHD) da Secretaria Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). e *Gestão, orientação, supervisão escolar* pela Faculdade do Litoral Sul Paulista (FALS). Além desses cursos, participei de inúmeros outros encontros, simpósios, oficinas e cursos de pequena duração que propiciaram meu crescimento profissional.

O sonho em cursar o mestrado sempre esteve presente nos meus planos, no entanto, acabou sendo adiado, pois durante vários anos tive que conciliar duas jornadas de trabalho entre escola particular e pública. Com a iminência de uma nova transferência de meu marido, dessa vez, para Três Lagoas-MS, em 2010, vislumbrei a possibilidade de conquistar esse sonho na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Então, solicitei licença do meu cargo por três anos, para encarar mais essa empreitada, que não seria nada fácil.

Em junho de 2010, já residindo em Três Lagoas, me inscrevi como aluna especial para cursar a matéria *Análise do Discurso (AD)* com a professora Vânia Maria Lescano Guerra. O curso foi muito proveitoso, pois como estava afastada do meio acadêmico há vários anos, tive a oportunidade de relembrar alguns conceitos já adormecidos e enveredar por uma área totalmente nova para mim.

Embora, tivesse me empenhado muito durante o curso, feito todas as leituras sugeridas e estudado muito em casa, não consegui conquistar uma vaga no processo seletivo no qual me inscrevi no final de 2010.

Determinada a alcançar tal intento no primeiro semestre de 2011, fiz novamente inscrição como aluna especial para o curso *Tópicos de Semântica e Pragmática* na área da *Análise da Conversação (AC)* com a professora Vanessa Hagemeyer Burgo. Nesse curso, fiquei apaixonada pelos novos conhecimentos e também pela maneira como a professora conduzia as aulas. Sempre muito receptiva, propiciou um convívio muito amistoso, o que acabou facilitando a comunicação com os alunos, fazendo-os se sentirem muito à vontade para expressar suas idéias e dúvidas. Sentindo-me motivada, dediquei-me integralmente aos estudos e intensifiquei minhas pesquisas na área da AC que culminaram na apresentação do trabalho *Estratégias de dissimulação para a performance de um anti-herói* no Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná (CELLIP), na Universidade Estadual de Londrina (UEL) em outubro de 2011.

Fiz inúmeras leituras relacionadas à AC e tendo minhas esperanças renovadas, comecei elaborar um anteprojeto intitulado *Introdução e retomada dos tópicos em entrevistas televisivas* sob orientação da professora Vanessa Hagemeyer Burgo. Também retomei alguns estudos para participar novamente do processo seletivo para o mestrado na UFMS que seria em outubro de 2011.

A conquista finalmente aconteceu e consegui ingressar no curso de mestrado, no primeiro semestre de 2012 na área de Estudos Linguísticos direcionada para a linha de pesquisa *Análise, descrição e documentação de línguas* sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Hagemeyer Burgo.

No primeiro semestre, cursei matérias que foram de grande valia para o meu crescimento e amadurecimento no campo da Linguística e para a elaboração da minha dissertação, das quais, destaco *Análise da Conversação*, com a professora Vanessa Hagemeyer Burgo; *Teorias da Linguagem*, com os professores Edson Rosa Francisco de Souza e Eduardo Penhavel de Souza e *Tópicos Especiais: Análise do Discurso*, com as professoras Diana Luz Pessoa de Barros e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos.

Em *Análise da Conversação* aprofundi ainda mais os conceitos sobre Língua Falada e estudei teóricos importantes para a fundamentação da minha dissertação. Em *Teorias da Linguagem*, pude construir um panorama amplo da Linguística e suas vertentes, o que possibilitou definir o foco da minha pesquisa e em *Tópicos Especiais: Análise do Discurso*

obtive conhecimentos sobre a *Teoria Semiótica do Texto* e sua interface com a *Análise da Conversação*, permitindo assim uma perspectiva mais ampla para a análise dos texto falado do ponto de vista de sua organização e estruturação.

Após várias leituras e, sentindo-me mais preparada, comecei a elaborar a minha dissertação intitulada *Introdução e retomada de tópicos em entrevista televisiva*. Em julho de 2012, apresentei o trabalho *Procedimentos utilizados para a inserção ou a retomada de tópicos em entrevistas televisivas* no 2º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (CIELLE) na Universidade Estadual de Maringá (UEM) Em outubro do mesmo ano, apresentei a comunicação *Um estudo das máximas de Grice para a preservação da face em entrevista televisiva* no VI Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em Campo Grande-MS, em agosto de 2012, apresentei o trabalho intitulado *Inserção e retomada de tópicos em entrevistas televisivas*, no VIII Seminário de Estudos sobre Linguagem e Significação (SELISIGNO) na Universidade Estadual de Londrina (UEL), que resultou na publicação do artigo sob o mesmo título em anais do SELISIGNO e em novembro de 2013, apresentei a comunicação *As paráfrases na manutenção e delimitação do tópico*, no IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL).

Atualmente continuo pesquisando na área da Análise da Conversação com ênfase nos estudos sobre *procedimentos de preservação da face* e a importância do *contexto interacional* apontados pelo autor Erving Goffman e o imbricamento desses conceitos com a *monitoração tópica*. Também se incluem como objetos de pesquisa a serem aprofundados, estudos sobre a *entrevista* (concebida como espaço de subjetivação), a *representação de papéis interacionais*, a *assimetria na interação* e a *interação no espaço midiático*.